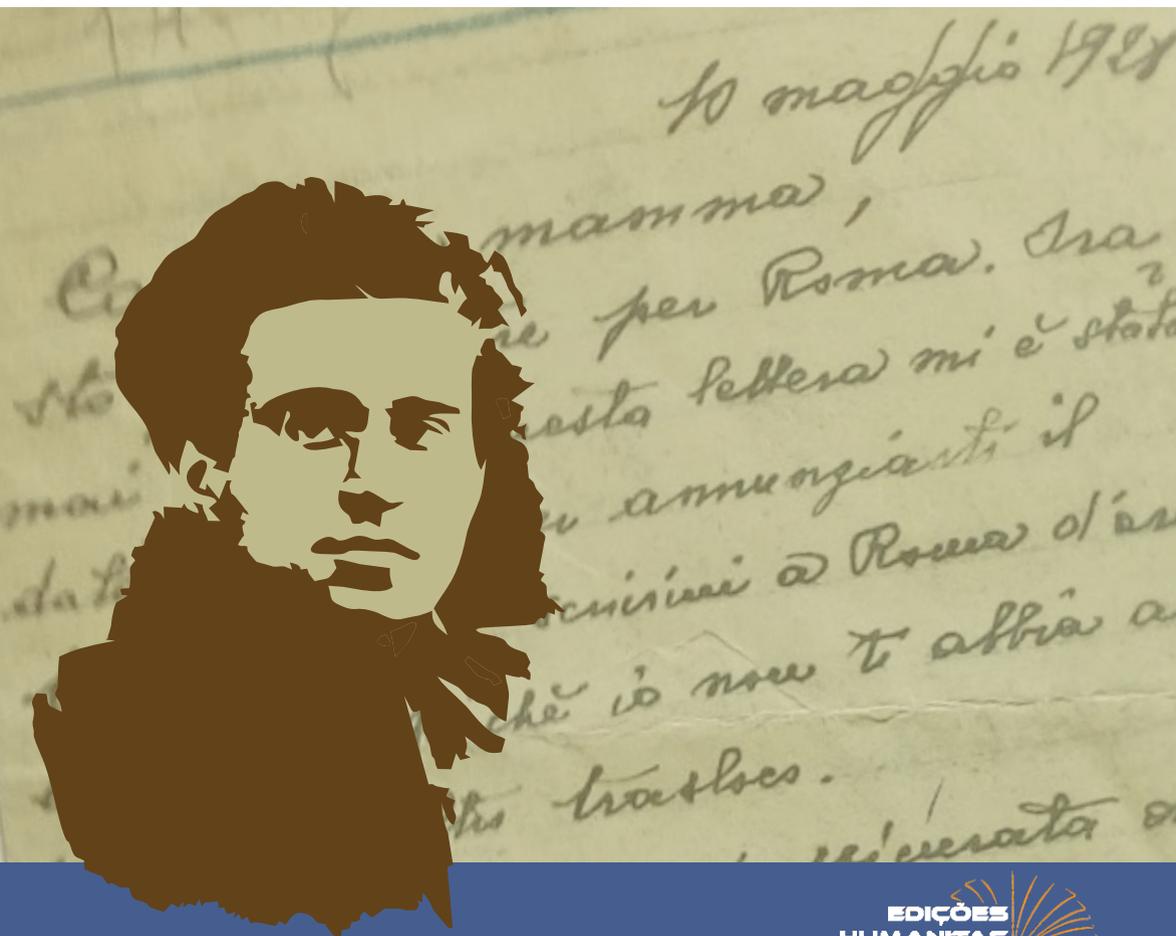


Dimitrij Zen

Ermano Rodrigues do Nascimento

Organizadores

# *Antonio Gramsci* CARTAS ANTES DO CÁRCERE



DIMITRJ ZEN  
ERMANO RODRIGUES DO NASCIMENTO  
ORGANIZADORES

*Antonio Gramsci*  
CARTAS ANTES DO CÁRCERE

TATIANA LEMES FLAUSINO  
TRADUÇÃO



RECIFE, PE  
2025

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP**

**Reitor** – Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira S.J.

**Vice-Reitor** – Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

**Pró-reitor Administrativo – Prad** – Prof. Dr. Pe. Carlos Fritzen, S.J.

**Pró-reitor de Graduação – Prograd** – Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima

**Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação – Propesp** – Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

**Diretor do Instituto Humanitas e Editor Chefe das Edições Humanitas** – Prof. Dr. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne SJ

**Editores**

Carlos Alberto Pinheiro Vieira

Daniilo Vaz-Curado R M Costa

José Maria da Silva Filho

Lúcio Flávio Ribeiro Cirne SJ

**CONSELHO EDITORIAL DA EDIÇÕES HUMANITAS**

**Membros Internos**

Profa. Dra. Carla Patrícia Pacheco Teixeira

Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ.

Prof. Dr. Daniilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima

Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva

Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos

Profa. Dra. Isabela Barbosa R. Barros

Prof. Dr. José Afonso Chaves

Prof. Dr. José Marcos G. de Luna

Profa. Dra. Maria do Rosário Silva

Profa. Dra. Rita Maria Gomes

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

**Membros Externos**

Prof. Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS (Brasil)

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura – Universidade de Pernambuco (Brasil)

Prof. Dr. Daniel Leonard Everett – Bentley University (EUA)

Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro – FAJE (Brasil)

Prof. Dr. José Pinheiro Pertille – UFRGS (Brasil)

Prof. Dr. Erico Andrade Marques de Oliveira – UFPE (Brasil)

Prof. Dr. Betto Leite da Silva – UFPB (Brasil)

Profa. Dra. Maria Cecília Abdo Ferez – UBA (Argentina)

Prof. Dr. Miguel Angel Rossi – Instituto Gino Germani (Argentina)

Prof. Dr. Georg Sans – Hochschule für Philosophie (Alemanha)

**Secretário Executivo:** José Maria da Silva Filho

**Diagramadora e Capa:** Lílian Maria de Oliveira

**Revisão:** José Maria da Silva Filho

---

G747a Gramsci, Antonio  
Antonio Gramsci [recurso eletrônico] : cartas antes  
do cárcere / Antonio Gramsci; Dimitrij Zen, Ermanno  
Rodrigues do Nascimento organizadores, Tatiana Lemes  
Flausino tradução. -- Recife : Humanitas, 2025.  
146 p.

ISBN 978-65-01-48587-4 (E-Book)

1. Gramsci, Antonio, 1891-1937.
2. Filosofia marxista - Itália. 3. Comunistas - Biografia.  
I. Zen, Dimitrij., org. II. Nascimento, Ermanno Rodrigues  
Do., org. III. Flausino, Tatiana Lemes., trad. IV. Título.

CDU 1(GRAMSCI)  
Luciana Vidal CRB-4/1338

---

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial de Edições Humanitas.  
Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro, ou de seus capítulos, para fins comerciais. A referência às ideias e trechos deste livro deverá ser necessariamente feita com atribuição de créditos aos autores e à Edições Humanitas.

Esta obra ou os seus artigos expressam o ponto de vista dos autores e não a posição oficial da Edições Humanitas da Universidade Católica de Pernambuco

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>PREFÁCIO</b>   | 4   |
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | 8   |
| <b>BLOCO 1</b><br>A FAMÍLIA BURGUESA DE GRAMSCI E O GRAMSCI UNIVERSITÁRIO                               | 14  |
| <b>BLOCO 2</b><br>GRAMSCI JORNALISTA E O INÍCIO DA ATIVIDADE POLÍTICA<br>NO PARTIDO SOCIALISTA ITALIANO | 15  |
| <b>BLOCO 3</b><br>VIDA PESSOAL DE GRAMSCI E SEU AMOR PARA COM A ESPOSA<br>DE ORIGEM RUSSA               | 18  |
| <b>BLOCO 4</b><br>DIFICULDADES DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO COM O<br>FORTELECIMENTO DO FASCISMO        | 21  |
| <b>BLOCO 5</b><br>O DRAMA DA PRISÃO DE GRAMSCI E DE SEUS COMPANHEIROS                                   | 22  |
| <b>BLOCO 6</b><br>GRAMSCI, CARTAS PARA O FUTURO   | 25  |
| EPISTOLÁRIO   | 26  |
| ÍNDICE DOS NOMES  | 138 |
| BIBLIOGRAFIA GRAMSCIANA   | 144 |
| BIBLIOGRAFIAS   | 144 |

## PREFÁCIO

O mundo contemporâneo é marcado por profundas transformações nas formas de convivência dos seres humanos em sociedade, por um crescente desgaste das grandes mundivisões, do credo inabalável na possibilidade de construção de um mundo mais justo, pacífico e solidário e, assim parece, despediu-se das visões utópicas e salvacionistas, chegando a conformar-se com a ideia do fim da história.

Constata-se um certo cansaço tanto intelectual quanto prático, quando se trata da vontade decidida de participação dos cidadãos no planejamento e na organização da vida social, política, econômica e cultural, além da descrença na efetiva representatividade daqueles e daquelas que assumem a tarefa de traduzir projetos sócio-políticos em objetividade histórico-concreta.

A leitura do presente livro, que reúne escritos do filósofo político italiano Antonio Gramsci, produzidos antes da sua prisão ordenada por Mussolini, e que tinha como finalidade, “impedir esse cérebro de funcionar”, como alegou o procurador atuante no processo, possibilita um diálogo com um pensador inspirado e movido por um firme desejo de formação de uma vontade coletiva, transformada em ação revolucionária, no sentido da hegemonia político-econômica e cultural, visando a reunificação da humanidade e sua emancipação de todas as formas de exploração e opressão.

Gramsci é um filósofo da ação, da práxis, e assume, em sua vida e em sua obra, como espécie de bandeira filosófico-política, o que Karl Marx tinha dito na XI Tese sobre Feuerbach: “Os filósofos têm interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo”. Ele convida o homem a elaborar criticamente a própria concepção do mundo, escolher a própria esfera de atividade e participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de si mesmo e não aceitar passiva e servilmente a marca da própria personalidade.

A Filosofia deve ser entendida como uma nova concepção do mundo que está intimamente fundida com um programa político e com uma concepção da história que o povo reconhece como expressão de suas necessidades vitais. Sendo assim, para Gramsci, filosofia e política atuam juntamente, se complementam, assim como pensamento e ação. A filosofia é história em ato, é a própria vida, é filosofia em ato.

Gramsci estabelece uma estreita relação entre interpretação do mundo e sua modificação. Trata-se de uma interpretação que surge quando se quer interpretar para mudar e quando se constrói a própria interpretação, tendo como mira a modificação. Nesse sentido, filosofia, política e história articulam-se entre si, condicionam-se e realizam-se mutuamente, é a história que se constrói e interpreta a si mesma, através da ação política, regida por uma filosofia-concepção do mundo.

Estamos diante de uma filosofia da práxis que é uma reforma e um desenvolvimento dos sistemas filosóficos anteriores a ela, é uma filosofia liberta de elementos ideológicos unilaterais e fanáticos, ela abre um caminho inteiramente novo, renova o modo de pensar, é a mundanização e terrenalidade absoluta, um humanismo absoluto da história.

O nosso pensador insiste na identificação de teoria e prática como um ato crítico, pelo qual se demonstra que a prática é racional e necessária ou que a teoria é realista e política, pensamento e ação, quer dizer filosofia da práxis. Práxis como atividade revolucionária, questionadora e inovadora. Assim, a consciência dos homens é resultado de um processo histórico, de lutas e conquistas políticas, é construção teórico-prática de uma hegemonia coerente e racional, como posse de uma concepção do mundo que expressa um momento histórico e no qual essa mesma consciência se reencontra reflexivamente. Aqui, Gramsci pode falar da unidade intelectual e uma ética adequadas a uma concepção do real.

A filosofia da práxis, filosofia que inspira todo o edifício intelectual e prático do nosso filósofo, é entendida como “teoria das contradições da sociedade, da sociedade capitalista industrialmente desenvolvida, é a ideologia orgânica das classes subalternas e, entre elas, da classe proletária, enquanto protagonista de um novo momento histórico ou “bloco histórico”. Ela é uma espécie de esfera hermenêutica teórico-prática por excelência, de conhecimento-reconhecimento do homem como ser integrado num

horizonte de sentido, na qual o homem massa se nega a si mesmo como “massa”, como “comum”, como “desagregado” e começa a se assumir como sujeito histórico, político, cultural, ético e movido por um desejo profundo de construir uma sociedade mais justa e solidária.

Para a filosofia da práxis, o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto. Daí a concepção gramsciana da totalidade orgânica. Que, traduzida para a totalidade social, significa que o econômico, o político, o cultural estão relacionados entre si não como causa efeito, mas como um sistema, no qual, se cada parte constitutiva é dependente, para se atualizar, das demais, em compensação é necessária para que os outros aspectos possam também existir.

Aqui encontra-se o momento original-criativo do pensamento político de Gramsci dentro da tradição marxista. Ele desenvolve a sua teoria prático-crítica da influência das estruturas ideológicas, como forças materiais, no curso da História e centra a ação transformadora do homem não no plano econômico, mas sim no campo ideológico da luta pela conquista de um aparato hegemônico próprio do interior da sociedade, a luta econômica sendo “secundária”, mesmo após a tomada do poder na sociedade política, através da reabsorção desta última pela sociedade civil.

A sociedade civil adquire uma autonomia específica não redutível nem à corporação-economia, nem à política em sentido meramente técnico-instrumental. Ela se torna – enquanto terreno dos conflitos ideológicos por excelência – o elemento mediador, porque dominante. Contra o economicismo, Gramsci salienta a importância do momento ético-político na transformação histórica; contra a estatolatria ou ditadura, salienta a importância do momento ético.

O filósofo italiano não se interessa por sistemas fechados (economicamente, politicamente e ideologicamente); não absorve o individual no coletivo; ele é um defensor implacável do homem consciente de seu papel atuante na sociedade e na história. Daí a defesa da “verdade consciente” contra qualquer forma de dogmatismo.

Gramsci propõe uma “reforma intelectual e moral” que se expressa nas suas palavras quando, em dezembro de 1917, escreve em *Il Grido del Popolo*, abordando a relação Intransigência-tolerância: “Pode-se ser intransigente na ação quando se foi tolerante na discussão e quando os mais preparados ajudaram os menos preparados a acolher a verdade, quando as experiências singulares foram postas em comum, quando todos os aspectos do problema foram examinados e não se criou uma ilusão [...]. Nós somos apenas contra a intolerância que seja um produto do autoritarismo ou da idolatria, porque impede os acordos duráveis, porque impede que se fixem regras de ação moralmente obrigatórias, porque ao fixá-las participaram livremente todos. Porque esta forma de intolerância conduz necessariamente à intransigência, às incertezas, à dissolução dos organismos sociais”.

Sem dúvida, o livro que se apresenta aqui, pode contribuir para uma mais profunda e crítica compreensão da filosofia e da política de Antonio Gramsci, da prática de um jovem que foi capaz de se formar intelectual, política e eticamente, apesar de todas as dificuldades e contratempos encontrados pelo caminho. O homem revolucionário de corpo e alma, com uma invejável capacidade analítica e hermenêutica quando se trata da compreensão e conceituação de um determinado momento histórico. Além disso, a leitura pode nos ajudar a entender melhor a complexidade do momento social, político, econômico atual, e nos convidar a uma cidadania ativa, comprometida com as grandes causas da humanidade e com uma reforma intelectual e moral tanto no nível individual quanto social.

Karl Heinz Efen  
Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia – PPGFIL/UNICAP

## INTRODUÇÃO

O pensamento gramsciano sempre foi lido no Brasil através de uma dicotomia limitada e limitante.

No primeiro caso, houve uma total aceitação acrítica de cada conceito desenvolvido por Gramsci, talvez pelo fato de a identidade gramsciana pertencer à esquerda; ou talvez devido à admiração por sua coragem e dignidade, mostradas através dos sofrimentos na prisão fascista.

No segundo caso, houve uma recusa igualmente dogmática por áreas culturais de natureza conservadora, sejam elas eclesásticas (por exemplo, aquelas contrárias à Teologia da Libertação), ou associadas a áreas políticas conservadoras (por exemplo, os partidos de direita que nominalmente não se definem como tal).

Deve-se acrescentar que entre os conservadores mais esclarecidos, ou mais distantes das trevas, o pensamento de Gramsci foi considerado perigoso, porém, intelectualmente respeitado, sendo visto como um brilhante *Cavalo de Tróia* que, se deixado para fermentar livremente, poderia corroer os pilares do sistema democrático-capitalista, penetrando sorrateiramente nas instituições acadêmicas e no mundo jornalístico-editorial.

No entanto, esta realidade dicotômica, seja obsessivamente conspiradora da parte da direita, seja intelectualmente estéril, da parte da esquerda, é basicamente equivocada por ambos.

Tão equivocada quanto qualquer avaliação referente ao trabalho de um pensador em que se confundem o pensamento filosófico de tal autor com as escolhas políticas e existenciais do homem que o produziu.

Além do fato de que desse modo, a obra de um autor passa a ser considerada *sub speciae aeternitatis*, em vez de contextualizada com a época em

que foi produzida e, assim fazendo a utilizam mecanicamente para objetivos pragmáticos rudimentares, sejam eles revolucionários ou antirrevolucionários, em vez de usá-la como uma ferramenta sinérgica útil para a compreensão de fatos político-sociais.

Isso não significa que não se possam discernir pontos convergentes entre a produção filosófica e a experiência existencial presentes em qualquer autor, porém significa que, mesmo um filósofo como Gramsci cujas elaborações de filosofia e de política tenham sido teorizadas como estratégias que mais tarde teriam sido implementadas na realidade político-social italiana, esse vínculo é menos forte do que ele pode parecer à primeira vista.

Uma prova desta dicotomia interpretativa relativa às obras gramscianas no Brasil evidencia-se especialmente pela ausência quase total de traduções e escritos críticos sobre as ideias elaboradas por Gramsci antes de 1926, ou seja, antes que o fascismo o condenasse transformando-o em um mártir.

Tem-se em conta que, para os escritos produzidos de 1927 até a sua morte, existem no Brasil boas traduções e edições críticas, apresentados em nove volumes com cerca de 4.500 páginas, bem como centenas de monografias e artigos acadêmicos.

Outra razão que explica a deficiência de propagação desta parte da bibliografia de Gramsci deriva especialmente da dificuldade de interpretar os acontecimentos sócio-políticos, que se originaram na década que passa desde o início da I Guerra Mundial, e que vai até a radicalização autoritária do fascismo.

O período em questão representa de fato uma objetiva complexidade hermenêutica, em que se confrontam/colidem várias teorias historiográficas, especialmente as produzidas pelas diferentes esquerdas, em relação à escolha do posicionamento da Itália na I Guerra Mundial e a ascensão do fascismo.

Ainda hoje é difícil para a esquerda, dividida de 1921 até 1991, explicar por que alguns socialistas internacionalistas foram a favor da I Guerra Mundial (os trabalhadores não devem lutar entre si para enriquecer o fabricante de armas), ou explicar por que alguém como Mussolini tenha sido diretor do maior jornal socialista, para em seguida criar uma ditadura de direita.

Naqueles anos, na verdade, teve-se pela primeira vez na Europa, com a ascensão do fascismo, o nascimento de um movimento totalitário autóctone que não tinha relações de identidade com outros movimentos políticos e ideológicos externos.

O nascimento dos partidos comunistas, tanto os italianos como o brasileiro, de fato, foi consequência da Revolução Russa de 1917.

O fascismo, no entanto, é uma invenção exclusivamente italiana (pensa-se que Mussolini, por ter algumas referências culturais, tenha pegado da Roma antiga os feixes de combate), e Gramsci pôde/teve de viver e lidar com este novo fenômeno retrógrado da cultura e da política italiana.

Pode-se observar que esta novidade antidemocrática e violenta que o fascismo infelizmente impôs aos italianos, é ainda difícil de entender para a historiografia acadêmica da América do Sul, onde a análise fundamental da penetração da ideologia fascista nas instituições do Estado italiano, é superficialmente relacionada, pura e simplesmente, a um golpe de Estado (*Pinoce docet*).

Na realidade, a ação cancerígena que o fascismo teve no corpo do Estado, durou anos e a biografia de Gramsci, através de suas cartas, é particularmente útil para descrever este retrocesso de natureza político-social, bem como cultural.

Considera-se, como exemplo paradigmático que mostra tal retrocesso, o fato de que as forças de esquerda na Itália haviam conseguido em 1900 e em 1915, obter alguns benefícios para os trabalhadores e até mesmo a possibilidade do voto para todas as pessoas, incluindo os analfabetos.

A proposta de apresentar *as cartas* de Gramsci, inéditos no Brasil, baseia-se inicialmente na importância deontológica, considerada inquestionável pelos autores, de separar claramente o trabalho historiográfico (*sine ira et studio*), das interpretações ideológicas reducionistas dos acontecimentos históricos.

Em segundo lugar, é importante familiarizar o leitor a documentos conclusivos, que possam lhe servir de bússola para lhe orientar na complexidade do período histórico analisado.

Neste caso, o leitor brasileiro pela primeira vez terá acesso a documentos originais de excepcional importância, como por exemplo, as cartas enviadas por Antonio Gramsci a Stalin e Trotsky, além de poder ler as avaliações gramscianas relacionadas à ascensão do fascismo, com julgamentos sobre a passagem de Mussolini do socialismo à criação de uma ditadura de direita.

O objetivo deste livro, contendo a tradução das cartas de Gramsci antes da prisão, não é só de natureza historiográfica ou político-filosófica, mas também produzir um exercício de psicologia histórica útil para a compreensão da pessoa de Gramsci.

Por essa razão, de fato, os organizadores da presente obra consideram o *epistolário* um documento fascinante e indispensável, uma vez que o desenrolar cronológico das cartas, juntamente com a diferença tipológico-conceitual das mesmas, permite chegar mais perto dos eventos históricos, associando-os à experiência existencial de Gramsci, seja no amor por sua esposa ou no nascimento do filho.

O livro apresenta as cartas de Gramsci em ordem cronológica, colocando no final um índice de nomes contendo breves biografias, o que permitirá que o leitor compreenda mais claramente os pensamentos de Gramsci, associando-os a temas específicos em momentos específicos do ano em que as cartas foram escritas.

Os anos selecionados são de 1913 a 1926, período este que, além de crucial para a construção da personalidade gramsciana, também pode ser definido como o manifesto programático do século XX. Um século curto, e que nesta década é projetado e decidido por duas datas. Em 1917, Revolução Bolchevique na Rússia; e em 1921, o nascimento do Partido Fascista na Itália.

Ao longo do século XX, de fato, a luta entre o sistema capitalista e os regimes comunistas, considerando como subproduto o nascimento de ditaduras fascistas, em alguns casos, repetindo-se incansavelmente.

Mesmo com a criação de grupos supranacionais, como o movimento dos países não-alinhados, é substancialmente consagrada a existência dos dois pontos diversos que não desejavam alinhar-se.

O fascismo italiano, em todo caso, bem como a revolução bolchevique-comunista na Rússia, é um fenômeno político-cultural autóctone que servirá de matriz ideológica e até mesmo semiótica por dezenas de outros regimes ao redor do mundo.

Considere as semelhanças que as sucessivas ditaduras fascistas ao redor mundo, adaptadas a idiosincrasias locais, tiveram com a italiana. Vale salientar a Alemanha de Hitler, a Espanha de Franco, o Portugal de Salazar, a Turquia de Ataturk, a Argentina de Peron, o Chile de Pinochet, e até mesmo no Oriente Médio com as ditaduras do partido único Baaht na Síria e no Iraque.

Para certificar-se da matriz comum e da semelhança ideológica e estilística que muitos países tiveram com o fascismo italiano, é importante comparar a patológica e até ridícula iconografia que um personagem como Saddam Hussein no Iraque, escolhido aleatoriamente entre todos os países acima mencionados, produziu durante a sua ditadura, e compará-la com a mesma iconografia patológica e ridícula produzida durante o período fascista de Mussolini, é de suma relevância para entender melhor questões de moral quanto atitudes imorais e amorais expressas pelos ditadores.

Pinturas de Saddam como piloto de avião, Saddam a cavalo, Saddam camponês, Saddam orador, Saddam tudo.

Por esta razão, o conhecimento das dinâmicas políticas e sócio-culturais desses anos é fundamental para qualquer pessoa interessada por história ou filosofia política do século XX, e a biografia existencial e intelectual de Gramsci, descrita através de suas cartas, serem sempre leituras de “cabeceira”, i é, leitura obrigatória.

As cartas apresentadas neste epistolário gramsciano, escritas antes da prisão, podem ser sinteticamente divididas em seis grupos.

1. Inicialmente temos as cartas familiares que descrevem um Gramsci universitário.
2. Posteriormente temos as cartas relacionadas à profissão de jornalista e ao início da atividade política no partido socialista italiano.

3. Como terceiro bloco do *epistolário*, encontramos as cartas referentes à relação político-cultural com os expoentes do partido comunista russo a qual o partido comunista italiano era afiliado.
4. Em seguida, vem a parte relativa à vida pessoal de Gramsci, com cartas à esposa de origem russa. Porém, cronologicamente escritas na mesma época, estão publicadas as cartas sobre as dificuldades que o Partido Comunista Italiano enfrentou com o fortalecimento do fascismo.
5. Cartas que resumem o drama da prisão tanto de Gramsci quanto de muitos companheiros; haja vista, outros companheiros terem o exílio como alternativa.
6. Finalmente, destacamos algumas cartas de Gramsci ressaltando sua utopia ou mais precisamente, cartas para o futuro.

Dimitrj Zen  
Mestre em Filosofia



## BLOCO 1

### A FAMÍLIA BURGUESA DE GRAMSCI E O GRAMSCI UNIVERSITÁRIO

Sem reconstruir a árvore genealógica a partir dos antepassados albaneses, fugidos na Itália na segunda metade de do século XIV depois da invasão turca na Albânia e nos Balcãs, podemos iniciar a história da família Gramsci pelo avô paterno, que saiu do Exército Borbónico com a patente de Major.

O filho dele, Francesco Gramsci, pai de Antonio, frequentou por dois anos a faculdade de Direito e, depois, ganhou um concurso público sendo nomeado responsável da repartição de Ghilarza na Sardenha.

A mãe de Antonio Gramsci estudou só até a terceira série – como era infelizmente comum para as mulheres naquela época – mas era a filha de um tabelião e fundou, apesar da pouca escolaridade, o primeiro círculo feminino de Ghilarza.

Para entender que a família Gramsci fazia parte da elite italiana basta lembrar que na época na qual Gramsci cursava a universidade em Turim, o número de laureados universitários era de 50.000, ou seja, um em cada seiscentos cidadãos; e o número de analfabetos era de aproximadamente quinze milhões.

Quando Antonio Gramsci tinha sete anos, seu pai foi preso e condenado a cinco anos de reclusão por peculato, concussão e falsidade ideológica. Depois deste drama as condições econômicas da família pioraram e as cartas de Gramsci, estudante universitário em Turim revelam estas dificuldades.

Nesta situação o papel das mulheres da família Gramsci, da mãe Giuseppina e das irmãs, Teresina e Grazietta, foi insubstituível. O restante da família era formado pelos irmãos, Gennaro e Mario, que tiveram idéias e destinos diferentes ao longo do regime fascista.

Gennaro, oficial na primeira guerra mundial, foi socialista e depois comunista; depois da prisão de Antonio Gramsci fugiu para a Bélgica e depois lutou na Espanha contra o general Franco.

Mario, ao contrário, se casou com uma rica e nobre mulher de Milão e chegou a ser secretário do Partido Fascista de Varese e oficial na invasão colonial da Abissínia.

A família Gramsci, então, apesar de ter decaído, faz parte da burguesia italiana, enquanto Antonio Gramsci, depois da primeira guerra mundial, inicia a própria carreira de jornalista e militante político tendo como adversário ideológico, político e cultural aquela classe burguesa na qual tinha nascido.

## BLOCO 2

### **GRAMSCI JORNALISTA E O INÍCIO DA ATIVIDADE POLÍTICA NO PARTIDO SOCIALISTA ITALIANO**

O maior problema inerente a uma análise abrangente do epistolário “juvenil” gramsciano, especialmente em relação às correspondências contendo o início de suas produções jornalísticas, é o fato de que quase todas as cartas escritas durante a Primeira Guerra Mundial desapareceram.

As cartas sobreviventes, e as poucas outras de correspondências indiretas indicam, de facto, que a produção de cartas de Gramsci desse período, deve ter sido muito mais abundante do que as poucas cartas que possuímos.

Nesta seção, os organizadores do presente epistolário decidiram incluir uma série de anotações históricas relacionadas à atividade jornalística de Gramsci, tendo como objetivo a complementação da biografia de Gramsci para o período da I Guerra Mundial. Tal complementação foi considerada necessária devido a enorme carência de cartas do período.

O título que define o conjunto das cartas de Gramsci aqui apresentadas é “Cartas antes do cárcere”. Este título foi escolhido porque os organiza-

dores do presente texto consideram que não seria muito claro definir as cartas que Gramsci escreveu aos 30 anos como “juvenis”. Tendo em conta também o fato, dentre outros, que ele as escreveu após ter estudado durante anos em uma das melhores universidades italianas, já ter trabalhado como jornalista, e ter desenvolvido atividades organizativas nas áreas político- culturais.

O primeiro artigo que permitiu a Gramsci destacar-se como jornalista foi publicado no jornal “Il grido del popolo” (“O grito do povo”), em 1914. Esse artigo, escrito aos 23 anos, de título “Neutralidade ativa e operante” foi uma resposta a um editorial do “Avanti”, o maior jornal socialista italiano, assinado pelo então diretor Benito Mussolini.

O editorial de Mussolini foi intitulado “Da neutralidade absoluta à neutralidade ativa e operante” e aqui, em relação à resposta de Gramsci, os gramscianos ortodoxos- fideístas sempre encontraram dificuldades para justificar as ideias, talvez “juvenis”, de um Gramsci que se posicionava em perfeito equilíbrio entre a teoria do partido Socialista italiano e teoria de Mussolini (um Mussolini ainda socialista, em todo caso).

Entre 1916 e 1918 a produção jornalística de Gramsci aumenta consideravelmente, pelo menos em termos quantitativos, além disso, Gramsci foi o criador do número único dos Jovens Socialistas, intitulado “A cidade do futuro”. Neste período, Gramsci escrevia em Turim na redação do Avanti (nessa época o diretor já não era Mussolini). Escrevia uma série de artigos relacionados a tópicos teatrais e de crítica e literária, inclusive ocupando-se dos escritos teatrais de Pirandello.

No entanto, esta grande produção jornalística não foi sequer considerada excelente pelo próprio Gramsci, como mostra em uma carta enviada a Giulia Schucht, em 17 de agosto de 1931, na qual Gramsci sustenta que os artigos escritos por ele durante o período 1916-1918 eram “páginas escritas rapidamente que precisavam morrer no dia seguinte”.

Provavelmente o único artigo fundamental para a compreensão do pensamento de Gramsci desse período foi o editorial de 24 de dezembro de 1917 em que Gramsci celebra a recente Revolução Russa com um artigo comemorativo no “Avanti”, intitulado “A revolução contra o capital”.

O ano de 1919 foi crucial para a atividade jornalística de Gramsci, pois foi o ano em que foi fundado o jornal “Ordine nuovo” (Nova Ordem) que viria a ser base de informação para as organizações de greves e de conselhos fabris que, no biênio 1919-1920 Gramsci esperava que se tornassem os soviets da revolução russa.

No “Nova Ordem” temos a evolução, ou a involução... dependendo de como se deseja definir, do conceito de visões político-culturais que um homem de esquerda deveria possuir.

A crítica de Gramsci ao Partido Socialista Italiano são esclarecedoras para compreender as razões estruturais que irão produzir a divisão entre comunistas e socialistas que irão durar pelos próximos 60 anos.

Gramsci acreditava que os socialistas italianos estavam assistindo à ação revolucionária como espectadores, e que o PSI era “simplesmente” um partido parlamentar que desejava permanecer dentro dos “limites” da “democracia parlamentar burguesa”.

O leitor decide se tais julgamentos devem ser considerados ofensa ou elogio.

Um artigo que os organizadores do presente epistolário gramsciano consideram de indispensável leitura para o saudável exercício de humildade científica que cada analista deveria fazer, é o que Gramsci escreve em primeiro de setembro de 1924, no jornal “Nova Ordem”. Havia pouquíssimo tempo desde a morte do deputado socialista Giacomo Matteotti, assassinado pelos fascistas, e Gramsci, como muitos de seus contemporâneos, considerava decadente a experiência político-cultural do fascismo na sociedade italiana. Gramsci, nesse artigo, especifica que o fascismo tinha sido derrotado e estava destinado a morrer.

Enfatizamos esta frase para demonstrar como até mesmo um intelectual do calibre de Gramsci, aliás convencido sobre os clichês de esquerda que o fascismo não era a expressão da classe dominante, mas o produto político-cultural da classe média urbana e agrária, ele, como a maioria dos pensadores, tinha dificuldade em avaliar corretamente os eventos em que estava imerso.

### BLOCO 3

## VIDA PESSOAL DE GRAMSCI E SEU AMOR PARA COM A ESPOSA DE ORIGEM RUSSA

A narração da vida sentimental/epistolar de Antonio Gramsci tem início em 1923; ou pelo menos não se tem conhecimentos de cartas enviadas por ele a mulheres com as quais tinha tido um relacionamento antes desta data.

Em junho de 1922 Gramsci, viaja pela primeira vez para a União Soviética e em julho encontra numa clínica de Serebriani Bor, perto de Moscou, Eugenia Schucht.

Eugenia, com dois anos a mais que Gramsci, morou um tempo lá por causa de um grave exaurimento nervoso. Eugenia fala perfeitamente italiano, tendo estudado em Roma na Academia de Belas Artes com o professor Giacomo Balla. Ela e a irmã mais jovem, Giulia, são membros do partido comunista russo.

Ela está em tratamento naquela clínica de luxo pela intercessão da mulher de Lenin. Giulia também fala italiano, já que estudou violino na Academia de Santa Cecilia em Roma. Gramsci e Giulia se conhecem em 1923 e é amor a primeira vista, do qual nasce em agosto de 1924, Delio, o primeiro filho de Gramsci.

Em 1925, Giulia e Gramsci se mudam para Roma, onde ela começou trabalhar na embaixada soviética. No verão de 1926, Giulia volta para Moscou, grávida de Giuliano, o segundo filho de Gramsci, pouco antes deste ser preso. Quem ficou perto do líder comunista até sua morte foi a terceira das irmãs Schucht, Tatiana.

No epistolário de Gramsci antes do cárcere, as cartas enviadas para a esposa Giulia são uma fonte importante de informações históricas além de ser documentação indispensável para descrever a psicologia do autor desde a marcha sobre Roma em 1922 até a sua prisão em 1926.

Nas primeiras três cartas para a esposa, de 1923, não se lê o nome dela como se encontrará sempre nas cartas posteriores. Inicialmente não se

teve dúvidas de que estas cartas fossem endereçadas à Giulia; somente mais tarde os estudiosos da biografia de Gramsci, analisando as frases de carinho enviadas supostamente para Giulia antes de conhecê-la pessoalmente, e os acenos aos problemas de saúde num momento no qual ela não os tinha, chegaram à conclusão que em julho de 1922 Gramsci teve, antes de conhecer Giulia, uma breve relação com Eugenia, a sua futura cunhada.

As cartas de Gramsci para Giulia são, para os organizadores deste livro, consideradas fundamentais, já que muitas vezes apresentam em suas páginas os sentimentos que Gramsci tinha pela própria mulher, o amor que nutria por ela e os filhos, a saudade devido à distância; além das dificuldades políticas, culturais e existenciais que ele vivia no meio de uma sociedade que estava sendo sepultada por uma ditadura totalitária de direita.

As duas irmãs Schucht, Tatiana e Giulia, cresceram em uma família extremamente politizada e com laços de amizade com o jovem Lenin.

O pai, Apollonio Schucht, conheceu Lenin no círculo político da cidade de Samara e posteriormente, quando este se transferiu para S. Petersburgo, a família Schunct fez a mesma viagem.

Em 1883, nasce a quarta filha da família, chamada Anna, e Lenin tornou-se o padrinho da menina.

Um tempo depois, a família da futura esposa de Gramsci mudou-se para a Suíça e em 1885 pôde reencontrar Lenin que naquele ano vivia como exilado em Genebra, cidade onde nasceu Giulia, em 1886.

Nos anos seguintes, a família Schucht se mudou para o sul da França, e depois para a Itália onde Tatiana e Giulia estudaram arte e música clássica.

Ainda como emigrante, Apollonio conservou relações profissionais e ideias políticas revolucionários com outros russos que também viviam no exterior e, em 1917, ano em se deu a Revolução de Outubro, conseguiu retornar à Rússia e assumiu o cargo de jornalista junto a um jornal de São Petersburgo.

A amizade da família da esposa de Gramsci com Lenin; o fato de Giulia ser uma fervorosa revolucionária na sua juventude (filhou-se ao partido

bolchevique dois anos antes de sua irmã Tatiana, mesmo sendo mais jovem); e o fato de ter trabalhado na embaixada soviética de Roma nos anos seguintes, fizeram alguns historiadores suspeitarem que a esposa de Gramsci, primeiro secretário do Partido Comunista Italiano criado em 1921, pudesse colaborar com os serviços secretos soviéticos, a CEKA, antecessor da KGB.

Devido à falta de documentos que possam objetivamente resolver tal questão, notícias como estas deveriam ser *primaefacie*, contextualizadas de acordo com a visão de mundo da época.

Tentando uma comparação talvez arriscada, seria como se o serviço secreto brasileiro, assustado com relatos confusos sobre a evolução de um estranho movimento revolucionário em um país, pedisse informações sigilosas a uma cidadã brasileira que viveu e estudou durante anos naquele país, que soubesse falar perfeitamente o idioma, além de ser casada com um cidadão daquele país.

Nesta introdução gostaríamos dentre outras coisas, de salientar que para além de cursos e estudos históricos, a ideologia inicial revolucionária do fascismo poderia claramente se confundir com as ideias políticas da elite político-intelectual soviética.

Considera-se que durante o primeiro (e último) discurso de Gramsci à câmara de deputados em 1925, Mussolini ousou discutir com Gramsci, gritando que ele, líder do fascismo, era muito mais de esquerda que o próprio Gramsci.

Outra confirmação dessa confusão é a carta de resposta, de excepcional relevância histórica, que Gramsci envia a Trotsky, na qual Gramsci tenta explicar o futurismo italiano de Marinetti, que evidentemente havia atingido Trotsky.

A aura de mistério que assombrava a figura da mulher de Gramsci, hiperpresente antes e depois e quase perdida na narrativa do partido comunista, teve início no fato de que, mais que devido a casos fantásticos de espionagem, Giulia Schucht era muitíssimo bela, elegante, culta e de traços aristocráticos, e por isso não correspondia ao padrão que a mulher comunista da época deveria representar. Isto é, uma mulher na qual a feminilidade deveria mostrar-se sacrificada pela ideologia.

A irmã Tatiana, ao contrário, era mais adequada ao papel e não por acaso teve o propósito de aumentar a herança política e cultural do pensamento gramsciano.

#### BLOCO 4

### **DIFICULDADES DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO COM O FORTALECIMENTO DO FASCISMO**

Desde o início da revolução russa Gramsci ficou do lado dos revolucionários e organizou em 13 de agosto de 1917 umas das primeiras manifestações operárias em apoio à revolução. Sempre em 1917 no jornal “Il grido del popolo” (O grito do povo), Gramsci foi um dos primeiros jornalistas a propor a tradução em italiano de autores bolcheviques; e no ano seguinte publicou no mesmo jornal a sua matéria “Para conhecer a revolução russa”.

Em 1919, Gramsci com Terracini, Tasca e Togliatti funda um novo periódico, “Ordine Nuovo” (Nova Ordem), na qual publica textos de Lenin e Zinov’ev. A identidade ideológica quase total do grupo da “Ordem Nova” com o partido bolchevique é tal que Lenin no segundo congresso da Terceira Internacional em 1920, num discurso sobre os critérios de filiação declara: “Temos que dizer aos companheiros italianos, simplesmente, que ao endereço da Internacional Comunista corresponde o endereço dos camaradas do “Nova Ordem” e não o endereço da maioria atual dos dirigentes do partido socialista e do seu grupo parlamentar”. ((Lenin, Obras completas, vol. XXV, cit., p. 360). Neste epistolário encontramos cartas de Gramsci para Zinov’ev, Radek, Pjatnikj Ossip; mas aquelas que achamos mais importantes para entender os acontecimentos histórico- políticos daquela época são duas cartas enviadas a Stalin e a Lev Trotsky. A carta endereçada a Stalin confirma a identidade ideológica entre o PCI e a matriz na União Soviética. Em seguida, nos anos do cárcere, Gramsci reelaborará o relacionamento entre os dois partidos.

A carta que os curadores deste livro acharam a mais interessante é aquela endereçada ao Trotsky em 8 de setembro de 1922. Nesta o Gramsci fornece umas respostas a respeito do movimento futurista italiano e do seu

fundador, Giovanni Marinetti. Giovanni Marinetti, definido por Gramsci como talentoso, foi um artista ideólogo na década entre 1910 e 1920. Pode-se afirmar que Marinetti, ao movimento futurista do qual participaram diferentes camadas sociais, inclusive operárias, foi sem dúvida anticomunista. Prova disso o seu livro, citado por Gramsci, “Além do comunismo”. Talvez Trotsky fosse interessado ao movimento futurista achando que esse era contra o imobilismo da velha cultura acadêmica; e poderia achar que o interesse suscitado nos perários italianos poderia ser direcionado politicamente.

Gramsci explica que o inicial ímpeto revolucionário do futurismo tinha se apagado depois da primeira guerra mundial por um conjunto de motivos, entre os quais a conversão ao catolicismo de um dos expoentes, Giovanni Papini. Um outro motivo foi o menor envolvimento do próprio Marinetti que determinou a diminuição das cópias vendidas da revista “Lacerba”. De todo modo Gramsci define como substancialmente reacionários os intelectuais do movimento futurista.

## BLOCO 5

### O DRAMA DA PRISÃO DE GRAMSCI E DE SEUS COMPANHEIROS

A característica mais deletéria presente em narrações historiográficas de natureza político-partidária consiste na repetida tentativa de restringir todos os acontecimentos no âmbito de uma ideologia predefinida.

Além desta característica, há também uma metodologia histórico-epistemológica, sem nenhum embasamento deontológico, que tende a eliminar os fatos históricos estranhos à *weltanschauung* canônica: dados e fatos que logicamente seriam impossíveis de serem inseridos num quadro ideológico predeterminado.

A relação, de natureza ideológica, política e até pessoal entre Gramsci e Mussolini é um daqueles fatos históricos não facilmente inseridos num quadro ideológico simplificado (vede opressor-oprimido), e a ausência de textos que mostrem esta relação mostra como uma parte conspícua dos historiadores brasileiros prefere esta leitura ideológica.

Para tentar resolver questão da relação entre o fundador do comunismo italiano e o fundador do fascismo italiano, pode ser útil utilizar o instrumento da cronologia.

A diferença de idade entre Gramsci, nascido em 1891, e Mussolini, nascido em 1883, permite destacar alguns aspectos das diferentes histórias existenciais.

Mussolini era oito anos mais velho que Gramsci e em 1912, ano em que o astro ascendente do socialismo italiano... (aqui se fala de Mussolini)... torna-se um dos líderes da parcela revolucionária no congresso do Partido Socialista Italiano, Gramsci provavelmente ainda era muito jovem para expressar ideais politicamente articulados, apesar de o jovem Gramsci já orientar-se rumo aos revolucionários socialistas mussolinianos, e não rumo à maioria reformista do partido socialista italiano.

Em 1914, antes do início da Primeira Guerra Mundial, Mussolini, então diretor do *Avanti* – o maior jornal socialista italiano – no qual ele fez com que as vendas dobrassem, escreveu um artigo intitulado “Da neutralidade absoluta à neutralidade ativa e operante”, no qual refutava a escolha da neutralidade absoluta adotada pelo partido socialista italiano contra a Primeira Guerra.

A leitura canônica do partido socialista italiano e dos outros partidos socialistas europeus era que os proletários não deveriam combater entre si para enriquecer os fabricantes de armas.

O jovem Gramsci, em um semanário socialista de Turim chamado “O Grito do Povo” (*Il grido del popolo*), publicou um artigo na qual apoiava a linha interventista de Mussolini.

Neste caso, Gramsci discordou descaradamente da linha oficial dos socialistas, mas o fato de não possuir um cargo relevante no partido não influenciou sua carreira iniciante de jornalista e ativista político, enquanto Mussolini perdeu a direção do maior jornal italiano de esquerda e pouco depois foi expulso do partido socialista.

No biênio 1919/1921, definidos na historiografia italiana como biênio vermelho, ainda que por sorte não vermelho-sangue, no já citado jornal comunista “*L’ordine nuovo*”, Gramsci escreveu vários artigos que analisavam

a figura de Mussolini e o surgimento da ideologia fascista, porém as avaliações de Gramsci são substancialmente imputáveis à ideologia marxista-leninista (nascimento do fascismo como reação à tomada de consciência de classe do proletariado e da preparação da revolução contra o estado burguês, etc, etc...

A característica mais dramática presente nesses artigos, nos quais Gramsci inicia a própria luta contra Mussolini e o fascismo, consiste no fato que uma parte enorme de tais escritos foi utilizada para criticar ferozmente e com o objetivo de destruir o reformismo democrático do partido socialista italiano, permitindo assim a sucessiva vitória do fascismo.

Um dos poucos momentos em que Gramsci e Mussolini tiveram uma discussão política, transcrita objetivamente por uma instituição super partes como o parlamento, Gramsci, após um preambulo no qual completou uma análise do desenho das leis em questão, contra as sociedades secretas, neste caso a maçonaria, inicia um interessante bate-boca com o grupo de fascistas eleitos no parlamento italiano, especialmente com o líder Benito Mussolini.

O primeiro ponto apresentado no discurso de Gramsci analisa a metodologia com a qual o fascismo vinha substituindo o Estado italiano e estranhamente, no início do discurso, para definir este acontecimento utiliza o termo “revolução”. Mussolini lhe responde afirmando que a revolução fascista mudará o poder para outra classe, como aconteceu na Rússia.

Quando Gramsci lhe demonstra que somente pode-se ter uma revolução se o poder é tomado por uma nova classe, o proletariado, Mossolini... aos gritos... afirma que ele está lutando pelo proletariado, uma vez que a maior parte dos capitalistas, especialmente os bancos, é contra o fascismo.

Depois, Gramsci afirma que, num futuro próximo, o líder do fascismo tentará um acordo com o grande capital. Mossolini, então, responde: “quando o inimigo é forte, primeiro lhe quebramos as costelas e depois o aprisionamos... como vocês fizeram na Rússia”.

Logo após, Gramsci afirma que os membros do Partido Comunista Italiano estão sendo continuamente perseguidos e presos, e imediatamente Mus-

solini lhe responde: “Fazemos o mesmo que vocês fizeram na Rússia. E fizeram incursões formidáveis. Fizeram muito bem”.

Dito isso, muitos deputados do Parlamento começaram a rir.

Ao desvencilhar-se da intervenção de Gramsci, Mussolini chega a dizer (gritando) aos deputados de esquerda que o partido fascista possui mais membros que o partido comunista. A isso, Gramsci responde que este último representa a classe operária e destaca, falando sobre a violência dos fascistas: “a nossa violência (realizada de 1919 a 1921), foi justificada pelo fato de os comunistas italianos representarem o proletariado, e no futuro o movimento revolucionário de origem comunista conseguirá vencer o fascismo (sic)”.

Alguns meses depois, apesar da imunidade parlamentar, o deputado Antonio Gramsci será preso sob as acusações de atividade conspiratória e incitação à guerra civil.

## BLOCO 6

### GRAMSCI, CARTAS PARA O FUTURO

Os curadores do livro decidiram de não incluir todas as cartas escritas por Gramsci antes de ser preso e nem a correspondência que ele recebeu. Esta decisão é motivada pela vontade de ressaltar os aspectos histórico-políticos e existenciais eliminando cartas ligadas à prestação de contas das atividades jornalísticas, por exemplo, ou cartas repetidas com a mesma descrição de reuniões políticas enviadas para diferentes interlocutores. O valor do epistolário transcende as contingências da época em razão da radicalidade ética do Gramsci e da tentativa de compreensão da situação na qual atuava sem esquemas predeterminados. Por exemplo, nas cartas de 1924, depois do assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti, por mão dos sicários de Mussolini, e da onda de protestos da população, Gramsci muda de opinião várias vezes; e isso demonstra o valor do seu pensamento.

**P. S.** As cartas a seguir, estão em ordem cronológica, considerando a estrutura orgnazacional do Instituto Gramsci de Roma, por isso, a expressão bloco não aparece a seguir.



## EPISTOLÁRIO

Janeiro de 1913 a novembro de 1926  
*Antonio Gramsci a Giuseppina Marcias*  
*Turim, Janeiro de 1913*

Querida Mamãe!

Vejo que não recebeu a carta que lhe enviei há cerca de 15 dias, logo após o Natal. Recebi a mala do tio Luigi, mas somente depois das festas. Foi enviada para o endereço da Secretaria da Universidade que estava fechada para as festas, e foi sorteado e entregue com um atraso de poucos dias, não teria que esperar até a Universidade voltar a funcionar, no dia 11. Recebi também as 10 Liras que me mandou: acho que são as 10 Liras que o tio Achille ainda estava me devendo. De todo modo agradeço. Peço que me envie os sapatos por que estes que estou usando estão rasgados e só posso mandar remenda-los se tiver outros para usar. Agradeço pelo que escreveu em relação às vestes: conte-me se foi Mario quem fez as compras. Para as contas, me disseram que será preciso gastar pelo menos 22 Liras. Não sei o que você está pensando em fazer. Mas sou grato por tudo o que tem feito. Se mandar o tecido, tenta mandar junto os sapatos: também peço que me avise quando o pacote estiver para ser expedido por que não tenho centavo no bolso para pagar o serviço de entrega e, sabendo com antecedência, posso providenciar.

Escrevo com pressa, da biblioteca, para que a carta siga logo.

Beijos a todos!

Nino

*Antonio Gramsci a Francesco Gramsci*  
*Turim, novembro de 1913*

Querido Papai!

Ontem recebi a carta da mamãe. Infelizmente ainda não tive nenhum exame e só devo ficar livre no começo de dezembro. Por isso estou um pouco constrangido em te pedir um favor: só vou receber da faculdade depois

que passar nos exames, e isso não vai acontecer antes de 4 ou 5 de dezembro, mas preciso antecipar o pagamento da pensão. Já fiz o pagamento de 14 de outubro a 15 de novembro, mas preciso antecipar o próximo período e não tenho nenhuma reserva de dinheiro, pois este ano as despesas foram muito altas. Ficarei muito agradecido se puder me mandar um vale de pelo menos 45 Liras assim que receber esta carta. Claro que eu faço o reembolso, assim que eu receber do Colégio.

Se não puder de jeito nenhum, e espero que isso não aconteça, me avisa rápido. Se bem que, nesse caso não saberei em que portabater.

Peça a Teresina que me envie uma relação minuciosa das eleições, com os nomes e informações pessoais, para que eu possa consultá-las; que os fatos sejam precisos e possam, se necessário, serem testemunhados.

Beijos a todos!  
Nino

*Francesco Gramsci a Antonio Gramsci Ghiarza,  
28 de novembro de 1913*

Querido Nino!

No dia 24, te enviei um cartão de £ 25,00 e ontem, um telegrama de £ 120,00. Espero que tenha recebido tudo em segurança. Pode imaginar quantos sacrifícios tive que fazer para atender seu pedido, uma vez que tive vergonha de pedir dinheiro outra vez a Delogu, e tinha quase certeza de que ele me negaria. Com tristeza recebi a notícia de sua doença, e pode imaginar o tipo de pensamentos que todos tivemos, por isso peço que escreva logo e nos informe sobre como se sente. Também peço calorosamente para que não fique muito atarefado, pois é essa a razão principal de seu estado de saúde, e lembre que está muito distante e nenhum de nós pode ir te fazer companhia.

Em poucos dias enviarei os cartões para fazer a procuração, sendo esta a Cagliari com Gennaro.

Esperançoso de a qualquer momento receber uma carta sua que nos assegure sobre seu estado de saúde, receba os beijos de todos e um do teu afetuoso pai.

Francesco

*Antonio Gramsci ao Conselho Direttivo do Regio  
Collegio dele Province  
Turim, 3 de abril de 1914*

Aos cuidados do Conselho Direttivo do R. Collegio delle Provincie,

Conforme a deliberação do Conselho Diretivo na data de 19 de Fevereiro, o subscrito foi suspenso do pagamento da bolsa da faculdade com a condição de que se passar nos exames realizados em Março, voltaria a ter o direito à bolsa, inclusive dos meses acumulados. O subscrito já passou em dois exames (História Moderna e Filosofia Moral) e ainda não pôde realizar o terceiro (Licenciatura Grega) porque este foi remarcado para 18 de Abril; pede, portanto, que assim que passar neste último exame, seja readmitido ao programa de bolsa, sem a necessidade de outra deliberação.

Cumprimentos,  
Antonio Gramsci

*Antonio Gramsci a Grazietta Gramsci  
Turim, 1914*

Querida Grazietta!

Espero que estas linhas ainda te encontrem em Oristano. Disse que me escreveu outras vezes, porém te dou a minha palavra que quando te respondi era a primeira vez que eu recebia uma notícia diretamente vinda de você. Acredite, eu não sou mesmotãoindiferenteepreguiçoso quanto aparento. Oh, Deus, não sou um monstro e frequentemente sinto necessidade de escrever uma palavra afetuosa, mas nem você e nem ninguém de casa devem se espantar com isso.

Mande beijos à filhinha do tio Zerafino e mande lembranças a todos os tios e tias, e lhes diga que me escrevam de vez em quando e eu responderei. Escrever a todos é impossível e ter de escolher entre tantos não é cortês; por isso, se alguém realmente se importar se eu estou vivo, espero conhecer este alguém. Mas eu creio que isso não vai acontecer.

Beijos infinitos a você!  
Nino

*Antonio Gramsci a Angelo Corsi  
Turim, 22 de outubro de 1917*

Caro companheiro Corsi!

O companheiro Sotgia di Iglesias frequentemente fala sobre a sua cordialidade e sobre o seu amor referente ao tratamento dos problemas concretos que aparecem no programa donossopartido. Dessemodo, decidilheescrever. Já te conhecia de nome: li um artigo no “Avante!” e outro na “Voz” de Prezzolini há alguns anos. Também acompanhei as suas diligências como prefeito e conselheiro provincial na “Sardenha Socialista”. Pois então, a seção de Turim encarregou-me temporariamente de redigir o “Grito do Povo” e gostaria muito de poder publicar algum texto seu. Estou enviando à parte o exemplar do Grito dedicado ao problema alfandegário. Poderia escrever alguma coisa a respeito? Ficaria muito agradecido, assim como os leitores. Poderia escrever alguma coisa sobre o movimento político-econômico do proletariado sardo? Ou talvez nos fazer a gentileza de indicar alguém para fazê-lo? Acredito que seja útil a divulgação da Sardenha nova na Alta Itália, e também penso que devemos reforçar a consciência unitária do proletariado italiano.

Aguardo sua resposta. O companheiro Sotgia manda saudações.

Cordialmente,  
Antonio Gramsci  
Corso Siccardi  
12 Torino

*Antonio Gramsci a Leo Galetto  
Turim, fevereiro de 1918*

Meu caro Galetto,

Estou enviando o manuscrito. É inútil que te pergunta como está: certamente está bem, pois tem bom humor – mens sana in corpore sano. Pastore e eu atingimos o melhor, como verá pela página de Turim. Trabalhamos muito: recebe o Grito? Escreva-me a sua opinião e também a de Serrati a respeito da forma. Naturalmente é necessário considerar o trabalho que tive, com as restrições no uso de eletricidade que me obrigam a compor a matéria de maneira artificial e apressada. Veja se consegue procurar para

mim algum número da Verité, da Vague e da Europe Nouvelle, e também do jornal Sardegna.

Cordialmente,  
Gramsci

*Abaixo o Esperanto!*

Diga a Serrati que sua qualificação de “Purista” não foi justa. O purismo é uma forma linguística rígida e mecanizada e, portanto, a mentalidade do purista é semelhante à do Esperantista. Eu sou um revolucionário, um historicista, e afirmo que são úteis e racionais somente as formas de atividades sociais (linguísticas, econômicas, políticas) que surgem espontaneamente e se realizam através de atividades de forças sociais livres. Portanto...abaixo o esperanto, assim como abaixo todos os privilégios, todas as mecanizações, todas as formas de vida definitivas e rígidas, cadáveres que assombram e agredem o andamento da vida.

Mande saudações a Serrati.  
Gramsci

*Antonio Gramsci a Carlo Gramsci  
Turim, 19 de março de 1918  
Subtenente Carlo Gramsci  
91º bombardeiro Zona de guerra*

Meu querido Carlo!

Meus cumprimentos pela promoção. Lembre-se que tal função impõem deveres e responsabilidades. Todas as coisas que empreendemos fazer nesta vida devem ser executadas da maneira mais perfeita. As suas obrigações foram ampliadas, não diminuídas: deve estudar, suprir com os esforços e com o trabalho a inexperiência da juventude e dos estudos interrompidos. Você irá sentir mais vivamente estes novos deveres, à medida que a segurança e as vidas de outros homens forem confiadas à tua capacidade e competência.

Beijos afetuosos!  
Nino

*Antonio Gramsci a Giacinto Menotti Serrati  
Turim, 21 de fevereiro de 1920*

Caríssimo Serrati!

Peço-te mil vezes desculpas por ter demorado tanto a responder-te. Estive muito ocupado com a publicação do “Scampolo” e a sua reprodução no “Battaglie Sindicali”.

Não sou o diretor do “Ordine Nuovo”: a questão da direção foi requisitada para o dia 1º de maio deste ano, e foi colocada numa tentativa de podarem-me qualquer poder de descartar os artigos dos grupos de companheiros que inicialmente haviam seempenhado acolaborar. Obom Leonetti exagera em “Compagni” quando afirma que o grupo do O.N. conseguiu fazer uma “ghilda” de estudiosos. Neste número do sairá a tua carta e uma nota de Terracini. O próximo número será dedicado à tática geral do Partido e dos sindicatos: já tenho pronta uma nota para justificar a tua tese: “Se a burguesia nos oferece 10, devemos reivindicar 100”, ou seja, seja qual for a oferta da burguesia, devemos nos contrapor com nosso programa revolucionário. Terrecini simplificou numa fórmula do baixo mercado porta a porta um plano tático que será ótimo rumo ao ato revolucionário, e provavelmente até mesmo depois, isto é, até à real expulsão dos capitalistas do processo de produção e de comércio: na nota, Terracini não será querido.

A situação em Turim começa a clarear: nós do O.N. devemos tomar posição transparente nas eleições da C.E. Sezionale: estamos divididos em duas partes – Togliatti e eu, de um lado; e Terracini e Tasca, do outro. As adesões minha, de Togliatti e de Malta à lista dos que se abstêm não significa que nós aderimos ao abstencionismo: tivemos um grande trabalho de divulgação para conter a campanha pela cisão e tínhamos conseguido convencer a maioria do grupo abstencionista. O Comitê eleitoral tinha aceitado um programa de acordo; de repente, por manobras de interesses, o acordo foi rompido, o programa foi alterado, a lista da C.E. foi preenchida com elementos da direita muito inteligente e com uma maioria de maximalistas, bons companheiros, mas sem vontade e espírito crítico. Bordia estava em Turim para tentar resgatar ao redil abstencionista as ovelhas desviadas do O.N.; assumimos a responsabilidade, Togliatti, Malta e eu, de demonstrar a possibilidade de umacordo embasado num trabalho concretoe

positivo. Para o “Scampolo” peço que repare que nem eu nem ninguém concedemos entrevista a nenhum jornal burguês. O Stampa e o Corriere publicaram artigos compilados sobre fragmentos do O.N.: certamente não pudemos impedir. Por ora, olha a nossa colaboração. Togliatti nem eu nunca desejamos abusar da nossa qualidade de redatores para inserir artigos assinados e recebermos a reputação de “iniciadores” e de “promotores”. Trabalhamos para endurecer a Seção Socialista e a C. do L. para torná-los iniciadores e condutores do movimento dos Conselhos: conseguimos, mas não queremos nem “mérito” nem “responsabilidades” por um movimento desse tipo, que vale somente enquanto expressão de grandes massas. Uma única responsabilidade que podemos assumir é a intelectual ante a quem se contrapuser e a política, ante ao Partido. Erramos por não escrever no “Avanti”? Se considera os nossos artigos úteis, nos informe e Togliatti e eu os escreveremos. Estou preparando o artigo para o “Comunismo”: quero fazê-lo bem feito, enquanto me é possível.

Caro Serrati, se te ofendi de algum modo, não hesite em dizer-me abertamente e sem cerimônias: tenho muito, muito o que aprender (e não digo por modéstia, pois da modéstia eu não faço questão!) e os teus conselhos e advertências de companheiro leal e sem preconceitos, não fazem outra coisa senão revigorarem-me. Se acreditar em mim, publique uma pequena correção sobre a tal entrevista, pois não quero de jeito nenhum ter esse peso na consciência.

Cordialmente,  
Gramsci

*Antonio Gramsci e Ersilio Ambrogi a Grigori Zinov'ev  
Moscou, 10 de julho de 1922*

Ao Companheiro Zinov'ev, Presidente do Comintern Telegrafamos à Central do P.C.I. para informar a respeito das decisões tomadas pelo *Presidium* sobre a viagem do companheiro Maffi a Moscou e também para ter instruções a respeito dos ajustes a serem adotados para as relações entre o Comintern e a facção Maffi-Lazzari-Riboldi.

A Central italiana nos respondeu confirmando o seu ponto de vista, já exposto pelo companheiro Gramsci na seção do *Presidium* e posteriormente

no colóquio pessoal que a delegação italiana teve convosco. Acreditamos que a notícia sobre a não ida do companheiro Maffi a Moscou não vai alterar a situação geral.

Cada passo que seja dado pela Internacional, independentemente do P. C.I., pode criar neste dificuldades para que os próprios objetivos da Internacional sejam alcançados. Até agora, o Partido tem demonstrado o desejo firme de executar os compromissos assumidos pelo companheiro Bordiga na seção da Comissão Executiva. Contudo, o manifesto que a facção Maffi publicou em vista do Congresso de Roma, manifesto este especialmente contrário aos maximalistas Serratianos, mostra que a atual facção comunista do P.S.I. é forçada a tomar a mesma atitude tomada pela facção de Imola antes do Congresso de Livorno.

Os companheiros da facção Maffi também incluíram para o desenvolvimento obtido até agora pela crise do P.S.I. que a facção Serrati não deseja absolutamente dividir-se pelos reformistas, e que todas as suas tentativas de fazer nascer a dúvida de que se possa querer a cisão pelos reformistas, não têm senão um único propósito: impedir a constituição de uma forte facção comunista no seio do P.S.I. e, portanto, reduzir ao mínimo a inevitável ruptura à esquerda.

A facção Maffi já praticamente rompeu suas relações com a facção Serrati. No Conselho Nacional da C.G.L. a facção Maffi votou junto com o P.C., enquanto que os maximalistas serratianos se apresentaram ao mesmo Conselho como um grupo sindical e demonstraram uma tentativa de colocar os reformistas em minoria.

Nós consideramos que o Comintern deva ter relações com a facção Maffi, seja para os meios do P.C.I. ou então para acordos enquanto razões de ordem organizativa e de política em geral.

A facção Maffi possui uma escassa força organizativa e dispõe de pouquíssimo espírito de iniciativa. Tem um considerável número de seguidores apenas em quatro entre as mais de setenta províncias italianas. Nas outras províncias, trata-se de indivíduos ou de pequeníssimos grupos que podem se organizar e direcionados apenas se a facção se apoiar a um organismo já constituído nacionalmente, como o P.C.I. Somente um sistemático plano de ação acordado entre a facção Maffi e o P.C. antes do

Congresso de Roma pode conseguir organizar a cisão socialista de modo a fazê-la politicamente útil para o Comintern.

A desagregação do P.S., iniciada no Congresso de Livorno, prosseguiu após o Congresso de Milão sem que os elementos proletários e revolucionários que se separavam do P.S. fossem organicamente incorporados pelo movimento comunista. Do Congresso de Milão até hoje, o P.S. perdeu 50 por cento de seus filiados (dos 120 mil adeptos, reduziu-se a menos de 60 mil) e destes, apenas dois ou três mil passaram espontaneamente para o P.C.

A responsabilidade desse fato não pode ser atribuída à tática do P.C. que, se não quer assumir a responsabilidade direta pela organização de uma facção, todavia não deva ter uma atitude hostil para com esta e não deixou de sugerir nenhuma proposta que valesse a pena fazer tal facção útil ao movimento comunista. Durante o Congresso de Milão os jornais comunistas comunicaram uma carta aberta ao companheiro Lazzari manifestando a alegria que todos os sinceros revolucionários sentiam ao saber que o velho guerreiro da Revolução Italiana estava de acordo com a Internacional Comunista.

O companheiro Lazzari respondeu em particular, injuriando o P.C. e afirmando que jamais entraria nas suas fileiras. Evidentemente, a facção foi formada em Milão pelo representante do Comintern sem uma direção precisa e sem um plano de ação orgânico. Somente nestes últimos meses, pela insistência dos jornais comunistas, a facção Maffi decidiu organizar seu próprio trabalho nos sindicatos alinhados ao P.C. Este trabalho que é de extrema utilidade e deve ter o propósito de evitar a cisão sindical desejada pelos reformistas, pode e deve ser propagado em grande escala só enquanto as relações entre a facção Maffi e o P.C. se estabelecerem, sob o controle e com o consentimento da Internacional.

Estamos convencidos de que os senhores gostariam de tomar conhecimentos desta nossa exposição e que iriam gostar de ajudar nosso Partido em seu esforço para ampliar a sua área de influência em meio ao proletariado italiano.

A Delegação Italiana ao Comintern  
Gramsci e Ambrogi

*Antonio Gramsci a Karl Radek  
Moscou, 22 de julho de 1922*

Caro Companheiro Radek!

Li o manifesto aos trabalhadores italianos. Tem minha aprovação, em linhas gerais. Não posso aprovar a parte que se refere pessoalmente a Serrati. Em vez de obter a cisão do P.S., esta parte pode determinar a cisão do movimento comunista. – Serrati não tem por trás sequer um trabalhador das massas, ele tem por trás a sua própria facção que também não é formada por trabalhadores, mas de servidores sindicais e municipais.

Serrati não pode falar em local aberto; ele é vaiado por todos os trabalhadores, não apenas por comunistas. A parte referente a Serrati pode ser modificada referindo-se aos “maximalistas” em geral.

Peço-lhe que acolha tais observações que considero fundamentais para o meu consentimento ao manifesto.

Saudações comunistas.

Assinado: Antonio Gramsci

*Antonio Gramsci e Ersilio Ambrogi à Comissão  
executiva do Pcdl  
Moscou, 4 de agosto de 1922*

Ao Executivo do Partido Comunista Italiano, Roma.

Gostaríamos de vos expor detalhadamente o nosso projeto e as soluções para os dissensos com o E. no que diz respeito à Facção Maffi e à crise do P.S.I.

Como premissa, consideramos útil vos enviar uma cópia da tradução de uma carta de Chiarini, da qual resultam práticas sem o conhecimento do Partido Italiano e com a consciência de fazer um trabalho absolutamente contrário ao plano tático do nosso partido.

A discussão aberta iniciou-se antes da decisão de convidar Maffi a Moscou para tratar diretamente com o I.C. Consideramos inoportuno tolher Maffi ao trabalho de preparação do Congresso e, acima de tudo, insistimos para que nenhum passo fosse dado sem o conhecimento e consentimento do Partido Italiano. Gramsci defendeu essa ideia em conversa particular com companheiro Zinov'ev e em seguida, na sessão do Presidium; apesar de Gramsci ter feito considerações com Zinov'ev, o Presidium deliberou pelo convite a Maffi. Imediatamente Gramsci teve um colóquio com Ambrogi e perfeitamente de acordo, deliberou-se tomar um novo passo junto com Zinov'ev do qual participou o próprio Ambrogi; porém o comp. Zinov'ev objetou que já havia a deliberação do Presidium à qual Gramsci não tinha se oposto (o que não está correto como mostra a carta que escrevemos depois a Zinov'ev e da qual vos enviamos uma cópia) e que eventualmente poderíamos levar a questão ao E. Consideramos tal sugestão perfeitamente inútil até porque teríamos encontrado um modo de abrir uma discordância que na verdade não existia na Delegação.

Tudo o que se pode conseguir foi que o Partido Italiano fosse comunicado sobre os passos do I. em relação à facção Maffi. Antes da sessão no E. conversamos novamente com o comp. Zinov'ev, mas inutilmente. Então, telegrafamos a vocês e em seguida à vossa resposta, escrevemos a carta acima.

Mas após várias alternativas entre o sim e o não, reuniu-se em Berlim e de lá foi enviado de volta à Itália. Apenas recentemente recebemos notícias de Berlim, que vos comunicaremos em breve.

Enquanto isso, tomamos conhecimento sobre a suposta posição de Serrati a respeito dos reformistas e a cisão, e a questão focou-se nas atitudes que a facção Maffi teria assumido: ou seja, se romperiam ou se permaneceriam no Partido clivado pelos reformistas. Nós apoiamos com só meio voto tchecoslovaco, a primeira hipótese.

Foi então decidido que a facção não se destacaria e que imediatamente após o Congresso enviasse a Moscou uma Delegação para decidir o que fazer; e foi decidido lançar um manifesto cuja redação foi encarregada a Gramsci e Radek. Mas as condições de saúde de Gramsci (contraiu febre malárica) o forçaram a tirar umas férias de Moscou e não lhe foi possível completar sequer os primeiros esboços, como o combinado.

Assim, o Manifesto foi escrito por Radek e comunicado com urgência no mesmo dia em que se desejava expedi-lo. Imediatamente, Ambrogi esteve com Gramsci para que examinasse o manifesto; e, como este continha um convite direto a Serrati, decidimos nos opor. O próprio Gramsci escreveu uma carta a Redek, (a qual vos anexamos uma cópia), e Ambrogi foi encarregado de confirmar com o ele. Mas Radek não estava em Moscou e o manifesto partiu com ele. Mas seguiu um telegrama para que este não fosse publicado sem uma nova confirmação. Dois dias depois, Ambrogi pôde conferir com Radek. Concordaram que o manifesto fosse modificado telegraficamente, no ponto em que se fazia o convite a Serrati ou aos serratianos, o convite fosse feito aos maximalistas, deixando inalterada toda a parte em que continha o ataque a Serrati. Porém, Radek não escondeu que se tratava somente de um mascaramento, e que o projeto era mesmo retirar Serrati na Internacional, pois atrás de Serrati encontravam-se trabalhadores revolucionários.

Não se repete aqui a discussão que já ocorreu até porque Radek dizia ter exposto seu ponto de vista pessoal, e a discussão foi retomada por Ambrogi na última sessão do Presidium. Contido, A. foi rapidamente falar com Gramsci e foi compreendido que a situação podia agravar-se e nos preparar surpresas desagradáveis e consideramos necessário estarmos preparados a recorreremos a medidas extremas. A figura que no momento pode não ter mais nenhum valor, pode ser aproveitada para as nossas predisposições. Também já estava pronta uma carta explicativa para todos os membros da E. Exceto que, logo após o recebimento da carta de Berlim e do retorno de Losovski (que encontrou com o comp. Repossi em Berlim), improvisamente reuniu o Presidium e faltou o tempo necessário para mandar chamar Gramsci. Radek falou sobre a discordância provocada pelo manifesto, sobre a carta de Gramsci e do colóquio com Ambrogi. Depois Losovski comunicou ter sabido por Repossi que os Serratianos tinham feito alianças com os comunistas através de acordos nos Sindicatos contra a panelinha D'Aragona. Portanto, Ambrogi concretizou o ponto de vista italiano: não é verdade que nós temos preconceito pelas massas socialistas: consideramos que ótimos elementos revolucionários encontram-se junto a Serrati; mas isso não é motivo para tomarmos medidas em relação a Serrati, do mesmo modo que não tomamos em relação a D'Aragona, atrás do qual também podem ser encontrados proletários revolucionários. Consideramos Serrati e os líderes da sua facção

inimigos do P.C., assim como D’Aragona e companhia. Se Serrati decide a separar-se dos reformistas, não é porque tenha tomado uma medida a esquerda, mas porque os reformistas tomaram abertamente muitas medidas à direita. Até o momento, todas as ações de Serrati demonstraram mudanças à direita. Tomar ações junto a Serrati significa fazer a Internacional marchar para a direita, repudiando todas as obras realizadas até aqui pelo P.C.I. A situação mudou para as massas, mas não consideramos que Serrati tenha mudado. Se ele tivesse definitivamente se implantado com a Terceira Internacional, o faria de maneira calculada, encontrando nesta de seu “Refugium peccatorum”. Consideramos diversamente o fato de que as massas venham em nossa direção para se orientarem com nosso Partido, ou venham a nós seguindo Serrati. Em todo caso se reconhece que a situação é tal que as massas, incluindo os de Serrati, se orientam para nós; reconhecido que é preciso isolar os reformistas, não queremos discutir o que já foi deliberado e que portanto a facção Maffi não se destaque imediatamente da facção Serrati se esta de separar dos reformistas, e façamos propostas concretas. I - Devem fazer acordos separados com a facção Maffi porque no novo Partido Independente ela continua a subsistir como facção. II – Tal facção deve imediatamente entrar em contato com o P.C.I. (...) representante da Terceira Internacional e sob este controle, deve lhe ser dada a disciplina necessária que talvez torne possível a fusão. Naturalmente se tal disciplina poderá ser imposta a todo o partido, ficaremos satisfeitos. De todo modo, a I. deve cessar as negociações diretas com a facção Maffi e nenhum passo deve ser dado sem que o Partido Italiano esteja de acordo. Após breve discussão tais ideias foram aceitas e já providenciamos que desta vez esteja “de pleno acordo com o P.C.I.”

Expostos os fatos, nos parece que a questão Serrati e seus líderes passe um pouco para segundo plano, e de todo modo possa ser liquidada pelo Partido Italiano da melhor maneira. Na mesma sessão do Presidium foi decidido que para o Congresso Socialista na Itália serão requisitados os delegados da Internacional: os companheiros Frossard, Vaillant-Couturier e Becher. Eles deverão imediatamente entrar em contato e agir de acordo com o P.C.I.; irão intervir somente após a divisão às sessões dos independentes (Terceiro-internacionalistas e maximalistas). Ambrogi, insistindo no acordo com o P.C.I., observou também, sem resultado, a falta de oportunidade de escolha de delegados, que devem ser ouvidos pelas massas comunistas, uns elementos notoriamente corretos por sustentar

uma hipótese de que os nossos membros dão a impressão de um posicionamento à direita, e também têm a opinião que a própria Internacional se orienta muito à direita.

Imediatamente após a sessão A. foi se relatar com Gramsci e teve seu consentimento. Ambos tiveram oportunidade de conferir com o companheiro Rakosci com quem novamente insistiam para que as hipóteses fossem claramente expostas aos delegados.

Consideramos que esta conclusão possa ter melhorado muito a situação e pensamos ter interpretado da melhor maneira possível, as exigências do nosso Partido e da Internacional. De todo modo, aguardamos as vossas posteriores instruções e não nos importamos que ainda não tenhamos recebido a vossa relação sobre a crise do P.S.

Pelo último telegrama de difícil interpretação que recebemos de vocês e também pelos últimos jornais russos vemos que definitivamente a situação transcorre em nosso favor e estamos ansiosos por novas notícias e também para sabermos vossa posição.

Gramsci e Ambrogi<sup>1</sup>

*Antonio Gramsci e Ersilio Ambrogi a Grigorij Zinov'ev  
Moscou, 28 de agosto de 1922*

Ao Companheiro Zinov'ev, Presidente da I.C.

Os recentes acontecimentos modificaram profundamente a situação na Itália. A greve geral foi de enorme importância.

Fatos que justificam tal afirmação:

1. A eficácia da campanha conduzida pelo P.C.I. ao longo de um ano para a greve geral que finalmente teve êxito, vencendo a campanha

---

<sup>1</sup> Os encarregados de escrever aos senhores e também aos delegados da Internacional foram os companheiros Zinov'ev e Losowski.

- pacifista da coalizão de todos os demais partidos revolucionários dissidentes.
2. A atual capacidade organizacional e revolucionária dos atuais líderes das massas que percebendo a eminência da greve, aceitaram passivamente mesmo sem uma condução precisa, sem preparo e organização adequados, e sem tentar escolher o momento mais oportuno para a sua declaração.
  3. A traição de muitos socialistas que tendiam a usar a greve “pacífica e legal” como arma adequada para pressionar a solução da crise ministerial.
  4. A capacidade organizacional e revolucionária do P.C.I., que apenas com a palavra e com a ação deu direção ao movimento e demonstrou saber estar à altura da tarefa.
  5. A ausência de qualquer direcionamento e o total consentimento diante de cada responsabilidade do “maximalismo serratiano”.
  6. A capacidade revolucionária das massas que respondeu acima de qualquer expectativa com entusiasmo e combatividade, apesar da traição dos líderes e do despreparo com que foram abandonados.
  7. Como consequência lógica de tudo isso é a derrocada até o extremo da crise do P.S., e o direcionamento cada vez maior das massas ao P.C.

Serrati segue o jogo no mais perfeito equívoco. Continua apoiando-se na esperança de um possível acordo com os reformistas, vem postergando o congresso socialista e no entanto, vem enfraquecendo a polêmica com os reformistas e não se fala mais em cisão. A não ser que, diante de tal pulsante incerteza, os reformistas passem a agitar suas bandeiras com mais atrevimento. Baldesi escreve sobre a necessidade de retirar as organizações sindicais de qualquer influência do P.S., o grupo parlamentar invoca o Congresso e o Avanti, enquanto valoriza o discurso do ultra-pacifista Treves, com novos acenos à necessidade de unidade, categoricamente pressionado contra a parede pela carta de Maffi por conta da carta do Companheiro Zinov’ev, deve confirmar ainda que: “os de direita conduziram-se ao rompimento de todos os laços, e assim acabaram por serem cortados, graças à sinceridade do próprio secretário Baldesi, cujas convenções seriam falsas e ridículas”; mas nem mesmo indiretamente responde às questões de posicionamento frente à internacional comunista.

O P.S. lança um manifesto vazio, desprovido de crítica, sobre o modo como voltou atrás na condução da greve geral, sem assinalar nenhuma direção, sem se envolver em qualquer causa ou programa. No entanto, em meio a esta crise e equívocos, continuarão a dispersarem-se, como as forças operárias revolucionárias, que são o coração do P.S. têm feito desde o congresso de Milão. Nem mesmo a facção Maffi tem tal capacidade organizacional e tal autoridade nesse caso a ponto de conseguir impedir tamanha dispersão. Por outro lado, não podemos deixar perder aquilo que o momento nos oferece: cada extensão é nociva. De acordo com a recente experiência, as massas estão se virando em nossa direção: é necessário ir a seu encontro. É necessário que o Partido italiano lance um manifesto convidando a tomarem partido sob a nossa bandeira. O manifesto poderia ser coletado pela facção Maffi, a qual poderia divulgá-lo por meio de uma solícita convocação do Congresso do P.S., que poderia ser feita pela própria facção em curto prazo, caso os órgãos responsáveis não o façam. Não é mais necessário dar muita importância à facção Serrati. Talvez seja esse o momento de sua definitiva liquidação. O convite da facção Maffi, com o consentimento do manifesto lançado pelo P.C.I., pode lhe dar autoridade suficiente para impedir ou ao menos reduzir a dispersão da força revolucionária. Mas é necessário nos apressarmos, seja para que não percamos o momento favorável, seja por que os acontecimentos coloquem sempre o P.C. na necessidade de assumir responsabilidades cada vez mais sérias; se desejamos evitar o abandono e debandada de um proletariado que já deu provas mais que suficientes de sua capacidade revolucionária.

A situação é gravíssima e repleta de incógnitas. De um lado, louvam d'Annunzio como o primeiro presidente da República italiana; Mussolini, numa entrevista, nega por ora uma marcha militar fascista sobre Roma, deixando claro que dispõe de todos os meios técnicos para fazê-lo; o manifesto dos fascistas fala da aproximação de uma grande ação definitiva; na Câmara dos Deputados e no Senado há repercussão em favor de uma ditadura, certamente não a proletária. Estamos às vésperas de acontecimentos imprevisíveis. Nestas condições, dar credibilidade a forças hipotéticas significa contribuir para com a traição do proletariado, favorecendo a possibilidade de que este caminhe sob as bandeiras dos falsos revolucionários. Por outro lado, o P.C.I. não pode renunciar – vale a pena aproveitar – à responsabilidade do momento. Deve-se dizer claramente: só tem uma força revolucionária no país com a capacidade de conduzir o

proletariado – o P.C.I., e sem delongas é preciso convidar o proletariado a voltar-se para nós, abandonando o reformismo e aqueles que, com as suas indecisões, foram até aqui os responsáveis pelas próprias derrotas a maioria dos reformistas.

Solicitamos a imediata convocação do Presidium para discutir esta nossa proposta.

Gramsci e Ambrogi

*Antonio Gramsci a Lev D. Trockij  
Moscou, 8 de setembro de 1922*

Eis a resposta à pergunta que me fizeste sobre o movimento futurista italiano.

Após a guerra, o movimento futurista na Itália perdeu completamente as suas propriedades características. Marinetti presta escassas atividades ao movimento. Casou-se e prefere dedicar suas energias à esposa. Atualmente, monarquistas, comunistas, republicanos e fascistas tomam parte ao movimento futurista. Em Milão, recentemente foi lançado um semanário político intitulado “O Príncipe”, que sustenta ou tenta sustentar as mesmas teorias que eram pregadas na Itália de Machiavel em 1500, ou seja, que a luta que divide os partidos locais e leva a nação ao caos pode ser eliminada por um monarca absolutista, por um novo Cesare Borgia, que decapita todos os dirigentes dos partidos de combate. A revista é dirigida por dois futuristas: Bruno Corra e Enrico Settimelli. Marinetti, apesar de ter sido preso em Roma em 1920 por um discurso demasiado enérgico contra o rei durante uma manifestação patriótica, colabora neste semanário.

Os elementos mais significativos do futurismo do período pré-guerra foram transformados em fascistas, com exceção de Giovanni Papini, que virou católico e escreveu uma história sobre Cristo. Durante a guerra os futuristas foram os maiores apostadores da “guerra até a vitória final” e do imperialismo. Apenas um fascista, Aldo Palazzeschi, declarou-se contra a guerra. Ele rompeu com o movimento e, sendo um dos escritores mais

interessantes, acabou ficando como um literato. Marinetti, que sempre exaltou a guerra, publicou um manifesto no qual deseja demonstrar que a guerra é o único meio para higienizar o mundo. Ele tomou parte na guerra como comandante de uma divisão de tanques de guerra, e seu último livro *L'alcova d'acciaio* é um hino aos tanques de guerra. Marinetti escreveu um folheto, *Além do Comunismo*, no qual expõe as próprias doutrinas políticas, se é que se pode chamar de doutrinas as fantasias desse homem, um tanto engenhosas e estranhíssimas. Antes da minha partida, a Seção de Turim do Proletkul't convidou Marinetti para uma mostra das pinturas futuristas, para que explicasse seu significado aos trabalhadores membros da organização. Marinetti aceitou de bom grado e, depois de ter visitado a mostra com os trabalhadores, expressou sua satisfação por ter percebido que os trabalhadores tiveram muito mais sensibilidade em relação à arte futurista do que a burguesia. Antes da guerra o futurismo era muito popular entre os trabalhadores. A revista "Lacerba", com tiragem de vinte mil cópias, circulava pelos quatro cantos entre os operários. Durante as diversas manifestações de arte futurista, nos teatros das maiores cidades italianas, os trabalhadores defendiam os futuristas contra os jovens – semiaristocráticos e burgueses – que se revoltavam.

O grupo futurista de Marinetti não existe mais. Sua velha revista "Poesia" agora é dirigida por um tal Mario Dessy, um homem sem nenhum significado intelectual e organizacional. Na Itália meridional, sobretudo na Sicília, saem várias revistinhas futuristas, às quais Marinetti envia artigos; mas trata-se de revistas editadas por organizações estudantis que tomam a ignorância da gramática italiana por futurismo.

O núcleo mais forte entre os futuristas é o dos pintores. Em Roma existe uma galeria permanente de pintura futurista, organizada por um fotógrafo falido, um tal Anton Giulio Bragaglia, agente cinematográfico e empresário teatral. Entre os pintores futuristas, o mais famoso é Giorgio Balla. D'Annunzio nunca opinou publicamente sobre o futurismo. É preciso lembrar que tal movimento, na sua origem, tinha uma marcante característica antidannunziana: um dos primeiros livros de Marinetti trazia o título *Les dieux s'ém vont, et D'Annunzio reste*. Embora durante a guerra os programas de Marinetti e D'Annunzio coincidissem em tudo, os futuristas permaneceram antidannunzianos. Eles (os futuristas) não demonstraram quase nenhum interesse pelo movimento de Fiume, se bem que mais tarde demonstraram um pouco.

Pode-se dizer que após a conclusão da paz, o movimento futurista perdeu completamente a sua imagem característica e se dispersou por várias correntes, que foram criadas e organizadas após a virada de tempo da guerra. Os jovens intelectuais tornaram-se quase todos reacionários. Os trabalhadores, que viam no futurismo os elementos de uma luta contra a velha cultura acadêmica italiana estática e distante das massas populares, agora devem lutar pela liberdade com as armas em punho e pouco se interessam por velhas discussões. Nos grandes centros industriais o programa do Proletkul't, que visa reacender o espírito criativo dos trabalhadores nos campos da arte e literatura, absorve a energia daqueles que ainda têm o desejo e o tempo de ocupar-se destes problemas.

*Antonio Gramsci a Giulia Schucht  
Moscou, dezembro de 1922*

Ontem soube, pela sua mãe, que chegará a Moscou sábado de manhã, e se dirigirá à Sierebriani Bor. Gostaria de me encontrar assim que chegar? Providenciarei um automóvel para nos levar ao Sanatório, sábado às 3 da tarde. Em todo caso, gostaria de passar o Ano Novo contigo, na companhia também da companheira Eugenia. Oqueacha, aceita?

Escreva-me imediatamente para que eu saiba quais providências devo tomar, pois não tenho, nesta função, nenhum espírito de iniciativa. Pensei em empenhar, em Sierebriani Bor, uma grande tarefa: o batismo do carrinho! Você será a madrinha: a companheira Eugenia deverá infundir-lhe o princípio do movimento; eu, modestamente mecontentarei em representar a parte do operário. Aguardo suas sugestões a respeito.

No aguardo. Com afeto,  
Gramsci

*A Julia  
Moscou, 10 de janeiro de 1923*

Caríssima companheira!

Partirei de Moscou para a Itália dentro de poucos dias com a Comissão para a fusão entre Comunistas e Socialistas. Num primeiro momento, o EKKI, ao que parecia, de acordo com a Comissão Italiana, e também com Serrati, havia me nomeado redator da “Avanti!”, com os mesmos poderes de Serrati e então foi decidido que eu partisse imediatamente para ocupar o cargo, infelizmente, mesmo que fosse desagradável e cheio de dificuldades. Ontem à noite aconteceu um fato inédito: Serrati declarou ter compreendido que eu me tornaria codiretor da “Avanti!” depois do Congresso de fusão, não imediatamente, e sustentou: querer manter tal deliberação significaria perder a maioria do Partido Socialista, perder “Avanti!” etc., etc. As notícias recebidas da Itália por Serrati sobre o estado de ânimo do seu Partido deveriam ser bem graves se o induziram a sustentar uma afirmação tão ridícula como a de que, pelo péssimo francês do companheiro Bukharin, ele havia aprovado deliberações tão delicadas e importantes sem ter entendido aquilo que elas significavam efetivamente! As razões da minha partida, qualquer solução tenha o estranho e pitoresco incidente, permanecem, e talvez tenham se tornado mais urgentes, e estou contente por poder retomar o trabalho revolucionário num momento tão difícil e trágico para o proletariado e tão original do ponto de vista tático para as relações entre as várias correntes operárias e entre os indivíduos em particular. Quando a poderei rever? Antes de partir irei a Serebryany Bor para passar um dia com a companheira Eugênia.

Eu espero firmemente que nos possamos rever na Itália. A companheira Eugênia vai sarar e poderá acompanhá-la na Itália: trabalharemos juntos. Ou isto tudo será somente um pequeno sonho construído durante um parêntese de repouso forçado, assim como se constrói uma carroça sem bois? Quem sabe! O mundo é grande e terrível: talvez nos encontremos em Pequim, em Lassa, em Nova York, em Sydney?

Queria escrever-lhe um monte de coisas. Não consigo: talvez a senhorita adivinhe alguma. Dizer-lhe seria mais fácil: falarei à companheira Eugênia, que as repetirá à senhorita.

Deixarei um pacote de livros italianos à senhorita: escreva-me onde posso entregá-lo. Talvez para aquela sua amiga poetisa que fomos encontrar antes do nosso lamentável passeio na neve? Envie-me o nome e o endereço corretos.

E a sua tradução? Envie-me se estiver acabada: farei com que seja publicada na Itália. Escreva-me mais longamente sobre tantas coisas. Fará com que me sinta de novo com a senhorita. Poderia me mandar uma foto da companheira Eugênia? Dar-me-ia um enorme prazer: não posso prever quando será possível nos revermos e manterei uma preciosa lembrança de todos os dias passados juntos. Descubro em mim, que me acreditava completamente seco e árido, uma pequena nascente, pequenina, de melancolia e de um clarão de lua com um contorno azul...

Um cordial aperto de mão,  
Gramsci

*A Eugênia Schucht<sup>2</sup>  
Moscou, janeiro de 1923<sup>3</sup>*

Caríssima companheira!

Ficarei ainda por algum tempo preso em Moscou. O do P.C. envio um telegrama anunciando que existe contra mim na Itália um mandado de prisão e que no momento é impossível passar ilegalmente a fronteira. Assim que chegou o telegrama, quarta-feira de manhã, criou-se uma grande confusão porque eu estava ausente do Lux<sup>4</sup> e nenhum dos italianos sabia para onde eu havia ido: com um automóvel, procuraram em toda a Moscou onde eu pudesse me encontrar e a Г.П.У<sup>5</sup>. foi avisada sobre o meu desaparecimento. Retornando às 7:00h, fui acolhido quase como um ressuscitado. O Presidium, reunindo-se à noite, decidiu que eu devo permanecer aqui até nova disposição.

<sup>2</sup> Como destinatária Giulia Schucht.

<sup>3</sup> A carta é datada, provavelmente, dos dias sucessivos a 17/18 de janeiro, quando aconteceu o Presidium sobre a questão italiana à qual Gramsci se refere.

<sup>4</sup> Hotel Lux, na central Tverskaja Ulica, onde as delegações do exterior do IC viviam e tinham os próprios escritórios.

<sup>5</sup> G.P.U.

A sua carta... maldosa, foi entregue a mim quarta-feira, tarde da noite. Fiz-lhe mal, muito brutalmente. Fui um animal, verdadeiramente. Há ainda muito a ser destruído dentro de mim mesmo. A Senhorita vai me ajudar, não é? Porque há cicatrizes que doem ainda e talvez também feridas que sangram, desde que eu era menino.

Gramsci

*Aos companheiros do Círculo A. Costa Viena  
Moscou, 8 de fevereiro de 1923*

Caríssimos companheiros!

Recebemos sua carta circular. Vemos com prazer que vocês também, como nós já fizemos há muito tempo, procuram manter-se unidos e trabalhar para a causa comum. Hoje, que tantos de nossos elementos tiveram de emigrar, é necessário trabalhar todos juntos e disciplinados e voltar cada um dos seus pensamentos e ações em benefício do campo de batalha no qual estão exilados, esperamos por breve tempo.

Porém, em relação ao que vocês dizem, sentimo-nos no dever de não os aprovar, ao contrário, fraternamente reprová-los.

Parece-nos muito apressado o trabalho completado por vocês. Em nossa opinião, vocês não ainda poderiam ter formado um Círculo unitário, mas, ao invés disso, só um Comitê misto entre Comunistas e Socialistas. Tão melhor seria se ambos estivessem já afinados e pudessem completar uma obra em concordância. Com sua iniciativa e propaganda, vocês não obterão outro resultado senão o de acrescentar nova confusão à já grande, existente na Itália, especialmente no movimento Socialista; às propostas da Internacional que foram sancionadas pelo 4º Congresso e somente poderão ser modificadas por outro Congresso; às contrapropostas polêmicas que são feitas mais ou menos de boa fé pelos Socialistas contrários à fusão, vocês acrescentam outras propostas ainda. Por quê? Com qual resultado? Assim vocês reforçam a oposição deles, os quais terão uma razão a mais para sustentar diante da massa que se pode mercadejar com a Internacional sendo possível ter algumas concessões.

Parece-nos absolutamente errado o seu ponto de vista de querer lutar ao mesmo tempo contra os Socialistas oportunistas de direita e contra os assim ditos Comunistas oportunistas de esquerda. Nesse momento e situação atual, o problema de fato refere-se somente ao Partido Socialista. O Partido Comunista, na sua totalidade, declarou aceitar a solução que a Terceira Internacional deu ao “problema italiano”. E também os mesmos Socialistas mais ferrenhamente contrários à fusão, até agora, nem tentaram usar os assim chamados oportunistas de esquerda como arma para a luta contra a Internacional.

É evidente a todos que os contrários à fusão odeiam até a morte os expoentes do Partido Comunista, não pelo seu “esquerdismo”, mas porque, objetivamente, estes se sentem derrotados pelo fato de que, de Livorno em diante, não conseguiram reorganizar o P.S. e devem, retornando à Internacional e aceitando a sua disciplina, reconhecer todos os seus gravíssimos erros e, portanto, necessariamente assumir diante da massa uma posição subordinada. Dada tal situação, não conseguimos, na verdade, compreender por quais razões vocês, em sua circular, recorreram a este motivo polêmico, nem porque deram a ele uma forma absolutamente vaga e indeterminada e, por isso, perigosíssima. Os socialistas contrários à fusão valer-se-ão deste motivo como de uma arma. Eles dirão aos operários Socialistas: vejam, um grupo de Comunistas que se sacrificou e por isso foi obrigado a emigrar, também sustenta que a fusão somente poderá ser feita se forem eliminados os oportunistas de esquerda. (Chefes Comunistas). Deste modo vocês, caros companheiros, terão aumentadas as dificuldades que se sobrepõem à fusão e travancado o trabalho que a Internacional está desenvolvendo. E isto por quê? Porque, ao invés de se ater às disposições publicadas pela Internacional, vocês quiseram fazer da própria cabeça, obedecendo talvez, às sugestões de alguém que tem rancores contra os companheiros dirigentes do P.C., os quais se recusaram a satisfazer a sua vaidade pessoal e equivocada mania de aventuras. Quanto mais a situação é difícil e complicada, mais os Comunistas devem taxativa e literalmente permanecer disciplinados às disposições publicamente emanadas dos organismos competentes. Nesta luta que a Internacional Comunista caninamente conduz contra os oportunistas de todo tipo, o terreno está minado e cheio de emboscadas. Todo um trabalho delicadíssimo de caráter individual e de pequenos grupos é desenvolvido pela Internacional para evitar essas armadilhas e emboscadas. Mas, se os

Comunistas, se aqueles que se declaram de ser, e são, resolutamente, verdadeiros soldados da Internacional, tomam iniciativas por conta própria, pensando em fazer melhor e chegar mais rapidamente ao fim proposto, jogam-se desenfreadamente à luta, todo o plano de batalha fica comprometido e, ao invés de uma vitória, pode-se obter uma derrota. Na atual situação, o trabalho da Internacional deve ser como o de uma fábrica na qual seja aplicada a mais minuciosa divisão das tarefas. Os Comunistas devem ser os operários qualificados que, harmônica e cuidadosamente, elaboram o material a eles confiado segundo os desenhos estabelecidos e não segundo projetos mirabolantes improvisados aqui e ali.

Vocês, caros companheiros, neste caso, mais que ao operário qualificado que conhece a necessidade da produção e sabe valorizar o trabalho completo, se assemelham ao aprendiz presunçoso que, estando há uma semana na fábrica, acredita ter no bolso todos os segredos para renovar os maquinários e sistemas de trabalho e causa confusão, sabotagem e perda de tempo.

Somos absolutamente contrários ao seu projeto de criar uma Federação de círculos de emigrados italianos. Uma iniciativa deste tipo pode ser tomada somente pelo partido e pela Internacional, não por organizações independentes. O problema é muito mais difícil do quanto pareça a vocês e pode ser resolvido adequadamente pondo em movimento os meios e autoridades que estão à disposição, somente pela Internacional e suas seções. Trata-se de encontrar uma forma de organização que permita aos comunistas italianos terem uma formação autônoma nos vários países, mesmo estando inscritos no partido local, segundo as disposições do estatuto da Internacional. Trata-se de criar uma ligação entre uma infinidade de pequenos núcleos dispersos em tantos diferentes territórios.

Segundo o seu projeto, chegar-se-ia à criação de uma central fora do controle do Partido e da Internacional, a qual, automaticamente, se tornaria uma contraposição ao Partido Italiano. O seu dever seria o de se informar se, por acaso, o Partido Italiano já tomou iniciativas neste sentido. Depois, em caso afirmativo, ater-se às disposições; em caso negativo, apresentar propostas concretas e em qualquer caso, não tomar iniciativas por conta própria; não mandar circulares para todos os lados, de modo a criar paralelamente às eventuais iniciativas do Partido outras que possam, por único resultado, permitir a agentes provocadores de se infiltrar entre os emigra-

dos e de conseguir assim se infiltrar no Movimento Italiano já reduzido à quase completa ilegalidade.

Parece que vocês se esquecem de que os Fascistas, em muitas ocasiões, se apoderaram de todas as cartas de seções Comunistas e Socialistas.

Parece que vocês se esquecem de que nos movimentos Socialista e Comunista foram verificadas algumas baixas as quais nem sempre foram acertadas e verificadas.

Parece que vocês se esquecem de que os Fascistade elementos que militaram nos partidos proletários e desertaram sem que a massa dos companheiros esteja ciente da sua baixa e o Partido Comunista possa tornar tais avisos públicos, porque entende seguir a atividade desses mercenários e chegar à descoberta de todas as filas doserviço de espionagem fascista.

Quisemos escrever franca e claramente a nossa opinião porque sempre assim se deve agir entre revolucionários.

Em toda a sua atividade temos a impressão de que, ao lado do espírito de solidariedade para com os companheiros atingidos pela reação e do férvido desejo de reorganizar o movimento proletário italiano, existam outros, obscuros, os quais poderão se revelar nas piores aventuras.

Nós, que há muito tempo estamos na Rússia e tivemos oportunidade de entrar em contato com representantes de todos os partidos operantes nos países submetidos à reação e têm, por esse motivo, grandes correntes de emigração política, sabemos o quanto o problema é difícil e cheio de perigos. Entre os emigrados, que muito frequentemente são obrigados a conduzir uma vida de dificuldades, sacrifícios e privações, facilmente se instala um estado de ânimo de desmoralização. E elementos pouco confiáveis, bagunceiros, ávidos em fazer carreira, conseguem aproveitar os ventos favoráveis e desenvolver obra de desagregação e deseducação política.

É necessário, portanto, que tudo o que diz respeito à emigração política seja estritamente controlado pelos organismos centrais, os quais conhecem a situação e os homens. Nós sabemos que tanto o Partido Comunista quanto a Internacional, sejam política ou sindical, tomaram para si o problema da imigração política italiana e querem resolvê-lo organicamente

levando em conta as experiências de todos os países. À disposição que destes organismos emanará, nós desejamos permanecer rigidamente disciplinados, o que igualmente lhes aconselhamos se, como vocês dizem e nós estamos convencidos de que verdadeiramente tenham a intenção, querem trabalhar para a reorganização do Movimento Revolucionário Italiano.

Saudações Comunistas!  
Pela Seção Comunista Italiana de Moscou  
O Secretário Político<sup>6</sup>

*A Eugênia Schucht<sup>7</sup>*  
*Moscou, 13 de fevereiro de 1923*

Caríssima!

Ainda não estou certo de poder ir até a senhorita domingo. Convocamos-nos a todo o momento, nas horas mais impensáveis, e não gostaria de faltar a uma reunião sem poder justificar a minha ausência. Desejo muito ir. Queria dizer-lhe tanta coisa... Mas conseguirei? Pergunto-me isto frequentemente, faço esboços de longos discursos. Mas quando estou perto da senhorita, esqueço tudo. E deveria ser tudo tão simples. Simples como nós, ou ao menos como eu. A senhorita se engana ao encontrar tantas

---

<sup>6</sup> Pedimos-lhes comunicar à assembleia geral dos seus sócios sobre esta carta e aconselhamos-lhes à votação de uma moção na qual se afirme que, haja vista a carta dos companheiros Comunistas italianos residentes em Moscou, o Círculo A. Costa de Viena declara renunciar a todas as suas iniciativas particulares, em relação ao problema da fusão entre Partido Comunista e Partido Socialista na Itália; em relação à organização dos emigrados políticos, declara querer permanecer disciplinado a todas as disposições que emanarão do Comitê para a fusão, eleito pelo IV Congresso e, ao espírito, à carta das deliberações da Internacional Comunista.

Avisamos-lhes que desta nossa carta será mandada cópia à central do Partido Comunista Austríaco, à central do P.C.I., ao Comitê eleito pela III Internacional para a fusão entre P.C. e P.S.I., ao Comitê Executivo do I.C., e que a mesma, integralmente ou seus principais trechos, será publicada pela Imprensa Proletária Italiana.

<sup>7</sup> Sempre como destinatária Giulia Schucht.

complicações e significados nas minhas palavras. Não, as palavras refletem fielmente o estado de ânimo, muito tranquilo e sereno. Eu a quero bem e tenho a certeza de que a senhorita também. Estou, é verdade, há muitos e muitos anos habituado a pensar que exista uma impossibilidade absoluta, quase fatal, de que eu possa ser amado. Esta convicção me serviu por muito tempo como uma defesa contra mim mesmo para que, às vezes, não volte a me ferir e ficar deprimido. Quando menino, aos 10 anos, comecei a pensar assim por causa dos meus pais. Eu era obrigado a fazer muitos sacrifícios e a minha saúde era tão frágil que eu me convencia de ser suportado, um intruso na minha própria família. São coisas das quais não se esquece facilmente, que deixam marcas muito mais profundas do quanto se possa pensar. Todos os meus sentimentos estão um pouco envenenados por essa atitude arraigada. Mas, hoje, quase não me reconheço, mudei tanto e, por isso, parece-me estranho que note e dê importância a contradições nervosas e a pequenas descargas que estão fora de meu controle e talvez tenham um valor puramente físico<sup>8</sup>. Eu a amo. Por que diz: “Cedo demais”? Por que diz que o meu amor é algo que não lhe diz respeito? Que confusões, que dificuldades são essas? Não sou um místico, nem a senhorita é uma Nossa Senhora Bizantina. Aconselho a senhorita a contar até 10.000 quando for obrigada pelo pensamento a bater a varinha de abracadabra.

Somos fortes e nos amamos. E somos simples, e tudo é natural em nós. E, sobretudo, queremos ser fortes e não queremos afundar em intrigas psicológicas água com açúcar à Matilde Serao. Queremos ser fortes espiritualmente, e simples, e são, e nos querer bem assim, porque nos queremos bem e esta é a mais bonita e mais forte razão do mundo.

Poderá vir encontrar-me quando eu chegar? Foi sábia e boa? Eu meço a sua vontade de me querer bem pelo esforço que faz para conseguir saltar os ribeirões... E eu a amo. G.

---

<sup>8</sup> Dez anos depois, descrevendo os sintomas da doença da qual estava sofrendo a Turi, escreveu: “Se procuro, para tentar, fazer um pequeno esforço, perco novamente o controle dos movimentos; as mãos e os braços, isto é, movem-se por conta própria impulsiva e bruscamente e os dedos estalam e se deformam por estiramento dos tendões. Acho que tais condições durarão ainda muito; em 1922-1923 duraram cerca de oito meses e eu podia me cuidar melhor” (Carta a Tania de 10 de abril de 1923).

*A Giulia (Julca)*  
*Moscou, 13 de fevereiro de 1923*

Cara companheira!

Esperei em pé firme o terrível Degott. Tive a sorte de não vê-lo. Domingo passado estive em Serebryany Bor. A companheira Genia estava um pouco nervosa e deprimida, mas acho que, em geral, ela esteja melhor: aprendeu a caminhar e manter-se em equilíbrio. Acho que este seja o período mais crítico da sua convalescença: quando os desejos e ambições, que brotando fervor das forças nascentes, urge me levam para mais longe do que as possibilidades existentes.

Quando voltará a Moscú? Escreva-me sobre seus trabalhos e novas experiências, as quais me interessam tanto. Eu espero e posso trabalhar ainda com dificuldade, irregularmente. E a tradução? Por que não a entregou a mim? Soube que a tinha consigo. Sobre o partido italiano (Socialista) existe só uma coletânea de documentos do III Congresso, da qual eu tenho dois exemplares e que lhe poderá ser útil.

Saudações afetuosas!  
Gramsci

*A Eugênia Schucht*  
*Moscú, março de 1923<sup>9</sup>*

Caríssima companheira!

Dentro de alguns dias virei ao seu encontro. Por que me escreveu uma carta tão boa e tão... maldosa? Nada poderá nos separar, se nós mesmos não o queiramos: eu não quero. Não foi pouco, para mim, dizer que a quero bem. Conte-lhe tantas histórias da minha infância, as pitorescas, as que dão prazer em recordá-las: nem sequer lhe acenei sobre o outro lado da moeda. A minha vida foi sempre uma chama fria, um deserto. Como

---

<sup>9</sup> Mesmo não tendo elementos úteis para precisar a data, a carta, com o seu retorno aos efeitos do sofrimento experimentado na infância, aparece sucessiva à carta de 13 de fevereiro e escrita após um intervalo de silêncio, é possivelmente dos primeiros dias de março, tendo como destinatária Giulia Schucht.

pude lhe dizer que a quero bem? Pensei muito nisso, durante o intervalo de silêncio: ri de mim mesmo, da senhorita, de todos, pensei coisas horríveis, a cloaca do meu passado regurgitou, envenenando-me um pouco. Era necessário que isto acontecesse. Retornei à senhorita e fiquei perturbado porque me parecia tudo mudado, tudo diverso: eu mesmo devo ter mudado, devo ter me tornado outra pessoa. Talvez o meu esgotamento nervoso fosse ainda mais grave do que eu pudesse imaginar e poderia ter tido consequências psicológicas muito mais perigosas do que eu pudesse temer. Mas agora quero, categórica e decididamente. Pensei no intervalo, procurei também me convencer de que estivesse representando com a senhorita uma comédia, como fiz outras vezes (porque o fiz, mesmo) quando me propunha, convencido de não poder ser amado (lembra-se de uma discussão sobre certo verso de Dante?)<sup>10</sup>, de conseguir obter para mim as manifestações exteriores do amor, para conseguir, para dominar, para ser o mais forte, por todos os meios, com astúcia e também mentiras. Pensei, procurei me convencer, repeti o jogo, para ver se eu era capaz, se não tinha perdido as minhas forças; fiz mal, sim, fiz mal, do qual não me arrependo por nada, e hoje quero, absolutamente quero, que continue a me querer bem, porque pela senhorita quebraria os ossos de outro (eu me lembro da frase: eu odiaria se outra mulher amasse o companheiro) e levei todas essas coisas a sério, muito a sério. Eu quero e a senhorita também deve querer. Falaremos sobre isso dentro de poucos dias.

Gramsci

*Gramsci e Egidio Gennari ao Comitê Executivo do Pcdl  
Moscou, 15 de março de 1923*

Caros companheiros!

Apesar da tempestade que afetou o nosso partido e a inutilização de Amedeo – cuja perda é a mais grave sofrida por nós – temos certeza de que o Partido saberá resistir e restabelecer seus quadros os quais, mesmo redu-

<sup>10</sup> De “certo verso de Dante ‘Amor que a nenhum amado, amar perdoa’” (*Inferno*, V, 103), Gramsci falou também com Giulia em Serebryany Bor, como lhe recordou na carta de 6 de outubro de 1924.

zidos, resistirão até virem dias melhores que permitam a retomada de uma ação proletária. Compreendemos as responsabilidades e quantas dificuldades vocês deverão superar agora, mas temos plena confiança no espírito de sacrifício e nos resultados de seu trabalho de defesa e reconstrução.

Impressões sobre os acontecimentos na Itália. Em primeiro lugar, temos de informar-lhes sobre a repercussão dos últimos acontecimentos na Itália entre os companheiros daqui. Estes produziram entre os membros da Executiva, assim como entre os companheiros Russos, uma impressão muito boa. Compreendemo-lo por aquilo que se diz abertamente, e muito mais pelas alusões e sorrisos, sobre a ação ilegal do nosso Partido. Falava-se de todo o nosso aparato ilegal como algo sólido e seguro e, nós mesmos, muitas vezes o assinalamos como exemplo aos outros partidos (por exemplo, também recentemente no Congresso de Praga).

Agora também, e especialmente por parte daqueles partidos que não tentaram nada ou não conseguiram fazer coisa alguma em tal campo, aproveita-se a oportunidade para acreditar que todo o que nós narrávamos, e que representava realmente o resultado de toda a obra paciente de dois anos de trabalho, não fosse nada além de um blefe ou ao menos contivesse uma boa dose de exagero.

Naturalmente, fazemos o melhor para restabelecer a verdade em relação ao nosso Partido; mas é necessário que vocês também façam o possível nesse sentido. Recomendamos-lhes, ainda, de serem muito cuidadosos em suas relações. Aquele que, por exemplo, atribui a descoberta do escritório ilegal ao acaso, cria uma péssima impressão. Diz-se também que lhes foi oferecido manter todo o material apreendido em lugar seguro, o que vocês recusaram, e disto se faz uma grave acusação contra vocês.

Tudo isto serviu para desqualificar enormemente o nosso Partido diante da Internacional.

É necessário que nos multipliquemos e, com um novo trabalho e uma boa tática, o Partido retome toda a confiança da qual gozava ante os outros partidos comunistas. Caso contrário, corremos um grave perigo de que seja valorizada a esquerda do Partido Socialista e esta se torne o centro das esperanças e atenções do I.C., o que naturalmente conduziria a desilusões bem maiores do que aquelas que possa ter experimentado em relação a nós, mas não representariam nada além de um magro conforto

para nós e, de qualquer modo, um grave dano para o nosso Movimento e para a sorte do proletariado italiano.

Trabalhos da Comissão. Sabemos que Giacomo não está mais entre vocês. Finalmente compreendeu-se aqui que é melhor que ele não volte. Ao invés disso, far-se-á de modo que Beruzzi possa prolongar a sua visita e outro vá para o lugar de Giacomo. Um pouco atrasado, Discutiu-se também ontem, no secretariado (em nossa presença), sobre os deveres da Comissão e o requerimento de Giacomo, o qual pedia com um telegrama que se sustentasse a sua tese para abandonar o trabalho de fusão, limitando-se à constituição de um simples frente proletário. Reconheceu-se, ao contrário, que – como nós sustentamos – seria desastroso dar a sensação de falência de tudo o que foi deliberado por um Congresso mundial sendo, então, necessário continuar o trabalho de fusão mesmo prorrogando-o para dar a oportunidade de se realizar um trabalho mais eficaz de preparação e de organização da fração favorável a ela no P.S..

A Comissão deveria então insistir para que o Congresso do P.S. seja prorrogado, a direção deste seja mais ativa e enérgica, para que o trabalho de organização da fração favorável à fusão seja conduzido com rapidez, assim como vigiar todas as atividades dos órgãos do P.S., sobretudo de “Avanti!”.

Sustentamos isto e parece ser reconhecido como útil. Achamos necessário que vocês encarreguem Scocci de, além de nos enviar as informações pessoais que recebemos, mandar relatórios oficiais (como secretário da Comissão) ao Comintern para que sejam traduzidos e distribuídos aos membros da Executiva. Ao mesmo tempo, seria bom que preparasse e enviasse um relatório detalhado sobre todos os trabalhos da Comissão completados até este momento na Itália expondo, resumidamente, também as deliberações tomadas aqui, antes da sua partida. Isto dará um quadro completo da atividade da Comissão e será de grande eficácia para colocar todos os membros da Executiva em condições de ter todos os elementos necessários para examinar e deliberar sobre tudo o que diz respeito à fusão.

Só para dar uma ideia da necessidade do quanto sugerimos, dir-lhes-emos que a discussão sobre os deveres e atividades da Comissão foi originada pela pergunta que alguns faziam sobre a utilidade ou não da continuação do seu funcionamento.

Relação sobre a atividade partidária. É também necessário mandar aqui relatórios mais completos sobre a atividade do Partido. Por exemplo, não sabemos nada específico em relação a centros importantes como Turim e Milão. Achamos útil, em relação a isto, encarregar relatores nas principais regiões para que, quinzenalmente, mandem relatórios, na medida do possível, exatos e completos sobre o movimento partidário. Estes lhes darão a possibilidade de ter uma base segura para mandar relatórios resumidos com dados gerais relativos ao nosso Movimento.

Conferência Internacional de 17 de março. Não temos aqui nenhuma notícia sobre “quem e se” poderá representar o Partido e o Comitê Sindical na conferência de 17 do corrente, sobre a questão da Ruhr e o Fascismo. Interrogados, aconselhamos telegrafar a Ambrogi em Berlim para saber se ele conhecia as suas disposições. Depois, diminuindo o tempo, escrevemos ao mesmo companheiro dizendo que, caso vocês não tivessem a possibilidade de prover, ele, sendo seu representante em Berlim, os represente também nesta conferência. Isto para evitar a falta de um representante do nosso Partido.

Um breve esclarecimento sobre o exposto por Ambrogi em uma carta endereçada a vocês sobre uma reunião preliminar em Berlim. Eu (Gennari) e Bombacci recebemos um convite para irmos juntos a uma reunião que aconteceria poucas horas depois, sem especificar qual seu objetivo. Interpelados, dado que Ambrogi estava indisposto e acamado, ficamos. Só eu falei e na mesma noite pus Ambrogi a par da situação e entreguei o breve relatório que ele lhes transmitiu. Explico isto, para evitar também a ideia da mais vaga semelhança com um conflito que seria fora de propósito e ridículo. (I).

A isto devemos acrescentar ainda alguma coisa. É necessário também coordenar toda a ação, a ser explicada no exterior, contra o Fascismo internacional e o tipicamente italiano. Vocês conhecem a deliberação da Executiva quanto a isto. Radek concretizou tal ação em uma carta da qual, porém, não sabemos o teor.

Um de nós (Gennari), em Berlim, depois de uma troca de ideias entre companheiros que lá estavam, e porque existia já alguma iniciativa nesse sentido de S. (um dos assinantes da proposta recebida por vocês), redigiu um projeto de organização de tal trabalho a subordinarem-se como simples

companheiros e como material de elaboração, esperando o seu julgamento e as suas propostas concretas. Não sabíamos que já se tinha discutido e decidido sobre parte de tal ação no seio da Executiva. Num telegrama de Beruzzi, também é reconhecida a necessidade de tal ação no sentido por nós proposto. Mas isto não é ainda suficiente. Insistimos também para que se faça provisão para a organização da propaganda, para a arrecadação de fundos, distribuição dos socorros e regulamentação da emigração política.

A atividade dos companheiros no exterior deveria, assim, explicar-se sobre estas três tarefas:

- a) Com relação ao conteúdo da carta para a criação do escritório;
- b) Ação contra o Fascismo;
- c) Arrecadação de fundos, ajuda e utilização dos fugitivos.

Como segundo objetivo já foi escolhida pela Executiva a sede que entende mais oportuna. Por terceiro, para o qual a *Rote Hilfe* já tem algum fundo à disposição, é conveniente a nosso ver, escolher a mesma sede do escritório.

*Caso Bombacci etc.* Achamos útil expor o nosso pensamento também neste caso, especialmente do ponto de vista das repercussões que um conflito poderia ter na Itália e aqui neste momento.

Estabelecido, como questão primordial, que a disciplina deve, especialmente nesse momento, ser mais rígida que nunca e, não os únicos interessados, mas os órgãos responsáveis do Partido devam dispor das atividades de cada membro, a Executiva deve, ao nosso aviso, examinar a oportunidade em tal momento de evitar, tanto quanto possível, qualquer ato não estritamente necessário que possa dar a impressão de abandono e esfacelamento do nosso Partido. Dizemos isto por diversos motivos: por exemplo, também naquilo que concerne a uma eventual retratação dos *remanescentes* do grupo parlamentar Comunista.

É necessário hoje, mais que nunca, julgar cada um de nossos atos, não somente do ponto de vista disciplinar, mas também e, sobretudo, do político e perguntar-se sempre qual efeito este poderá ter sobre as massas e sobre a Internacional.

Uma vez estabelecido, então, que a Executiva deve poder dispor de todos os seus membros assim como de Bombacci (parece-nos, porém, inoportuna a carta de Terracini que consente a cada inscrito de reexaminar a própria capacidade de sacrifício e disciplina), a mesma deve refletir como tirar proveito na Itália de um provimento que pode ser evitado e que na Internacional e nos partidos no exterior daria a impressão de pequenas lutas pessoais ou de tendências.

Achamos, porisso, que agora *se deve evitar todo o possível e tudo o que já foi evitado nos tempos mais calmos e menos conturbados*. É melhor, ao invés disso, procurar usar todos os companheiros como eles são e para aquilo que podem dar. Diante de certas necessidades, a Executiva, mesmo mantendo firmes o seu prestígio e o princípio de disciplina, veja se, por exemplo, não seria melhor usar, mesmo temporariamente, Bombacci para a propaganda e coleta de recursos no exterior.

*Marabini-Silva*. Marabini terminou o trabalho a ele confiado e transmitimos-lhes o seu relatório. Ele espera que vocês lhe comuniquem como pretendem dispor dele. Seria tão útil no ofício que se pretende construir como onde está. Examinem isto e comuniquem a sua decisão.

Silva, até agora, ficou aqui completamente inutilizado. Estão tomando medidas para levar a cabo o que desejava Bruno e o que foi requerido aqui por Amadeo. Mas até agora, nada foi concluído e isto não os assustará. Vocês acham que eventualmente possa ser utilizado em outro lugar (por exemplo, com Genari) como técnico? Pensem em tal possibilidade juntamente com Bruno e comuniquem-nos as suas decisões.

E... por hoje, basta. Sabemos muito bem a carga de trabalho que pesa sobre vocês e como, neste momento, devem sustentar-se e lutar, para jogar-lhes ainda outra cartinha datilografada, mesmo sabendo que não lhes falta força e coragem.

Apesar de tudo, avante e saudações cordialíssimas!  
Saudações alegres a Amadeo.

(I). *Atividade do partido no exterior*. Foi expedida avocês na última vez, a carta da Executiva acerca da constituição e dos objetivos de um ofício no exterior.

*Gramsci e Egídio Gennari ao Comitê Executivo do Pcdl  
Moscou, 29 de março de 1923  
Ao C.E. do P.C.I.*

Caros companheiros!

Recebemos ontem dois documentos que esperávamos desde o primeiro dia no qual se desencadeou a ofensiva do governo Fascista contra o nosso Partido: o relatório Grieco e a resposta Fortichiari à carta da Comissão para o trabalho ilegal. Aqui se vivia de impressões e se julgava a posição do Partido pelas notícias catastróficas dos jornais. Nós sentíamos absoluta falta de notícias concretas; o único jornal italiano a dar informações amplas era “Avanti!”. Os escritos de Terracini estavam mais para artigos de jornal que para relatórios: neles, nenhum dado de fato, somente julgamentos genéricos e piadas polêmicas, as quais, nas reuniões do Presidium, se tornavam o ponto de partida de duros ataques contra o nosso Partido, apresentado como um refúgio de menores irresponsáveis que não entendem nada da situação e não sabem nem mesmo o que acontece em seu Partido (a falta de informações tornava-se uma prova da degradação completa do mesmo) e se divertem em batalhar com alfinetadas contra a Internacional. Algumas reuniões do Presidium foram desastrosas para nós e desmoralizantes ao máximo. A chegada de duas cartas pessoais de Scocci a Gramsci permitiu endireitar um pouco a situação. Sustentamos a responsabilidade do pinguim na situação criada no P.S. e conseguimos impedir não somente que ele fosse mandado de volta à Itália, como propunha Bukharin, mas também fazer passar na resolução votada, a afirmação de que os sistemas de execução adotados na Itália pelo pinguim para fazer triunfar os pontos de vista da Internacional eram errados e danosos.

Aparato ilegal. Fazemos-lhes um breve esboço histórico da opinião aqui difundida acerca da capacidade do Partido em organizar um aparelho ilegal e da eficiência do já existente. No Congresso, como vocês se recordam, tinha causado ótima impressão a chegada do “Comunista” e do “Ordine Nuovo” impressos semi-ilegalmente no momento do golpe de estado Fascista. Depois do Congresso, em uma reunião fechada do Presidium, o companheiro Eberlein fez um relatório sobre as conversas tidas com os representantes de vários partidos sobre o argumento do trabalho ilegal. Pela Itália, ele disse ter se formado a impressão, pelas palavras do compa-

nheiro Bordiga, de que não existisse um exato e verdadeiro aparelho ilegal e não tinha tido os elementos necessários para definir o que verdadeiramente existisse.

As notícias que chegaram ao momento da prisão de Bordiga confirmaram esse julgamento, determinando, a nosso ver, uma impressão sinistra. A ingenuidade de Terracini, insistindo literalmente no “desagradável incidente” o qual tinha determinado a prisão do chefe do Partido e o arresto dos seus fundos, ameaçou introduzir um elemento de farsa ao drama. Será difícil dissipar a impressão. Todos estão de acordo em achar que a questão não é organizativa, mas essencialmente política: um partido de doutrinários, o qual não quer se tornar um partido de massas, não faz nada para conquistar a simpatia das grandes massas, nem pode organizar um sólido e seguro aparelho ilegal, eis a conclusão a que se chega.

No último relatório das sessões do Comitê Central falou-se da oposição de Repossi à criação dos grupos de oficina, sem ter falado sobre qual postura ficou estabelecida em relação a isto. A questão é de princípio, depois do terceiro Congresso. Todos os partidos Comunistas deveriam estar organizados com base nas fábricas, em combinação com a base territorial, para coletar elementos que, pelo desemprego ou por outras razões não trabalhem em fábricas. É necessário que o Comitê Central tome uma decisão clara e precisa para a questão e confie na aplicação de tal medida organizativa.

Questão da fusão. A chegada do relatório Beruzzi modificou notavelmente a impressão provocada pelos de Giacomo e os pontos polêmicos de Terracini. É necessário persuadir-se de que a política da Internacional terá sempre como base a conquista do Partido Socialista para ter o “Avanti!” o qual demonstrou nestes últimos meses, com a sua difusão e subscrição, ser o jornal mais amado pelas massas italianas. Isto quer dizer que a Internacional mudará de tática toda vez que julgar necessário, para evitar perder a maioria do Partido Socialista e então cair na situação anterior. Sobre o fato de a minoria favorável à fusão dever permanecer no Partido Socialista, nós estamos de acordo e, então, não poderíamos fazer outra coisa senão estar de acordo com respeito à formação do bloco proletário, o qual deveria ser uma fusão de fato com a distinção mantida pelos organismos centrais.

Melhor especificando: lembramos que, na última reunião do Presidium, diante da partida da Comissão, quando foi tomada a deliberação de que os favoráveis à fusão saíam do Partido Socialista mesmo se fossem a minoria, fez-se isto só para obrigar Serrati a lutar com todas as suas forças pelo triunfo destes no Congresso; mas, até agora, se pensava que politicamente teria sido mais útil dar poder ao representante do Comintern de aconselhar, no momento certo, o comportamento oposto. Isto é sabido também por Scoccimarro, que lhes poderá dar maiores informações.

Agora, na reunião do Presidium todos concordam com a ideia de que a minoria favorável à fusão deve permanecer no Partido e nós sustentamos a tese e conseguimos não obrigá-los a tomar uma deliberação apressada e esperar ainda, incitando a fração favorável à fusão a trabalhar ativa e energicamente para melhorar a sua posição.

Assim, pelo bloco proletário, nos opusemos a que (ficando, porém, completamente sozinhos), segundo a proposta de Giacomo, significasse renúncia e fosse um substitutivo da fusão.

O problema deve ser estudado atentamente pelo nosso Comitê Central; trata-se de desenvolver uma grande ação estratégica a nos permitir, dada a situação geral, a maior homogeneidade dos Comunistas e o apoio da Internacional, absorver completamente os Socialistas. Transmitimos-lhes literalmente a resolução do Presidium de 16 de março. “O Presidium reafirma a sua resolução de 20 de fevereiro, sobre o adiamento do Congresso do Partido Socialista e sobre a formação de um bloco proletário que significa: grupos locais, ações, jornais, ações nos sindicatos e luta, tudo em comum contra o Fascismo. O Presidium encarrega o companheiro Beruzzi da execução sem atrasos destas decisões e os faz notar como os procedimentos de execução até agora adotados fossem errados e danosos. As decisões do quarto Congresso (14 pontos) permanecem naturalmente em vigor e todos os aderentes à Internacional Comunista têm o dever de conduzir praticamente uma propaganda a favor dessas decisões. Mas a execução imediata dos 14 pontos está descartada, dadas as condições políticas desfavoráveis. A propaganda pela fusão deve, portanto, continuar.

Trata-se, em suma, de uma operação de infiltração em grande estilo, desenvolvida de acordo com o permitido pelas circunstâncias, tendo o objetivo de conquistar “Avanti!”, isto é, o organismo que hoje exerce de fato

uma influência preponderante sobre a maioria da classe operária revolucionária. Isto pressupõe, naturalmente, que existam grupos Comunistas muito afinados e homogêneos, e uma Central que saiba desfrutar todas as ocasiões para demonstrar estar bem posicionada na efetiva luta contra o Fascismo. Nós também acreditamos ser este o único caminho e a única tática possível no momento. Os últimos acontecimentos demonstram que o Fascismo entra efetivamente na sua fase de decomposição. Quer queimar etapas e chegar correndo aos últimos resultados: o desaparecimento de todo partido burguês e pequeno-burguês e a centralização organizacional de todos os elementos ativos da burguesia em seus quadros. Mas, dado que o Fascismo teve de iniciar uma ação concreta no campo econômico, este teve de fazer uma escolha entre os vários grupos capitalistas e, naturalmente, fixou-se no grupo da indústria siderúrgica a qual representa a base necessária para uma política imperialista, para uma retomada do desenvolvimento nos armamentos, um programa fundado essencialmente sobre a perspectiva de uma próxima guerra ao lado da França. O comportamento do “Corriere” e da “Stampa”, representado pelas indústrias exportadoras, mecânica e têxtil as quais possuem interesses contrastantes com a siderúrgica e não podem ver com simpatia uma ligação militar com a França, é sintoma de uma situação muito grave. Nós acreditamos também que, nesta situação, haverá na Itália nova vida à tendência à autonomia de inteiras regiões (Sardenha, Sicília e Itália Meridional), podendo oferecer uma base muito ampla de luta contra o Fascismo e pela dissolução do estado burguês. Naturalmente todas estas perspectivas impõem a necessidade da unificação do proletariado revolucionário, passando a existir um só Partido das massas Comunistas.

Dado que nós não podemos adotar os mesmos sistemas coercitivos e terroristas do Fascismo para obter o objetivo, similar para ambas as classes, a única tática possível se torna aquela da Internacional. O Comitê Central deveria tomar como objeto de discussão profunda esses problemas e compilar breves teses sobre as perspectivas da situação na Itália, a serem transmitidas em Moscou para discussão do Comitê Executivo.

*Propostas práticas:* Queremos lhes fazer duas propostas as quais vocês estudarão de acordo com a situação e possibilidade. Achamos útil a criação de um ofício de pesquisas econômicas que trabalhe para o Partido e recolha todos os elementos necessários para a sua luta e preparação intelectual. O

ofício poderia ser legal, gerido por elementos fiscalizados pelo Partido podendo não ser inscritos neste. Propor-se-ia ao seguinte objetivo: compilar um boletim mensal ou quinzenal sobre a situação nacional e internacional das classes trabalhadoras (desemprego, salários, lutas sindicais, organização) em relação às organizações Capitalistas. Em resumo deveria fazer o mesmo trabalho da Seção de pesquisa sobre o trabalho do *Labour Party* inglês. O boletim poderia ser distribuído por assinatura e também fazer um serviço, a pagamento antecipado, de fornecer informações aos Sindicatos de todos os tipos. Seria possível pensar também na publicação de um quinzenal de cultura política do tipo inglês “*Commom Sense*” (*O senso comum*) que tratasse dos problemas nacionais e internacionais da classe operária de um ponto de vista substancialmente Comunista, mas de forma objetiva, de informação e discussão desinteressadas. “*Senso Comum*” poderia ser o seu título, mas também um programa. Não seria difícil daqui organizar uma rede de bons correspondentes de todos os países e um serviço de informações e correspondências da Rússia. Podemos indicar-lhes dois elementos para este trabalho. Piero Sraffa, conhecido por Togliatti, que na Inglaterra trabalhou no Ofício de pesquisa sobre o trabalho do *Labour Party* e é especialista em questões bancárias. Gramsci poderia escrever-lhe uma carta. Sraffa já havia falado com Gramsci há tempos sobre um projeto deste tipo e mostrou-se favorável. É um elemento que trabalhou em Turim indiretamente, e deu ao “*Ordine Nuovo*” muito material sobre questões reservadas, chegando ao dossiê de seu pai, peso pesado da maçonaria e do Banco Comercial, e não é conhecido pelas suas opiniões Comunistas além de um pequeno círculo de amigos. Outro elemento seria Molinari, o mesmo que trabalhou com Niccolini em 1920 e era até há pouco tempo empregado do Ofício do Trabalho do Município de Milão. Ele era simpatizante do Comunismo; ainda quando de origem anárquica havia em 21-22 começado a enviar material ao “*Ordine Nuovo*”.

*Segunda proposta:* Vocês poderiam organizar um serviço completo em escala nacional de relatórios de partido sobre a situação geral do país em seus vários aspectos. Em cada seção deveria existir um informante. Os materiais estariam concentrados por comarca, ou territórios, ou províncias e elaborados progressivamente até dar lugar mensalmente a uma série de relatórios de zona, divididos por matéria que chegariam à Executiva e sobre os quais esta faria relatórios circunstanciados para Moscou. *Envio de materiais:* Estamos completamente por fora da Itália. Podemos ler somente

“Avanti!”, “Il Lavoratore”, e “Corriere”. Faltam informações diretas sobre o Partido da Itália e sobre a Confederação; faltam informações sobre o Fascismo nas suas manifestações jornalísticas e sindicais. Seria necessário que, em cada malote do correio, vocês nos mandassem uma série de recortes ou outro material sobre os acontecimentos e as discussões mais importantes. Mandem as “Perspectivas econômicas” de Mortara para 1923; os números da “Reforma Social” da Einaudi (também os atrasados – se possível, desde julho de 1922); os “Problemas italianos” e tudo o que acharem útil para a nossa informação.

Saudações!

*Gramsci e Armando Cocchi ao CC do Rkp(b)  
Moscou, 10 de abril de 1923*

Ao Cc do Rkp(b)

Entre o Comitê Executivo do Comintern e o Comitê Central do Partido Comunista da Itália ficou decidido reunir todos os nossos emigrados em seções que, sob o controle e com a ajuda do seu Partido, teriam sido agrupados para o trabalho de reorganização do Movimento Italiano.

Para tal finalidade, o Partido Italiano já organizou um Ofício Central. É necessário que todas as nossas seções no exterior sejam as nossas reservas de pessoas e energias.

A nossa seção, junto ao Partido Russo, tem grandes deveres no Movimento Italiano, pela liberdade com a qual pode realizar o seu trabalho, pelo exemplo e ensinamento da grande revolução e dos seus homens, os quais poderá receber com a sua ajuda.

Mas para fazer o nosso trabalho organizacional são-nos necessárias muitas coisas as quais nos permitimos lhes pedir:

Um membro do Partido Comunista Russo ou um colaborador do C.C. que conheça italiano e também francês ao qual nos poderemos dirigir sempre que surjam grandes ou pequenos problemas. Deveremos saber onde encontrar esse companheiro quando necessário;

Devemos conhecer o estatuto do Partido Comunista Russo, por isso pedimos quatro cópias dele, em russo; procuraremos traduzi-lo com nossas forças;

Disseram-nos que nos darão um pequeno local para as reuniões;

Nós apresentamos os nossos questionários de partido. Há companheiros italianos que não estão em Moscou, mas em cidades distantes, como Perm, Gomel', Odessa, etc.; devemos também saber qual é a forma dos relatórios a serem indicados a eles para a comunicação com as seções locais e conosco;

Há também na Rússia, companheiros italianos não conhecidos por nós; falaram-nos de italianos em San Petersburgo e de uma seção de Comunistas italianos em Kiev. É necessário ter notícias destes, as quais poderemos receber somente por meio do Partido Comunista Russo.

Saudações comunistas!

*Gramsci e Armando Cocchi a Iosif  
Stalin Moscou, abril de 1923*

Ao CC do PCR, ao companheiro Stalin: (cópia ao companheiro Pjatnickij).

Recebemos a sua resposta afirmativa às conversas do companheiro Cocchi com o companheiro Ivanov e à nossa carta de 10 de abril do corrente ano (cópia anexa) nas quais se propunha o objetivo de criar uma seção de emigrados italianos junto ao P.C.R..

Isto corresponde à decisão já tomada pelo Comintern sobre a atividade do Movimento Italiano no exterior.

Talvez tenhamos entendido mal, por causa do nosso pobre conhecimento da língua russa, mas nas últimas 24 horas, quando devíamos receber os nossos bilhetes da companheira Smirnova, tivemos a impressão de que as circunstâncias tenham mudado.

A base do Movimento Comunista Russo é a célula do lugar de trabalho e cada um de nós irá à sua célula por disciplina e com entusiasmo porque

sabemos que ali encontraremos muitas coisas as quais devemos aprender com V. Sas., e viremos a conhecer com V. Sas. as qualidades e os defeitos que acompanham a experiência do trabalho quotidiano e ainda para tomar parte ativa no trabalho junto aos companheiros russos.

Todavia, como grupo de emigrantes dispersos por necessidade em toda a Rússia (a isto foi obrigado o nosso Partido Comunista Italiano), temos outras tarefas, outros deveres paralelos: culturais, de reconhecimento, de fiscalização sobre nós mesmos e sobre outros emigrantes italianos ainda não Comunistas, de constante correspondência com o nosso Movimento, com os nossos centros, dos quais devemos receber o endereço, seguir as suas diretrizes de forma orgânica e centralizada.

Por isso, para manter estáveis as nossas forças, para dirigir e centralizar o nosso espírito, é necessária uma Seção Italiana. E para que esta, o seu Comitê Diretor possa desenvolver o trabalho necessário de disciplina e fiscalização, é indispensável que seja oficialmente reconhecida pelo Partido Comunista Russo, tenha uma posição bem definida, hierárquica e jurídica dentro do Partido. V. Sa. traçará os limites desta seção: por exemplo, compreendemos bem que não poderemos ter direitos especiais por mesclarmos-nos em sua atividade política etc. Pensamos que V. Sa. reconhecerá a necessidade dessa seção e pedimos-lhe também para estabelecer a qual órgão do partido, precisamente, dever-nos-emos dirigir para um trabalho comum, se for necessário. Junto ao Partido Italiano, V. Sa. controlará o trabalho e a atividade da nossa Seção.

Esta decisão é indispensável: milhares de emigrados italianos, perseguidos pelo ódio e pela fome, olham para a Rússia como o único refúgio e algumas centenas deles, malgrado as dificuldades, virão até V. Sas.. Não seria, talvez, a nossa Seção que deva ser a mais adaptada para controlá-los e sustentá-los, para formar e manter o seu espírito combativo? Não é esta que deve introduzi-los como membros disciplinados e confiáveis ao Movimento Comunista Russo?

Vice-versa: fazê-los entrar e dispersá-los no Movimento Comunista Russo significaria sufocar um dos meios (a Seção Italiana na Rússia) para sustentar a insurreição Comunista italiana.

Os outros partidos poderão seguir o exemplo de V. Sas. (não permitir a criação de uma Seção Italiana) anulando em tal modo, cada ação do nosso Ofício Central no exterior.

Surge outro problema: para todos nós, a velhice do partido se determina a partir de 1921. Em nossos questionários descrevemos detalhadamente nosso trabalho no Partido Italiano.

Pedimos-lhes, portanto, que em nossas carteirinhas seja indicado: Passou do Partido Comunista Italiano ao PCR abril de 1923 Entrou na Federação Italiana da Juventude Socialista (data), Passou ao Partido Socialista da Itália (data), Passou ao Partido Comunista da Itália (data) (ou ainda à união da Juventude Comunista, segundo as circunstâncias). Assim tudo ficará claro.

Insistimos, particularmente, para que nas carteirinhas apareça com clareza que não fomos admitidos, mas passamos para o P.C.R. com base no estatuto internacional.

Queremos fazer V. Sa. notar, companheiro, ainda uma circunstância: o representante oficial do Partido Comunista Italiano na Rússia é o companheiro Antonio Gramsci e, como tal, é o único autorizado pelo Partido Comunista Italiano a falar em nome do PCI quando for necessário, por isso, francamente falando, ficamos muito surpresos em saber que não foi convidado a dar as suas explicações a propósito da nossa admissão.

Fazemos estas perguntas a V. Sa. porque entendemos que o melhor a fazer é esclarecer imediatamente todas as questões para evitar mal-entendidos.

Saudações comunistas,  
Representante do PCI ao Comintern  
Antonio Gramsci  
Secretário da Seção Italiana  
Armando Cocchi

*A Palmiro Togliatti  
Moscou, 18 de maio de 1923*

Caro Palmiro!

Responderei longamente à sua carta e expor-lhe-ei a minha opinião, neste momento, sobre a situação do Partido e sobre as perspectivas a serem feitas para se alcançar o seu desenvolvimento e para o comportamento dos grupos que o constituem. Em linhas gerais, digo-lhe já de cara que você é muito otimista: a questão é muito mais complexa de como se apresenta na sua carta. Tive, durante o IV Congresso, algumas conversas com Amadeo as quais me induziram a acreditar ser necessária uma discussão aberta e definitiva entre nós, acerca de cada questão que hoje parece, ou pode parecer, briga intelectual, mas eu acredito que estas se tornarão motivo de crise e decomposição interna do partido, no caso de um desenvolvimento revolucionário da situação italiana. A questão fundamental hoje é esta, isto é, a que você tinha exposto: precisa criar dentro do Partido um núcleo, não uma fração, de companheiros que tenham o máximo de homogeneidade ideológica e então consigam imprimir na prática, a união máxima na direção. Nós, velhos grupos turinenses, cometemos muitos erros nesse campo. Evitamos levar às extremas consequências os dissídios ideais e práticos que surgiram com Ângelo, não esclarecemos a situação e hoje nos encontramos neste ponto: um pequeno grupo de companheiros desfruta por sua conta das tradições e forças suscitadas por nós e Turim tornou-se um documento contra nós. Em geral, pela repulsa que sentimos em 1919-1920 para criar uma fração, ficamos isolados, simples indivíduos ou quase isto, enquanto no outro grupo, o abstencionista, a tradição de frações e de trabalho em comum deixou marcas profundas que ainda hoje têm reflexos ideais e práticos muito consideráveis na vida do Partido. Mas escrever-lhe-ei longa e minuciosamente. Quero também escrever uma carta mais geral para os companheiros do nosso velho grupo como Leonetti, Montagna, etc, na qual explicarei também a eles o meu comportamento no IV Congresso que, se lembrarem, reproduz a mesma situação em que eu estava em Turim, em 1920, quando não quis entrar na Fração Comunista para a eleição, mas sustentei a necessidade de uma aproximação maior aos abstencionistas.

Acho que hoje, aqui, seja mais fácil, dadas as condições gerais do Movimento na Europa, ao menos substancialmente, resolver a nosso favor as questões expostas. Formalmente, cometemos erros grosseiros os quais nos prejudicaram enormemente e nos fizeram parecer infantis, avoados, desorganizadores. Mas a situação nos é favorável em todos os sentidos. Para a Itália, eu estou otimista, dado que, entende-se, sabemos trabalhar e permanecer unidos. A questão do PSI deve ser vista por nós, eu acho, de modomais realista e pensando, em consequência, no período após a tomada do poder. Três anos de experiência nos ensinaram, não somente na Itália, o quanto estão radicadas as tradições social democratas e como é difícil, com a simples polêmica ideológica, destruir os resíduos do passado. É necessária uma vasta e minuciosa ação política, que desagregue, dia a dia, essa tradição, e o organismo que a encabeça. A tática da Internacional é adequada a isto. Na Rússia, de 350.000 membros do P.C. somente 50.000 são bolcheviques, os outros 300.000 são mencheviques e social-revolucionários vindos a nós para a ação política do núcleo originário que, todavia, não ficou submerso por este elemento, mas continua a dirigir o Partido e se reforça continuamente nas representações do Congresso e nos movimentos gerais do estado dirigente. No Partido alemão verifica-se o mesmo: os 50.000 espartaquistas enquadraram completamente os 300.000 independentes; no IV Congresso, dos 20 delegados alemães somente três eram independentes e pense que a representação foi, em grande parte, escolhida pelos organismos locais. Eu acho que existam preocupações demais da nossa parte e, se examino as raízes psicológicas, encontro somente uma explicação: temos consciência de sermos fracos e de podermos ser submersos. Note que isto tem reflexos práticos muito importantes. Na Itália cultivamos em estufa uma oposição desnutrida de qualquer ideal e clara visão. Qual situação se formou? A massa do Partido e simpatizantes formam a sua opinião sobre os documentos públicos da linha da Internacional e, conseqüentemente, da oposição. Nós nos destacamos da massa: entre nós e a massa forma-se uma nuvem de equívocos, de mal-entendidos, de brigas complicadas. Nós apareceremos, em certo ponto, como homens desejosos de ficar em seus postos a qualquer custo, isto é, inverter-se-á contra nossa parte própria da oposição. Eu acho que nós, o nosso grupo, devemos ficar à frente do Partido, porque estamos realmente na linha do desenvolvimento histórico e, não obstante todos os nossos erros, trabalhamos positivamente e criamos algo; os outros não fizeram nada e hoje querem liquidar o Comunismo na Itália, para levar o nosso jovem Movimento pelo curso tradicio-

nal. Mas se continuarmos a ter os comportamentos formais tidos até agora (note que são formais para mim, você, Bruno e Umberto, mas, não para Amadeo) obteremos o fim oposto ao desejado; a oposição, de fato, tornar-se-á a representante do Partido e nós ficaremos de fora, sofreremos uma derrota prática, talvez irremediável e que, inevitavelmente, será o início da nossa desagregação como grupo e da nossa derrota ideal e política. E não precisa se preocupar demais com a nossa função diretora: devemos ir adiante, explicando a nossa ação política, sem olharmo-nos demais no espelho. Nós estamos a favor da corrente histórica e conseguiremos, porque remamos bem e temos o timão firmemente nas mãos. Se nós soubermos operar bem, absorveremos o Partido Socialista e resolveremos o primeiro e fundamental problema revolucionário: unificar o proletariado de vanguarda e destruir a tradição popular e demagógica.

O comentário feito por você no Congresso Socialista não me agradou deste ponto de vista. Você aparece nele como o Comunista que se olha no espelho. Ao invés de desagregar o Partido Socialista, o seu comentário serve para reforçá-lo, pondo todo o Movimento Socialista em uma antítese insuperável contra nós. Para os chefes, Nenni, Vella, etc, não há dúvida, mas para a massa inscrita, e é isto que conta, para a zona de influência proletária isto é verdade? Certamente não, e nós estamos convencidos de que o proletário de vanguarda será atraído por nós e assimilado na sua grande maioria. O que é necessário fazer, então?

1º - Não insistir na antítese feita em bloco, mas especificar entre os chefes e a massa;

2º - Encontrar todos os elementos dissidentes entre os chefes e a massa e aprofundá-los, aumentá-los, generalizá-los politicamente;

3º - Fazer uma discussão de política atual e não um exame de fenômenos históricos gerais;

4º - Fazer propostas práticas e indicar à massa endereços práticos de ação e organização. Exemplifico, para que você me entenda melhor, e estendo a questão ao Congresso Popular, o qual não foi desfrutado politicamente por nós, mesmo que este, juntamente ao desenvolvimento da situação do Partido Sardo de Ação, nos oferecesse o campo para afirmações essenciais na questão de relações entre o proletariado e classes do campo.

O problema Socialista era este: colocar em evidência o enorme contraste entre as palavras e os fatos dos chefes Socialistas. Quando a Internacional aconselhou-nos a fazer o Movimento dos Socialistas de direita do bloco entre os dois partidos, o fez porque era fácil prever que, na situação geral, a fusão seria impossível e precisava aprisionar os Vella e os Nenni em seus próprios recintos, assegurando ser o comportamento deles demagógico e suas ideias diferentes das nossas. Viu-se na resposta à nossa proposta. No comentário no Congresso era necessário começar a notar isto: a proibição aos favoráveis à fusão de se organizar, a exclusão deles do Centro dirigente, a dissolução da federação jovem eram elementos políticos de primeira ordem a serem desfrutados. A massa Socialista devia ser posta diante deste fato preciso, era necessário para ela, a partir da confusão das polêmicas e do verbalismo, fazer o trabalho de traçar novas linhas diretivas e concretas e expô-las de forma clara e compreensiva.

O mesmo para o Congresso Popular. Eu acho que todo movimento do Partido Popular, dadas as ligações intercorrentes entre essa organização e o Vaticano, tenha para nós uma importância especial. O Congresso Popular teve, para mim, este significado: existe um grande edifício de descontentamento entre as massas de camponeses contra a política do Partido, determinado especialmente pelo novo imposto sobre os condutores agrícolas. Esse estado de ânimo se estende do campo à cidade, em grandes faixas da pequena burguesia. A composição do P.P. é esta: uma direita reacionária e Fascista, baseada numa aristocracia clerical, uma esquerda baseada no campo e um centro constituído de elementos intelectuais urbanos e padres. A campanha do *“Corriere”* e da *“Stampa”* põe água no moinho do Centro Popular. Os elementos que desta falsa campanha são destacados do Fascismo, orientam-se necessariamente para o P.P., única organização existente que dá esperança de estar à altura, com sua tática elástica e oportunista, de balançar o Fascismo e reintroduzir uma concorrência de governo no campo parlamentar, isto é, liberdade como entendem os liberais. A tática Fascista para os populares é muito perigosa e levará necessariamente a tornar mais esquerdista o Partido e determinar cisões da esquerda. Apresenta-se para os Populares a mesma situação do tempo da guerra, mas muito mais difícil e perigosa. Durante a guerra os Católicos eram neutros nas paróquias e vilarejos, enquanto os jornais e as altas esferas eclesásticas apoiavam a clamorosamente. Então o governo não obrigou o centro a se impor à periferia e a homogeneizar-se. Os Fascistas não querem se com-

portar assim. Eles querem ter discussões abertas e declarações de corresponsabilidade, especialmente diante das massas, nas células originárias dos partidos de massa. Isto é impossível de se obter do PP sem requerer implicitamente a sua morte. É evidente que nós devemos acentuar e aumentar a crise dos populares, determinando também aos nossos jornais, dar declarações dos elementos de esquerda, como fizemos uma vez em Turim com Giuseppe Speranzini.

A carta ficou um pouco longa e mais complexa do que eu havia pensado. Como eu quero tratar de algumas destas questões mais detalhadamente, termino, por hoje. Saudações cordiais aos companheiros que vir e, a você, um abraço fraterno.

Antonio

*A Palmiro Togliatti  
Moscou, julho/agosto de 1923*

Caro Palmi!

Estou preparando uma longa carta para você e para um grupo de outros companheiros, na qual exponho o meu ponto de vista sobre as vicissitudes do Partido e as perspectivas de atividades que me parecem mais prováveis e frutíferas. Esta poderá partir somente com o próximo correio. Sinto muito, porque a sua carta me impressionou e doeu profundamente: agora entendo melhor como foi possível criar-se a situação paradoxal que nos delicia, de uma minoria não existente objetivamente, criada pelos nossos erros e nossa passividade, e que terá, se o ponto de vista for confirmado, a direção do Partido; e de uma maioria a qual não se sabe com exatidão o que seja, se tem um programa, se é digna de ocupar o seu lugar no momento terrível atravessado pelo proletário italiano. Desculpe-me as duras palavras; mas confesso-lhe ser, para mim, absolutamente incompreensível que alguns revolucionários, convencidos de seu programa, abandonem os seus postos os quais, hoje, dada a situação geral, representam uma barricada a ser defendida, não somente dos inimigos diante de si.

Cordiais saudações!  
Gramsci

*A Giulia Schucht  
Moscou, agosto de 1923*

Cara companheira!

A Senhorita veio a Moscou em 5 de agosto, como me havia dito? Eu a esperei por três dias. Não saí do quarto, por medo do que pudesse acontecer, como da outra vez. Eu a esperava porque me sentia, e me sinto ainda, um pouco cansado e desmoralizado na espera enervante da partida e teria ficado (e ficarei) muito feliz em revê-la ainda uma vez. Não estive em Moscou, não é? Certamente teria vindo me ver ao menos por alguns minutinhos. Queria escreve-lhe imediatamente, depois esperei que me dissesse algo. Virá logo? Poderei ainda vê-la? Lembro bem, recordando que pegará férias para o mês de setembro? Eu espero... Talvez esteja ainda em Moscou por uma semana, ou quinze dias, um mês, talvez poderemos ainda nos falar por algumas horas e fazer juntos um longo passeio.

Escreva-me. Todas as suas palavras me fazem muito bem e me tornam mais forte (vê? Sou menos forte do quanto eu achava e fiz outros acreditarem).

Afetuosamente,  
Gramsci<sup>11</sup>

*Ao Comitê executivo do Pcdl  
Moscou, 12 de setembro de 1923  
Ao C.E. do PCI*

Caros companheiros!

Em sua última reunião o *Presidium* decidiu que seja publicado na Itália um quotidiano operário redigido pelo C.E., ao qual os internacionalistas excluídos do P.S. possam dar a sua colaboração política. Quero comunicar-lhes minhas impressões e opiniões a esse propósito.

Acho que seja muito útil e necessário, dada a atual situação italiana, que o jornal seja compilado de modo a assegurar a sua existência legal pelo

---

<sup>11</sup>Sabia que eu quase decorei o livrinho do Odejalo-Ubezalo?

maior tempo possível. Então, não somente o jornal não poderá ter indicação alguma de partido, mas deverá ser redigido de modo a não ficar clara a sua dependência, de fato, do nosso Partido. Deverá ser um jornal esquerdista, da esquerda operária, permanecida fiel ao programa e à tática da luta de classe, publicar os atos e as discussões do nosso Partido, assim como poderá fazer, possivelmente, também para aqueles dos anárquicos, republicanos e sindicalistas e dar seu juízo, com tom desinteressado, como se tivesse uma posição superior à luta e se posicionasse do ponto de vista “científico”. Entendo que não é muito fácil fixar tudo este conteúdo em um programa escrito; isto não é o mais importante, mas, sim, assegurar ao próprio Partido, que no campo da esquerda operária há historicamente uma posição dominante, uma tribuna legal a qual permitirá alcançar as maiores massas continua e sistematicamente.

Os Comunistas e os Serratianos colaborarão com o jornal, manifestamente, isto é, assinando os artigos com nomes de elementos em vista, segundo um plano político, levando em conta mensal e, diria, semanalmente, a situação geral do país e as relações desenvolvidas entre as forças sociais italianas. Será necessário estar atentos aos Serratianos os quais tenderão a transformar o jornal em um órgão de fração na luta contra a Direção do P.S., ser muito severos e impedir qualquer degeneração. A polêmica far-se-á, certamente, mas com o espírito político, não de seita, e dentro de certos limites. Será preciso montar guarda contra as tentativas para se criar uma situação “econômica” favorável a Serrati, que está desempregado e será proposto pelos seus companheiros, muito provavelmente, como redator ordinário. Serrati colaborará assinando e não assinando; os seus artigos assinados deverão, porém, se manter numa certa medida e aqueles não assinados terão de ser aceitos pelo nosso C.E.. Será oportuno criar com os Socialistas, ou melhor, com o espírito Socialista de Serrati, Maffi etc, polêmicas de princípios as quais serão úteis para consolidar a consciência Comunista das massas e preparar a unidade e homogeneidade do Partido, importantes para, após a fusão, evitar uma recaída na caótica situação de 1920.

Eu proponho como título “L’Unitá” puro e simples, tendo um significado para os operários e outro mais geral, porque acho que, depois da decisão da Executiva Ampliada sobre o governo operário e camponês, nós devemos dar importância especialmente à questão meridional, isto é, à questão na qual o problema das relações entre operários e camponeses

se coloca não somente como um problema de relações de classe, mas também e especialmente como um problema territorial, isto é, como um dos aspectos da questão nacional. Pessoalmente, eu acho que a palavra de ordem “governo operário e camponês” deva ser adaptada na Itália assim: “República federal dos operários e camponeses”. Não sei se o momento seria favorável a isto, creio, porém, que a situação criada pelo Fascismo e a política corporativa e protecionista dos confederais levará o nosso Partido a esta palavra de ordem. Neste propósito, estou preparando um relatório para que vocês examinem e discutam. Se for útil, depois de alguns números, poder-se-á iniciar no jornal uma polêmica com pseudônimos e ver quais repercussões terá no país, nos extratos populares, de esquerda e democráticos, representantes das tendências reais da classe camponesa e portadores da palavra de ordem da autonomia local e da descentralização. Se vocês aceitarem a proposta do título: “L’Unitá”, deixarão o campo livre para a solução deste problema e o título será uma garantia contra as degenerações autônomas e as tentativas reacionárias de interpretar tendenciosa e policialmente as campanhas que se poderão fazer: por outro lado, acho que o regime dos Soviéticos, com a sua polarização política dada pelo Partido Comunista, sua descentralização administrativa e pigmentação das forças populares locais encontre uma ótima preparação ideológica na palavra de ordem: “República federal dos operários e camponeses”.

Saudações comunistas!  
Gramsci

*Ao Comitê Executivo do PCDI  
Moscou, 15 de novembro de 1923  
33061–15 de novembro de 1923  
Ao CE do PCI*

Caros Companheiros!

Repito-lhes, por escrito, a comunicação confiada verbalmente a Lanzi. A comissão do orçamento se reuniu para estudar a questão do cotidiano. Das três propostas apresentadas foi levada em consideração somente a que se refere a uma tipografia absolutamente privada. A questão aumentou e entrou em outros pontos:

Situação de Trieste e possibilidade de passar ao novo jornal a soma paga ao “Lavoratore”;

Se devemos conservar ou liquidar a tipografia do “Lavoratore”.

Pelo contrato com a tipografia, em Milão, foi dito não ser possível, numa situação que poderá levar à destruição ou ao fechamento do jornal, fazer contratos que financeiramente comprometam por seis meses. Pede-se (como nos relatou Lanzi) procurar fazer um contrato para somente por um mês ou, em subordinação, por seis meses, mas com a seguinte cláusula: se o jornal for suspenso, seja obrigatório pagar somente o tempo de efetivo trabalho feito pela tipografia. Foi nomeada uma pequena comissão, a qual decidiu:

A necessidade de que o jornal saia;

A possibilidade de ser passada ao novo jornal a soma dedicada até agora ao “Lavoratore”;

A impossibilidade de diminuir o balanço do Partido para passar outra soma, obtida deste modo, ao novo jornal, como foi proposto por Palmi.

O escritório de organização discutiu, depois, a carta de Umberto sobre a tipografia de Trieste. Tendo nascido uma discussão muito ociosa, levantada por Pjatnickij, a propósito de algumas impressões de linguagem da carta, em referência às prensas rotativas, foi nomeada uma comissão, a qual decidiu:

1. A necessidade do Partido ter um jornal próprio, dada a situação geral e as suas perspectivas, e conservar então em Trieste um aparelho tipográfico;
2. Perguntar a Platone se aqui se deseja comprar a prensa rotativa grande ou, ainda, seja dada a permissão para vendê-la em outro modo.
3. Dar a soma requerida para pagar os débitos não extintos com a venda da prensa rotativa;
4. Platone deverá mascarar a tipografia reorganizada como uma empresa fictícia e a alugar, na esperado momento de se imprimir um jornal próprio do Partido.

A escola de Partido: chegados companheiros até Anselmi, exceto dois, e já chegaram à sede. Despesas ficarão a cargo do Partido, integralmente. A questão foi levada ao orçamento, o qual decidiu assim porque é o que se faz para todos os outros partidos e não querem criar precedentes. Despe-

sas sustentadas aqui, são somente as com a viagem Moscou-Petersburg, portanto não excessivas. Maiores despesas são as de Anselmi até aqui, sendo necessário pagá-las parceladamente. Companheiros que chegaram, levantaram uma questão. Quatro deles têm esposas e são precisamente: Bernolfo – Margherita Batrino – Via Benonce – Turim; Moneti – Bonci Maria – Castelnuovo di Sabbioni (Arezo) com uma filha de três anos; Ravazzoli – Alfonso Adele – Via Cenisio, 54 – Milão, com dois filhos. Eles não sabiam exatamente quais seriam seus compromissos e dizem que, por ser um compromisso longo, não podem, nem devem não se preocupar com a sorte da família. Fiquei de acordo com eles em escrever-lhes: pensem em prover de algum modo as famílias para este inverno (para a Moneti precisa passar, por segurança, através de Bernolfo); para a primavera, veremos se a situação nas escolas permitirá a vinda dessas mulheres aqui. Para os outros que devem chegar, conheçam a situação. Agora são 15 companheiros por escola. Dois deveriam ser ainda enviados para Anselmi e três para Urbani. Incluí Lombardi, depois de ter-lhedado, na presença de companheiros mais responsáveis, uma advertência solene e agravado as suas condições disciplinares. Partirei dentro de alguns dias, passarei em San Petersburg e, então, farei inspeção nas escolas e poderei mandar-lhes notícias precisas sobre os fins, o real andamento e os resultados que poderá dar a instituição. Ferruccio autoriza a transmissão de 500 liras à família de Manservigi para a viagem até aqui. Saudações cordialíssimas – Masci os saúda – Alma Lex. Foi examinado o balanço de Setembro para estabelecer a subvenção para o último trimestre uma comissão tinha decidido propor ao orçamento para transferir ao Partido a mesma soma de antes, bem como a liquidação das despesas com o “*Laboratore*”, como já escrito, tendo em vista as maiores despesas regionais e semanais. A maioria do orçamento é favorável. Piatnickij é furiosamente contrário uma vez que, pela prestação de contas, somente aparecem oito mil como gastos pelo trabalho ilegal, quando vocês assinalam 30 mil para este objetivo. Questões principais: não se pode gastar para outros objetivos. Eu sustentei que oito mil para o ofício ilegal, não para o trabalho ilegal, e nisto precisa incluir parte das despesas feitas pela central. Piatnickij pediu que a comissão especial se reúna novamente em sua presença. Estão sendo enviados 50 mil. Em uma semana, deliberação definitiva.

Saudações!

Masci

*A Palmiro Togliatti  
Viena, 27 de janeiro de 1924*

Caro Palmi!

Depois da carta enviada assim que foi posto em liberdade não recebi mais nada da sua parte. Acho que lhe foram comunicadas duas cartas minhas, uma a Negri e a outra a Urbani, nas quais mais amplamente expus os meus pontos de vista sobre a atual situação do Partido e sobre as soluções que eu entendo oportunas e necessárias para resolver os problemas existentes. Espero ainda uma resposta sua para me confrontar ou dar razão. Quero hoje lhe falar de um problema específico, o qual eu acredito fundamental na atual situação, e me serve de ponto de partida para julgar toda a atividade do Partido e os métodos próprios dos companheiros que até agora o endereçaram: a atividade que, para nos entendermos, chamarei própria do companheiro Tito. Dois episódios fundamentais me dão razão de afirmar ter existido e existir até agora, nesse campo, uma grande confusão e desorganização. Ora, se teoricamente é exato acusar a minoria de ser, ao menos parcialmente, liquidadora, porque não aprecia e abaixa enormemente a importância deste trabalho na atual situação, ocorre, porém, reconhecer por verdade, e porque somente sabendo exatamente a verdade se pode remediar os erros e as faltas, e sanar a organização, que também a maioria dos seus elementos responsáveis não soube fazer o necessário e de fato, não somente em teoria, foi liquidadora.

Quanto ao primeiro episódio, acho que você sabe o quão desagradável aconteceu em Moscou no mês de março de 1923 tendo para mim, pessoalmente, consequências pouco brilhantes. Tendo sido presa a executiva nas pessoas de Amadeo e Ruggero, esperou-se em vão, por cerca de um mês, ter informações para se estabelecer com certeza como os fatos ocorreram, quais limites tiveram a ação da polícia em destruir a organização, qual série de provimentos tivesse tomado a executiva em liberdade para restabelecer as ligações organizacionais e reconstruir o aparelho de Partido. Ao invés disso, depois de uma primeira carta escrita imediatamente após as prisões e na qual se dizia que tudo foi destruído e a Central do Partido deviaserreconstituída *ab imis*<sup>1</sup>, não se recebeu mais qualquer informação concreta, mas somente cartas polêmicas sobre a questão da fusão, escritas

em um estilo que parecia muito mais arrogante e irresponsável quanto mais o autor deste havia criado a impressão com a sua primeira carta de que de agora em diante o Partido somente existisse na sua pessoa. Houve uma reunião tempestuosa na comissão para o trabalho técnico, da qual participou um membro do Comitê Central russo que esteve na Itália de um mês antes a 15 dias após o advento dos Fascistas ao poder. A questão foi posta brutalmente, sobre o que valesse o centro do Partido Italiano e as medidas a serem tomadas, dada a sua ausência e a falta de suas disposições para a reorganização. As cartas recebidas foram criticadas asperamente e perguntaram a mim o que eu sugeriria. Não escondo também ter ficado desastrosamente impressionado por elas e, sem ter à minha disposição outro material, não podia não reconhecer serem as críticas mais que fundadas. E por isso cheguei a dizer que, se a situação estivesse verdadeiramente como demonstrava o material à nossa disposição, teria sido melhor acabar com tudo e reorganizar o Partido a partir do exterior com noveleamentos escolhidos pelas autoridades da Internacional. Digo-lhe que, em situação parecida, faria novamente a mesma proposta e não teria medo algum de desencadear todos os raios do universo.

Na verdade, os companheiros russos são menos centralizadores do que parece; talvez eles também tenham por outros meios, maiores informações do que eu e manobram somente para produzir uma determinada situação. Por isso, em conclusão, decidiu-se somente por enviar uma carta ao Partido na qual, tomando por base a correspondência da Itália, indicavam-se os provimentos a tomar e os caminhos a seguir. A esta carta, Tito respondeu com uma longa exposição da qual resultou que; o aparelho interno do Partido ficou completamente intacto, o centro representado por Tito não tinha, nem por um instante, cessado de funcionar e, através de suas ligações, toda a organização permaneceu vital e enérgica. O escândalo tornou-se ainda maior. Em quem acreditar? Em Tito, representante de uma atividade subordinada e somente parcialmente controlada e que, não sendo conhecido pessoalmente, poderia ser confundido com qualquer vendedor de fumo, ou nos responsáveis políticos do Partido que, se supunha, não podiam ignorar a situação e assim eram mais passíveis de se acreditar quando diziam estar tudo destruído? É necessário refletir sobre o fato de que, na história dos partidos revolucionários, o lado representado pela atividade de Tito é aquele que permanece sempre mais obscuro e mais se presta a chantagens, desperdícios, avendas de fumo. Quando

Tito veio a Moscou, demonstrou-se furioso pela carta recebida, mas sua fúria acabou quando lhe demos a correspondência do Partido para ler e, pontualmente, demonstramos que as frases por ele tidas como ofensivas pela sua superficialidade tornaram-se pesadas na carta. Então tudo ficou claro e Tito confessou que os dois centros operavam independentemente, sem ligações, nem conhecimento das linhas gerais das atividades um do outro e então, difamavam e desacreditavam-se mutuamente. Dado que minhas declarações foram registradas por escrito, mortificando Tito, que acreditava serem estas dirigidas diretamente contra si, não tive dificuldades em demonstrar que eu, mesmo devendo participar todas as vezes da comissão na qual a sua atividade era discutida, nunca tive nenhuma informação sobre esta, nem tive à minha disposição algum elemento concreto para criticar as informações do centro político e, assim, não podia ter tido outro comportamento, do ponto de vista do mais estrito interesse pelo Movimento Italiano.

Infelizmente, esta situação não mudou desde então. Recentemente, respondendo a uma repreensão da Comissão de Orçamento por que o partido não tinha transferido à U.I. toda a soma destinada a este, a Executiva afirmava ser esse mesmo dinheiro a ajudar uma grande parte da atividade própria desse ofício e então, gastava o dinheiro. Tudo isto é absurdo e vai contra as normas mais elementares de uma boa organização. Eu me convenci também, por minha conta, de que o tão louvado e exaltado centralismo do Partido Italiano, na realidade, resolvia-se em uma banal ausência de divisão do trabalho e definição precisa das responsabilidades e competências. Na conversa tida com Tito, fiquei com a clara impressão de que ele compartilha em grande parte deste julgamento e está bem desmoralizado pelo pouco cuidado com o qual a sua atividade é tratada e retratada. Todos tomam iniciativas sem comunicar ao centro responsável, o qual frequentemente já iniciou naquele mesmo sentido um trabalho e deve interrompê-lo; a continuidade das iniciativas acaba por falhar; um número enorme de elementos termina por saber as coisas mais reservadas, falta qualquer possibilidade de controle e verificação; no Movimento introduzem-se elementos de cuja seriedade e responsabilidade não se fez qualquer controle. Eu tive a impressão de que Tito estivesse muito cansado e desacreditado por este monte de coisas e, por isso, tenazmente tenha procurado ser posto de lado. A questão é muito grave e se não for resolvida com boa organização, a situação pode se tornar catastrófica. Eu estou convencido de

que a situação do nosso Partido, do ponto de vista da legalidade agravar-se-á sempre mais. As vidas dos nossos dirigentes e a segurança das organizações estarão sempre em maior perigo, quanto mais a oposição constitucional ao Fascismo, envolvendo-se com o partido reformista, põe em perigo a própria base do governo de Mussolini. Os Fascistas procuram resolver todas as situações com a caça aos Comunistas e espantando o fantasma do levante revolucionário. Construir um bom aparelho técnico, pôr em suas engrenagens elementos selecionados, com grande experiência, disciplinados a toda prova, com o sangue frio necessário para não perder a cabeça em nenhum rompante, torna-se para nós razão de vida ou morte. Para obter isto, é verdadeiramente necessário liquidar muito do passado do Partido, com os seus hábitos de indiferença, de não atribuir precisa e claramente responsabilidades, de falta de controle e imediata sanção dos atos de fraqueza e superficialidade. O partido deve ser centralizado, mas centralização significa, antes de tudo, organização e critério dos limites. Significa que, quando uma decisão foi tomada, não poderá ser modificada por ninguém, nem mesmo um adepto do “centralismo” e não se poderá criar fatos consumados.

Não lhe escondo ter-me tornado muito pessimista e cauteloso nestes dois anos em que fiquei fora da Itália. Eu mesmo estive em péssimas condições, muitas vezes pela situação geral do Partido, e não com respeito à minha pessoal, para a qual discretamente não dou a mínima e pela qual, contudo, creio nem ter sofrido muito (no máximo, ganhei, embora involuntariamente, a fama de ser uma raposa de astúcia infernal), mas na minha posição de representante de Partido, chamado a resolver questões que teriam tido um efeito imediato sobre o Movimento Italiano.

Tendo ido a Moscou sem ter sido informado nem mesmo de um décimo das questões correntes, tive de fingir saber e fazer acrobacias inacreditáveis para não revelar com quanta superficialidade eram nomeados os representantes, sem outra ajuda senão aquela do Dr. Grillo: “Que Deus lhe ajude!”

Suportei muitas coisas porque a situação do Partido e do Movimento era tal, que toda aparência de cisão nas filas da maioria teria sido desastrosa e dado gás à minorias em critério e diretrizes. Também as minhas condições de saúde, não me permitindo um trabalho intenso e continuado, distraíram-

-me de assumir uma posição que haveria de requerer, além do encargo de uma responsabilidade política geral, a necessidade de um intenso e sistemático trabalho. A situação hoje mudou muito. As questões estão na mesa, certamente não por minha culpa, mas em parte porque não se quis seguir a tempo qualquer das minhas sugestões e resolvê-las autonomamente. Assim, achei necessário tomar essa atitude mantendo-a até o fim. Não sei o que você estaria fazendo neste momento. Uma vez você me escreveu que assim que eu viesse aqui, procuraria dar uma fugidinha para trocarmos ideias. Se, como acredito, você agora substitui provisoriamente Tito, seria bom encontrar um tempo para vir. Poderíamos falar de tantas coisas e talvez não fosse inútil.

Não recebi ainda qualquer indicação precisa para a publicação do “*Ordine Nuovo*” e mesmo tendo escrito a muitos companheiros, não recebi artigos de colaboração. Todavia, começo a partir desta semana, a enviar o material. Se for necessário, organizarei pessoalmente os primeiros números, à espera que os colaboradores se movam. O primeiro número será em grande parte dedicado ao companheiro Lenin. Eu escreverei o artigo de fundo procurando dar as características principais da sua personalidade de chefe revolucionário. Traduzirei uma biografia e farei uma pequena antologia das suas principais opiniões sobre a situação italiana em 1920. Na última carta enviada a Negri escrevi contar, além da sua colaboração geral, com outra especial para alimentar a coluna “Batalha das ideias” em todos os números, e indiquei na revista de Gobetti e no Movimento da Itália Livre os dois primeiros argumentos a serem tratados. Penso agora que, para o primeiro número, seria mais oportuno que você fizesse para a coluna uma resenha dos livros e dos folhetos de Lenin impressos em italiano, enquadrando-a em um julgamento da função que a obra e o prestígio de Lenin tiveram na Itália em todos esses anos. Em todo caso, informarei Ruggero de que você está encarregado permanentemente de organizar essa coluna e o seu material pode ser dado para imprimir sem necessidade de fazer viagem de ida e volta daqui à Itália. Se tiver o material para a coluna mandarei para você ver e assim possa norteá-lo no seu trabalho. Espero uma carta na qual você me diga suas opiniões sobre os vários argumentos tratados nesta e nas outras que lhe mandei.

Saudações fraternas!

Masci

Naturalmente eu não acho que, de todo o exposto, trate-se somente de problemas de organização. A situação do Partido, refletida na organização, é consequência de uma concepção política geral. O problema é, então, político e tem impacto não somente sobre a atividade atual, mas também futura; hoje é um problema de relações entre dirigentes do Partido e a massa dos inscritos de um lado, e o Partido e o proletariado do outro; amanhã será um problema maior e influenciará a organização e a solidez do Estado operário. Não expor hoje a questão em toda a sua amplitude significaria retornar à tradição Socialista, esperar para se diferenciar quando a revolução bater à porta ou ainda quando já estiver se desenvolvendo. Cometemos um grave erro em 1919 e 20 em não atacar mais resolutamente a direção Socialista e também em correr o risco de uma expulsão, constituindo uma fração que saísse de Turim e fosse algo mais do que a propaganda que poderia fazer “L’Ordine Nuovo”. Hoje não se trata de ir a esses extremos, mas, mudadas as relações, a situação é quase idêntica e deve ser enfrentada resoluta e corajosamente. Saudações!

Ma.

*Ao Comitê Executivo do PCDI  
Viena, 10 de fevereiro de 1924*

Caros companheiros!

Mandarei com o próximo correio os esquemas dos artigos para a “Crítica Proletária”. Estou muito feliz que vocês tenham aceitado, ao menos inicialmente, a ideia da publicação; acho que se poderá em algum modo tentar realizá-la mantendo o caráter esporádico para a periodicidade, mas estritamente orgânico e unitário para cada fascículo.

Quanto aos folhetos, evidentemente não é possível prepará-los de repente. O “*Manifesto dos Comunistas*” com as notas de Rjazanov ainda está sendo traduzido e acho que ficará pronto somente dentro de alguns meses, mesmo porque devo revisar a tradução. Anexo a carta para Zini para que vocês a transmitam, colocando nela o endereço; enviarei o livro diretamente a Zini se aceitar fazer o trabalho.

Eis minhas ideias para o curso de correspondência para organizadores de partido: tratar-se-ia de publicar, toda semana, em litografia ou impressão,

de acordo com o número de assinantes, um fascículo de 8-16 páginas (oito páginas, se impresso em letras médias, 16 páginas, se litografada com escritos a mão, como as apostilas universitárias). O primeiro curso não deveria durar além de seis meses e corresponderia a um volume de 200-400 páginas. Poderão ser feitas assinaturas a um custo somente um pouco maior, mas não muito, do que as despesas técnicas para a impressão e postagem; o serviço deve parecer feito pelo Partido para os seus sócios e não exploração comercial. O Partido tem a obrigação de fornecer aos seus sócios determinadas noções, mas certamente não tem de fazê-lo gratuitamente, dadas as suas condições gerais; poderá ser examinado, casoacaso, deacordo com as indicações dos grupos locais, se há companheiros aos quais, pelas suas particulares condições econômicas (desempregados etc.) o curso possa ser dado gratuitamente. O serviço será feito internamente através dos órgãos de Partido; serão mantidas anotações dos assinantes para qualquer acontecimento. O curso terá caráter reservado; os assinantes não poderão se desfazer das apostilas e não as poderão passar a quem não é sócio do Partido. Serão anotadas as dispersões, como nas escolas militares, dos materiais de estudo que, mesmo não sendo secreto, será reservado.

No curso serão desenvolvidas as noções mais importantes de organização, tendo em conta, especialmente, as decisões dos Congressos Internacionais, em particular, as do III Congresso. Dada a situação italiana, serão desenvolvidas, porém, também outras partes do trabalho que o Partido deve fazer no campo da organização e da propaganda: por exemplo, como fazer a pequena propaganda, compilar manifestos, aproveitar todas as ocasiões e de todas as organizações existentes de operários e camponeses para fazer conhecer as palavras de ordem do nosso Partido, fazer relatórios aos grupos de companheiros que mesmo nos pequenos centros existem e encontram-se entre eles. Como se deve valorizar uma dada situação local para aproveitá-la para os objetivos da propaganda e da agitação. Como será necessário recolher a partir de agora todo o material possível de informação sobre os singulares reacionários para impedir que estes se infiltrem, no futuro, em nosso Movimento ecriminosos comuns fujam das sanções penais, as quais a população oprimida requisitará assim que reconquistar a liberdade. O primeiro curso deve ser acima de tudo uma tentativa de se obter o material necessário e critérios mais racionais dados pela experiência, para compilar outro mais completo e complexo. Em cada apostila, a última página será dedicada à correspondência com os assinantes: deverão ser respondidas,

sinteticamente, as questões gerais que os assinantes levantarão; serão respondidas, ao contrário, por carta, as questões individuais. Em linhas gerais, será dividido deste modo:

1. Uma parte introdutória contendo a exposição dos limites e dos fins do curso e uma breve exposição das principais regras do marxismo as quais formam a base de todas as atividades do partido;
2. O que é o Partido e quais os critérios gerais de organização da Internacional Comunista para as diversas fases da luta de classe e da guerra civil;
3. A organização sindical;
4. O trabalho entre os camponeses e as relações organizacionais entre a classe operária e a camponesa, com uma alusão à questão religiosa;
5. O problema da educação e da preparação geral dos membros do Partido;
6. A questão geral da propaganda e da agitação com alusões aos critérios mais gerais e de caráter menos reservado que estão na base de uma preparação para a insurreição;
7. Litografia para as mulheres;
8. Demonstração de como e porque toda necessidade e forma organizacionais pré- revolucionárias estão estreitamente ligadas à necessidade da revolução vitoriosa.

Eu e o companheiro Monti podemos nos encarregar de compilar o primeiro curso; naturalmente este será compilado semanalmente de acordo com a necessidade da publicação; podemos, porém, enviar três apostilas antecipadamente, de modo que a executiva possa conferir e sugerir emendas e acréscimos.

O curso poderá ter difusão especialmente no exterior e dar um pouco de oxigênio às escolas de Partido que deveriam ser promovidas em todos os lugares onde existam elementos capazes de desenvolver um trabalho também elementar; mas também na Itália poderá haver certa difusão. O representante do Partido e os grupos centrais de emigração dos vários países deveriam fazer as reservas, receber os pacotes semanais das apostilas e distribuí-las. Na Itália este trabalho poderá ser feito pelo ofício encarregado das organizações.

Do ponto de vista das escolas de partido e do curso, os companheiros deverão estar distribuídos em grupos, cada um dos quais terá um instrutor de partido, inicialmente escolhido dentre os companheiros que reúnem em si três qualidades: tempo de inclusão no Movimento, participação organizacional nos comitês de partido e sindicais, dotes de moralidade e de devoção. Um especial cuidado nós devemos dirigir à criação deste tipo de companheiro que deve ser instrutor de partido. Acima dos instrutores deverá haver um inspetor que poderá ser, a princípio, escolhido entre os propagandistas enviados a fazer turnês aos quais, para este trabalho especial, serão dadas instruções e diretrizes especiais. O partido deverá atentamente recolher todos os dados necessários para reconstruir as personalidades e as características desta faixa de companheiros que demonstram ter boa vontade e espírito de iniciativa; será um arquivo muito útil como base para a escolha do pessoal e dos representantes. Tendendo para este lado, dever-se-ia, se as circunstâncias permitirem, chegar a dois resultados: à convocação regional e provincial de algo similar às semanas sociais dos católicos, isto é, a conferências/cursos de lições sobre determinados argumentos desenvolvidos por elementos capazes aos grupos de companheiros que já chegaram a um nível mais elevado de preparo geral; à formação de uma espécie de colégio comunista como existia na Bulgária e como se queria criar nos Estados Unidos, no qual, por seis meses, um certo número de companheiros selecionados cuidadosamente segue, custeado e alojado, regulares cursos sobre os argumentos mais importantes da Doutrina Comunista e da ciência da administração estatal. Evidentemente nós não podemos pensar em realizar imediatamente estas iniciativas; mas é também verdade que, para chegar a estas realizações, é necessário atravessar toda uma série de fases sucessivas e de experiências, através das quais acontece uma seleção e se cria uma base bastante segura para a escolha dos melhores companheiros que possam no menor tempo, dar os melhores resultados.

Nós sabemos que no desenvolvimento da classe operária as mesmas experiências e tentativas se repetem infinitamente; infelizmente, esta é uma necessidade inerente ao modo de existência do proletariado. Mas sabemos também que nenhuma destas experiências e tentativas nunca é completamente perdida, que se necessita, absolutamente, passar por elas se desejar atingir o objetivo.

Espero que a esta hora o trabalho para a publicação da “Ordine Nuovo” esteja finalizado e o primeiro número já esteja em vias de impressão. Advir-

to-os de que uma parte da correspondência de Ruggero foi encaminhada para Moscou e de lá mandada de volta a mim, causando assim raiva e perda de tempo.

Comunico-lhes que a partir de hoje vocês não devem usar, por nenhum motivo, o endereço do doutor M., nem o da sua empresa comercial. Na tentativa, demonstrou-se muito lento.

Saudações!  
(não assinada)

*A Julia  
Viena, 13 de abril de 1924*

Caríssima!

Recebi sua carta do dia 04 (na semana anterior eu tinha recebido o livro de Kerjenzev e o fascículo dos *Rabkor*). Não sei qual das minhas cartas você recebeu antes de me escrever, dado que você menciona três cartas recebidas juntas, as quais eu lhe havia expedido semanalmente: a minha última era muito séria, diria quase solene.

Agora estou em parte mais tranquilo, porque ouvi sua voz doce, vi o seu amor, sei que você é minha, mais que nunca. Mas, por outro lado, estou inquieto (a vida é terrivelmente dialética): parece que eu fui eleito deputado pelo Vêneto e, acredito, se eu voltar para a Itália não será fácil sair para o V Congresso. Como poderei, então, esperar você vir juntar-se a mim? Deverá, neste momento, esperar para não fazer sofrer o nosso filho e eu, ao contrário, gostaria tanto ter você por perto agora mesmo, para participarmos completamente da nova vida, alegrar-me e sofrer com você. Um turbilhão de pensamentos diversos e contraditórios atravessa-me continuamente a mente, os quais eu queria dividir com você diariamente, a cada momento. Mas espero que tudo vá bem. O novo parlamento italiano abrirá somente no dia 25 de maio e ainda que eu tenha mesmo sido eleito não será necessário sair daqui, porque já no dia 25 deverei estar em Moscou. Poderei mostrar-lhe ainda a língua? Agora somos pessoas sérias, teremos dentro de pouco tempo um filho e não precisamos dar maus exemplos

aos pequenos. Vê quantos novos horizontes se abrem? O mundo é inegavelmente grande e terrível. Reli nestes dias os sonetos de Pascarella os quais pedi para me mandarem para enviá-los depois a você, e, “*A descoberta da América*” demonstrou-me ainda uma vez a exatidão do ponto de vista contido no modo de dizer do velho lama tibetano. Quem sabe se não é verdade que, com os modernos couraçados, Colombo poderia ter descoberto 20 Américas: o mundo, etc? Penso, dentre outras coisas, que imediatamente após o nascimento do bebê, nós nos agrediremos de verdade, porque discordaremos sobre muitas coisas. A começar pelo nome: recorda-se da minha predileção por Nabucodonosor, Simeone, Ermengarda, Prudenzianna, Veneranda, Parallelepipedo etc e tal? Teremos sérias brigas, prevejo. Você nunca arredou pé deste propósito, mas a sua tática parece-me hoje oportunista e cheia de ameaças.

Faço-me passar um pouco por louco, mas não tenho muita vontade. A verdade é que lhe quero muito bem, penso em você continuamente e sinto de vez em quando como se a abraçasse fortemente. Acontecem-me coisas estranhas: ao receber a sua última carta, pareceu-me senti-la chegar a Viena e eu a encontraria pelas ruas. Fiquei mal de novo, sem poder dormir, e a sua carta me exaltou muito. Quando a abraçar, acho que me sentirei mal de novo, tamanha é a paixão a me perturbar. Cara Iulca, você é a minha vida, como nunca a havia sentido antes de amá-la: algo grande e belo que enche todos os minutos e todas as vibrações do meu ser. Quero ser forte hoje, como nunca fui, porque quero ser feliz em seu amor, e esta vontade se reflete em tudo o que faço. Acho que, vivendo juntos, seremos invencíveis e encontraremos o meio de derrotar também o Fascismo; queremos um mundo livre e belo para o nosso filho e combateremos para conquistá-lo, como nunca combatemos, com a astúcia que nunca tivemos, com a tenacidade e a energia que derrubarão todos os obstáculos. Escreva-me mais longamente; Se pudesse estar com você dentro de um mês... Talvez possa ser assim.

Um beijo longo, *Ijubimaja*<sup>12</sup>  
Gr.

---

<sup>12</sup> Querida em russo.

*A Palmiro Togliatti  
Viena, 19 de abril de 1924*

Carissimo Ercoli!

Envio-lhe cópia da carta a Urbani. Até agora recebi pouco de você. Não consigo imaginar, pelo nosso longo período de separação, até que ponto estamos de acordo. Queria tivesse havido entre nós uma comunicação mais detalhada das impressões, mesmo que apressadas. Por que lhe digo isto? Porque nas duas cartas de Veneziani<sup>13</sup>, mas especialmente na segunda, vi como se pode se esquivar. Veneziani escreve ter entendido que eu quero expulsões à esquerda. Algo fantástico, que me fez empalidecer, pensando que tal comunicação pode ter começado a circular entre os companheiros na sua forma esquemática: Sardi quer expulsar Amadeo do Partido. É suicídio, palavra de honra. Eis porque eu desejo sempre que haja muita discussão, mesmo entre aqueles que parecem mais próximos e de acordo, até entre nós. É necessário colocarmos o problema do Partido em toda a sua extensão, em todos os seus particulares. O resultado das eleições, em minha opinião maravilhoso, deve ser analisado por nós em toda a sua extensão. Isto, me parece, põe em modo muito grave o perigo da direita; não se exclui que o Partido, depois da abstinência de discussão trienal, caia no direitismo; nem que nós, com nossa ação atual, contribuamos a isto. Devemos expor-nos o problema e decidir como fazer, para prevenir todos os perigos. Pelo meu isolamento e a falta de impressões diretas, não posso ir além da construção de hipóteses, o que me cansa sem obter frutos.

Germanetto me escreveu declarando-se de acordo com a nossa diretriz. Mando-lhe a minha resposta à sua carta. Com o acordo de Urbani penso tenha sido dado um grande passo avante e, verdadeiramente, se possa ver com mais tranquilidade o futuro.

Acho que nos reveremos logo, pois penso que vocês me escreverão para vir à Itália.

Saudações cordiais!  
Sardi

---

<sup>13</sup> Pseudônimo de Pietro Tresso. As cartas a que se refere não foram encontradas.

P.S.:

Li seus dois artigos sobre as eleições, os quais são bons como análise. Acho, porém, que vocês deveriam fazer seguir à análise algumas indicações práticas para que os companheiros se orientem na propaganda. Foi você quem escreveu o título do artigo de Gobetti? No seu conceito de conquista dos Comunes, evidentemente ingênuo como o da obstrução parlamentar e como todo o artigo em geral, há, porém, algo verdadeiro. É evidentemente necessário organizar um novo poder, na fábrica e no vilarejo que, desenvolvendo-se, sufoque o Estado Fascista.

*A Julca  
Viena, 11 de maio de 1924*

Minha querida Julca!

Amanhã parto para a Itália e depois de algum tempo retornarei para vir ao V Congresso e à Executiva Ampliada. Por várias e lamentáveis razões tive de deter-me aqui mais do que pensava. Habituei-me tanto a pensar que em breve, ao final de maio, poderia revê-la, que não consigo consolar-me. Mas, paciência! Será necessário esperar ainda alguns dias. Como nos queremos bem, porém, depois de tanto vai-e-vem, acreditare desiludir-se. Teremos de procurar um modo de ficarmos muito, muito juntos, sempre que possível. Trabalharemos juntos, pensaremos juntos, far-nos-emos tantas carícias todos os dias, seremos alegres, loucos, tristes juntos. Para mim é necessário reunirmo-nos: parece-me ter me tornado um ponto de interrogação no espaço infinito; não sei onde pôr os pés para encontrar segurança. Penso em você continuamente e me vem a vontade de escrever odes lamuriosas contra o destino adverso que nos separou tão cedo, quando tínhamos apenas começado a conhecer a felicidade.

Escreverei a você da Itália e informarei sobre todas as possibilidades da minha viagem; uma semana, porém, pulará sem correspondência.

Abraço-a forte, forte, seguro a sua cabeça entre as mãos para olhá-la nos olhos e beijá-los e depois dos olhos, beijo sua boca, cara Julca, *liubjmaja*.

Gr.

*A Vincenzo Roma  
30 de junho de 1924*

Caríssimo Vincenzo!

Espero uma carta sua. A situação se estabilizou, mas o rompimento ocorrido entre o país e o Fascismo é irremediável: o Fascismo agoniza. Naturalmente não se exclui que antes de morrer tenha um golpe terrível, mas a sua sorte está decidida. Se os partidos de oposição não fossem uma mistura de velhacaria e não tivessem medo do proletariado mais que do Fascismo, Mussolini a esta hora estaria já longe do governo e uma boa parte dos seus canalhas na prisão. As nossas posições melhoraram muito: “*L’Unità*” de 20.000 cópias pulou para 60.000: a nossa palavra de greve geral foi acolhida por muitos operários e comentada favoravelmente pelos outros. Mas a desorganização é ainda grande e torna difícil qualquer ação.

Mande-me notícias da sua vida. Você esteve com a companheira Schucht? Escreva-me se precisa de algo e o que eu posso fazer. Informe-me, minuciosamente, tudo o que for possível. Sinto tanto não poder ir, mas a minha presença a qui era indispensável com a situação existente. A companheira é uma Comunista e deve ter entendido, estou certo disto. Informe-me sobre a sua saúde e pergunte-lhe quando estará em condições de fazer a viagem para a Itália, caso eu não possa mais ir lá, e o que eu devo fazer para facilitar tudo.

Um abraço fraterno com saudações a todos os amigos.

Gr.

*Roma, setembro de 1924*

Caríssimo Vincenzo!

Esta semana não recebi suas cartas. Não recebi cartas nem da companheira Schucht. É melhor você não falar mais a ela nem da sua vinda à Itália, nem de dinheiro. Conheço a situação, muito difícil, da sua família e não quero aumentar os seus desprazeres. Aquilo que você me escre-

veu sobre o pai dela não me espanta: sei que ele está amargurado com a sua situação e há muito se tornou áspero e intratável. Naquilo que ele lhe disse, indubitavelmente, não há muita seriedade: eu posso trabalhar bastante, ainda que o Partido seja ilegal, manter reuniões, estar em contato com a massa etc. As limitações à minha atividade são impostas pela minha fragilidade física, mais que qualquer outra coisa; se pudesse, viajaria constantemente e manteria contato com os companheiros de toda a Itália. Em Roma, tive reuniões com companheiros e operários de todos os cantos. Em Turim, fiquei somente dois dias e tive três reuniões; lá, porém, sou muito conhecido e fui imediatamente seguido por ... Bagnasco que me encontrou por acaso na R. Goito. Como vê, não é a impossibilidade de ter reuniões a me impedir o trabalho.

Quanto ao outro tema, a questão é mais difícil: não depende de mim, cumprir os meus deveres com a criança. Não posso fazer outra coisa senão enviar o dinheiro, que vem rejeitado. Mas isto diz respeito somente a mim e à minha companheira, mais que a seu pai, não lhe parece?

A situação é muito difícil e complicada. Você diz que a oposição e o Fascismo devem chegar a um confronto armado. É necessário um acordo. As oposições fazem uma grande manobra para separar o Fascismo do Rei, isto é, o exército e os *carabinieri*. Estes não querem um confronto direto armado, mas, sim, que o exército e os *carabinieri* enquadrem os Fascistas, isto é, querem acabar com o Fascismo sem a intervenção popular. Este plano, até o momento, se desenvolve sem grandes dificuldades pelo fato dos Maximalistas e os Reformistas pertencerem às oposições e a maioria dos operários, desorganizada, permanecer passiva. O nosso dever, por isso, não pode ser outro senão o de organizar e agitar as massas: já obtivemos muito sucesso nesse campo. Não precisa, porém, ter muitas ilusões porque: 1º - o Partido, em sua totalidade, ainda trabalha mal e se move muito preguiçosamente; 2º - a situação ainda está claramente dominada pelos Fascistas, pelo exército e pelos *carabinieri*, isto é, pela totalidade das forças armadas burguesas, em cuja base não se verifica nenhuma desorganização notável (os Fascistas se reforçaram com armamentos nestes meses, apenas passada a primeira crise); 3º - as massas são terrivelmente desagregadas e acreditam que as oposições poderão eliminar o Fascismo sem uma luta sangrenta. Elas querem a paz, a tranquilidade, e toda perspectiva de um novo período de grandes lutas as assusta. A parte mais ativa da população é ainda a pequena bur-

guesia da cidade e os camponeses, especialmente os meridionais, com orientação claramente democrática.

Cordiais saudações,  
Gr.

*A Julca Roma  
6 de outubro de 1924.*

Caríssima!

Na semana passada estive em Nápoles para o Congresso da Federação Provincial e não pude escrever-lhe. Fico triste quando não posso lhe enviar uma carta e devo transpor um monte de obstáculos psicológicos quando me proponho a escrever-lhe. Parece-me, e acredito tenha você a mesma impressão, que a carta empobreça todos os nossos sentimentos, e seja um filtro ao contrário, a perturbar aquilo que é límpido e claro. É isso, veja, eu não consigo pensar concretamente em nosso filho. Penso nas crianças em geral, em seu peso, em sua fragilidade, nos perigos que os ameaçam a todo o momento, mas não consigo pensar em nosso filho individualmente. É uma falta minha? Não sei. Penso em você, mas a imagino como era quando a deixei; deve ter mudado neste tempo, sinto que você se revelou, mas eu estou do lado de cá de um muro e este me impede de ver claramente. Não quero atormentá-la; estou muito sereno, mas não posso evitar pensar essas coisas. Por que quis que Bianco fosse dar-lhe alguma coisa por minha conta? Não pensei em nada daquilo que você me escreveu; a menção aos direitos do homem e da mulher era uma brincadeira. Pensei somente nisto: eu ficaria contente em saber que alguma sua vida e na do bebê era devido a mim; era devido, pense um pouco, ao Estado Fascista que me paga um salário de deputado; representava um pequeno sacrifício meu, um maço de cigarros ou um café a menos. Por que isto? Acredito ser uma recordação da minha infância, ligada aos sofrimentos materiais e às dificuldades que superamos com mamãe e outros irmãos e ligam, cujos vínculos de solidariedade e afeto nada mais poderá destruir. Você acredita que a melhor das sociedades comunistas poderá modificar fundamentalmente estas condições das relações individuais? Por um bom tempo ainda, certamente, não. Eparece-me serem estes sentimentos próprios

das classes exploradas, não da burguesia, mas das classes para as quais a opressão se manifesta na instabilidade da vida e na insegurança do pão, do vestir, do teto para os filhos e para os velhos. Você acredita estarem uma redoma de ferro para viver em um Estado Soviético; no entanto, deve admitir que mesmo num Estado Soviético essas condições ainda permanecem para muitos e muitos... Sabe, queria fazê-la ficar com raiva, mesmo; quando você me descreveu a cena das crianças em uma grande carreta, distribuídas aos gritos às mães para alimentá-las, a cena me pareceu tão nítida, fazendo-me pensar em fazê-la enfurecê-la, escrevendo que, talvez, cada vez deem à mãe uma criança diferente, sendo a disciplina soviética tão perfeita, para dar uma consciência segura às babás adidas aos hospitais. Repensei nessa raiva, a qual não quis lhe infligir, lendo seus escritos a propósito das leis soviéticas que defendem o direito da criança aos cuidados da sociedade, além daqueles dos pais etc. Sabe, isto me parece mais coisa de Rousseau do que de Lenin? Assim, a raiva lhe inflijo do mesmo jeito...

Mas por que a enfureço? Assim, porque lhe quero muito, muito bem. Sabe, penso sempre em uma noite famosa que passamos juntos a Serebryany Bor. Lembra? Você voltou de Moscou, parece-me, e tinham colocado outras camas em seu quarto, onde alguém já estava dormindo quando entramos no pavilhão. Lembra? Você ficou no meu quarto: antes, mostrei-lhe o comício das corujas na varanda, depois, falamos de tantas coisas gerais, mas especialmente de um verso de Dante que diz: “Amor, que a nenhum amado, amar perdoa”, depois devíamos dormir e havia uma cama somente e, então, eu a fiz chorar, cinicamente, de propósito mesmo, porque eu era muito ruim; eu a queria muito bem e queria beijar seus olhos, mas não acreditava que você pudesse me amar e, então, quis lhe fazer mal, por ser muito maldoso. Você se lembra? Você se deitou na minha cama e nenhum de nós dois dormiu, mas, de manhã, se levantou devagarinho para não me acordar e eu a deixei fazê-lo, até o momento em que estava abrindo a porta delicadamente: e então a fiz enfurecer, mas queria tê-la apertado fortemente junto a mim. Lembro todos os detalhes, porque acho ter sido aquela noite muito importante para nós, e depois brincamos de cabra cega por tempo demais. Ah! Isto, às vezes, me faz sofrer; a lembrança de todas as pequenas e grandes coisas, enquanto você está longe e não posso abraçá-la, não posso sentir seu corpo junto a mim para acariciá-lo, para senti-la inteiramente comigo. Mas vamos nos rever e seremos muito felizes. Pena não ter podido dividir com você as angústias e alegrias dos primeiros

tempos do nosso filho e isto fará falta para sempre na minhavida. Eu a amo muito, Julca.

**Gr.**

P.S.: Continue as buscas pela sua irmã Tatiana e acredito tê-la visto uma vez no bonde, era uma mocinha muito semelhante a você. Soube outro dia que ela ensina em uma escola privada na Rua Savoia, mas ainda não encontrei essa rua, por ser nova. Na próxima semana penso em poder finalmente escrever algo mais preciso.

*Roma, 20 de dezembro de 1924*

Caríssima Julca!

Não recebo notícias suas há mais de um mês. Por quê? É só por causa da desorganização dos serviços, acentuada nestas últimas semanas, ou há outras razões? Eu preciso de notícias suas como preciso do ar, especialmente nestes últimos dias, quando o pensamento de revê-la, talvez em breve, me atormenta mais. Queria saber se você precisa de alguma coisa. Nem Bianco me escreveu de novo, depois de ter-me dito em sua última carta que a encontrou um pouco deprimida. Por que, então, não me escreveu mais? Eu penso em tantas coisas, dúvidas e temores me assaltam. Pessoalmente, poderei lhe explicar todas as fases da minha vida, também em relação ao meu amor por você. Pense: talvez dentro de um mês e meio rever-nos-emos, tão mudados; poderei mostrar-lhe a língua de novo? Entretanto não tenho mais notícias suas e estou triste: o pensamento de revê-la, talvez em breve, não é suficiente, pois está amargurado por dúvidas e temores estranhos os quais não consigo afastar de modo algum. Eles me enchem a mente de modo a não conseguir pensar em outra coisa.

Um abraço muito apertado!

**Gr.**

*A Mauro Scoccimarro Roma  
5 de janeiro de 1925*

Caríssimo!

Duas palavras ainda no último momento. A situação se agrava. Ottávio foi preso. Felix e Romano são procurados. O governo saiu à caça dos docu-

mentos escandalosos. A “Italia Libera” foi dissolvida. Fala-se da dissolução do nosso Partido. Não temos ainda notícias de Milão para os redatores da “Unità”. Tínhamos já notícias de tais provimentos e tudo tinha sido predisposto. Benito queria dissolver a Câmara ou, ao menos, fechar a sessão para poder prender alguns deputados. Diz-se que a Coroa lhe tenha negado. Formar-se-á um gabinete inteiramente Fascista, para a separação de Salandra e as demissões de Casati-Sarrocchi. A situação não poderá durar muito. A opinião pública está conosco. No país semultiplicam os atentados e os incêndios. A oposição está em pânico: fala-se da autodissolução do Comitê: seria o suicídio. Eu acho que a situação, mesmo gravíssima, não acabará ainda com um choque; o aparato militar do governo é imponente, a milícia se recuperou notavelmente; as grandes massas não se movem porque a crise foi imposta pelo governo que quer reaver os documentos escandalosos e por isso a sua gravidade ainda é percebida somente pelos círculos mais restritos. Naturalmente, um atentado ou um conflito casual pode fazer precipitar tudo. Nós trabalhamos para colher os frutos e, possivelmente, ampliar o movimento com uma ação de massa.

Um abraço!  
Antonio

Roma, 12 de janeiro de 1925

Caríssimo!

Da carta que lhe enviei da última vez, sob a sim pressões das primeiras notícias, nada de mais pessimista se confirmou. A situação não se agravou no sentido de um recurso da parte do governo a medidas excessivamente contra a lei. As prisões são numerosas, mas insignificantes politicamente; o filósofo foi liberado. Foi dissolvida a nossa organização na província de Florença, mas o provimento permanece no papel. A situação se agrava, ao invés, para a nossa imprensa. As publicações periódicas não podem mais sair porque a apreensão acontece de forma genérica. “L’Unità” está suspensa: amudança de gerente, sabotado pelas autoridades, não poderá fazer mais que adiar por alguns dias a sua supressão de fato. Procuraremos manter a continuidade do aparelho jornalístico que vale algumas centenas de milhares de liras, fazendo um jornal incolor até a aprovação da nova lei sobre a imprensa. Intensificaremos, entretanto, a publicação dos folhetos ilegais assinalando exatamente a tática do Partido.

Da última vez não recebemos nenhuma notícia de vocês. Acho que lhe chegará um relatório detalhado sobre todas as disposições e medidas tomadas para afrontar a situação geral.

Cordiais saudações, Antonio!<sup>14</sup>

*A Julca  
Roma, 12 de janeiro de 1925*

Caríssima Julca!

Rapidamente, duas palavras. Não recebo notícias suas há muitas semanas e não sei se isto depende das razões gerais ou da sua saúde. Bianco tinha escrito a mim que você não estava muito bem e isto me preocupou. Eu vivo uma vida muito intensa por causa da pressão dos acontecimentos que, todavia, não são suficientes para prever a proximidade do fim do Fascismo como regime, senão como governo. Deveria mesmo ir lá para cima; mas os acontecimentos permitir-me-ão? Por ora, acredito que sim. Vivemos na Itália uma fase que me parece não seja vista em nenhum outro país, cheia de imprevistos, pois o Fascismo obteve sucesso no seu objetivo de destruir todas as organizações e, assim, todos os meios através dos quais as massas podiam exprimir as suas vontades, e uma situação manifestada claramente pela grande maioria.

Vejo neste momento Stucevski que partirá amanhã ou depois de amanhã e poderá levar-lhe umacarta e mais algumas coisas.

Um abraço!  
Gramsci

*Roma, 16 de janeiro de 1925  
Minha querida!*

Recebi hoje – depois de um longo período de espera – a sua carta do dia 7. Espero poder lhe falar pessoalmente muitas coisas, ouvi-la dizer outras tantas, afastar a tristeza da sua vida, se me for possível. Mais de um ano se pas-

---

<sup>14</sup> Uno a esta, uma carta para a minha companheira e peço-lhe que a entregue.

sou desde que nos deixamos: para mim, quer dizer uma vida mais intensa, quando ainda fisicamente não podia vivê-la completamente. Fiz você sofrer às vezes, escrevendo-lhe das expressões apressadas de sentimentos disformes, nascidos da insatisfação com os resultados do meu trabalho e da tristeza de não poder desenvolver a atividade que eu gostaria. Eu estive tão encolhido na minha solidão, por tantos anos, que não podia de repente desenvolver a capacidade de ter uma relação normal com você a quem eu amo. Mas tudo está superado e o será, da melhor forma, quando nos reencontrarmos. Contribuí a tornar-me insatisfeito a dificuldade em fazer alguma coisa pelo nosso filho: você não queria, eu não sabia como contornar a sua vontade, a qual eu compreendia intelectualmente, mas me deixava intimamente descontente. Quanto você sofre! Mas venceremos juntos, não é verdade? O companheiro Stucevski conseguiu encontrar sua irmã através do endereço de uma amiga dela. Eu também vou encontrá-la e penso poder ajudá-la de algum modo a encontrar um trabalho mais consoante à sua capacidade física e melhor remunerado. Acho que não consegui encontrá-la em todo este tempo porque ela não queria ser encontrada, não sabendo o porquê da minha insistência.

Mando-lhe um pequeno pacote com algumas coisas, as quais me dizem, farão muito bem a você e ao menino, cuja vida é a sua vida. Não sabia exatamente o que lhe enviar: queria lhe mandar o Coliseu ou o Fórum de Trajano com todos os seus gatos, ou um pouco do grande sol de Roma que enche os prados de Vila Borghese de enxames de crianças. Você não quis me escrever nada para me provocar, para me fazer quebrar a cabeça a escolher entre uma infinidade de coisas. Paciência! Poderia puxar-lhe os cabelos, para puni-la, assim que eu a vir? Mas quando isto acontecer, nem pensarei mais nisso. Sabe que tremo quando penso no momento em que eu a verei de verdade ao meu lado, e poderei acariciar a sua cabeça, e olhá-la bem dentro dos olhos? E poderei ver o nosso filho, que até agora é somente seu e não consigo imaginar quantas características minhas terá. Dentro de um mês terei já partido e talvez também chegado. Telegrafarei a você qual será exatamente o horário da minha chegada e virá ao meu encontro à esta ção, não é? Porém, se fizer tempo bom, senão, absolutamente não quero (veja como tomo ares de patrão!). Você se lembra de quando eu parti? Será muito diferente agora: observei como a vida nos transforma diariamente. Parece que não me reconheço mais em como era um ano atrás: quantas lições a cada dia, também de modéstia, e quanto crescimen-

to pelas bobagens passadas (porém, fui muito inteligente em querê-la bem, disto estou convencido a cada dia mais).

Um abraço bem apertado, Julca, um beijo também ao pequeno (mas não sei exatamente o que e isso queira dizer).

Gr

*Roma, 2 de fevereiro de 1925*

Caríssima Julca!

Há algumas semanas não tenho mais notícias suas, nem diretamente, nem por intermédio de Bianco. Dentro de alguns dias partirei (por volta do dia 10), se for possível ter os documentos necessários, e estarei aí com você próximo ao dia Espero encontrá-la bem, assim como o pequenino.

Conheci sua irmã Tatiana. Ontem, ficamos juntos das quatro da tarde até quase meia-noite; falamos de tantas coisas, de política, da sua vida aqui em Roma, das suas possibilidades de trabalho. Jantamos juntos e não me admira ser ela tão frágil: come pouquíssimo, se bem não tenha nenhuma doença orgânica; pode-se dizer, ao contrário, parecer estar muito bem. Acredito já termo-nos tornado grandes amigos. Antes que eu parta, nos falaremos ainda bastante (moramos muito próximos um do outro, a somente 200m de distância): prometeu-me contar todas as suas peripécias, de modo que eu possa repeti-las a você. Penso verdadeiramente que vocês podem ficar tranquilos quanto à sua saúde e às condições gerais de vida. Fiquei muito feliz em conhecê-la, especialmente porque se assemelha muito a você; politicamente é muito mais parecida conosco do que me pudessem fazer acreditar. Quando fui encontrá-la pela primeira vez, em sua ausência, tive de ter uma longa conversa com o Sr. Isacco Schreider, s.r., homem lúgubre, entrincheirado numa preconceituosa negação de que na Rússia possa existir algo de bom. Para ele, a revolução não pode ser outra coisa senão um concurso de belos discursos e, deste ponto de vista, os Comunistas são historicamente derrotados uma vez que não podem oferecer nenhum homem equivalente a Mikhailovskij.

Isto também é um ponto de vista... Sua irmã tem somente a exceção da liberdade de imprensa negada aos “seres” e os sofrimentos que em algumas prisões devem padecer certa Ismailia (parece-me assim) e a Spirido-

nova: queria trabalhar para os soviéticos, mas fizeram-na acreditar serem os representantes destes em Roma, todos canalhas corruptos, e ela não queria ter nada em comum com eles, não queria acreditar que, trabalhando com eles, queira ter os benefícios da revolução sem ter suportado seus sacrifícios. É muito simpática sua irmã e não há nada em comum com papa-defuntos s.r. tipo Isacco Schreider. Na Rússia, seria uma extraordinária trabalhadora e compreenderia todas as necessidades da luta. Dei a ela uma pequena fotografia de Delio que você tinha me enviado, na qual há no fundo uma figura feminina que possivelmente seja você, embora isto possa gerar muitas dúvidas; ela disse que você mudou muito, mas eu a fiz observar poder se tratar de uma daquelas brincadeiras feitas com as crianças: “procurem a lebre e o caçador”, e, poderia ser o caçador alguém ainda invisível.

Tantas coisas queria escrever-lhe ainda. Mas estou um pouco cansado. Há alguns dias sou torturado pela nevralgia e, em consequência, insônia: tenho a cabeça confusa e pesada. E, além disso, você é má e não me escreve; não me dá notícias suas e nem do menino. Eu, certamente, sou um péssimo pai. Espero, porém, que a sua irmã me dê bons conselhos. O que posso levar ao pequeno, da Itália? Deve ser compatível com pouca bagagem e bem adequado. Sozinho, faria como aquela velha que, querendo salvar do incêndio da casa o mais importante, não sabia se decidir e acabou tendo de se salvar levando consigo a pinça da chaminé. Veremos.

Um beijo forte, liubimaja, na espera de revê-la dentro de poucos dias, vivendo ao meu lado.

Gr.

*Roma, 7 de fevereiro de 1925*

Querida!

A minha viagem foi adiada ainda por 15 dias, mas acontecerá seguramente<sup>1</sup>, ao que parece. Dar-me-ão até um passaporte regular. Um pequeno consolo pelo atraso. Acho, porém, que encontrarei já algum sinal do início da primavera: quem sabe não seja possível ter, simultaneamente, a alegria de um grande fogo na neve e de ver a explosão florida de uma pradaria. Poderemos fazer algum passeio entre o final de março e os primeiros dias de abril? Esqueci a cronologia das estações por recordar somente os

acontecimentos fora do tempo, não posso então fazer previsões por minha conta.

Sabe, sua irmã Tatiana me antecipa um pouco a sua presença: assemelha-se muito a você em certos traços e modos – a música da voz dela é um eco da sua voz (ficaria contente se soubesse que escrevi “eco” pois, uma vez, quase se ofendeu por alguém poder comparar a voz dela à sua, que diz ser belíssima); vou encontrá-la frequentemente; vem sempre comigo às *trattorias* romanas, mas nunca consegui fazê-la comer um pouquinho mais que o de costume. Ela me deu muitos conselhos práticos sobre o que poderia ser útil e belo ao mesmo tempo; encontrou-me um modelo de roupa possível de se confeccionar em meia hora, parece-me ser o record das roupas em Regime Comunista; não sei se você o conhece, para mim é uma maravilha e acho que a sua introdução na Rússia marcará uma nova época na arte do vestuário soviético. Ela queria pegar para você uns sapatinhos com uns saltos Mefisto que me assombraram; resisti tenazmente, sustentando que você jamais calçaria uma coisa horrorosa daquelas. Não sei se conseguirei passar a fronteira soviética com uma bagagem tão diversificada: tenho um pouco de medo de acabarmal, fazendo surgir sabe-se lá quais dúvidas sobre minha identidade social.

E depois, verei o menino: não quero deter-me nisto, pois me perturba de tal modo e estraga todas as minhas recordações do passado sem me ajudar a criar novas imagens. Encontrei já uma publicação colorida dos pontinhos de Correggio; tinha pegado também umas mexericas, mas as comi, pois de qualquer modo se estragariam na espera. Quem sabe o menino colocará os pezinhos na boca pela primeira vez na minha presença? Seria maravilhoso! Tatiana quer comprar uns sapatinhos para ele também: é uma mulher terrível ela, com sua mania de calçar todoo mundo.

Devo escrever-lhe ainda uma vez antes de partir. Como é mal organizado, porém, este trabalho: precisa sempre adiar as próprias esperanças, e escrever ao invés de ver, ao invés de beijar forte, forte, quem se ama. Mas... Gr.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Gramsci teria partido para Moscou no final de fevereiro, por Viena, passando ilegalmente a fronteira italiana para fazer parte da V Sessão da Executiva Ampliada do Comintern (21 de março a 5 de abril).

*A Jules Humbert-Droz  
Roma, 25 de abril de 1925*

Caro Companheiro!

Encontramos a situação muito mudada em nosso retorno, desfavorável a nós, não do ponto de vista da influência sobre as massas, mas pelas maiores dificuldades impostas ao nosso trabalho, de um lado pelo governo e do outro pela Confederação Geral do Trabalho.

A Confederação declara ilegal, em relação a si, todas as nossas iniciativas entre as massas, uma vez que não deixam de ter reflexos na organização sindical, e os colegas que o afirmam ou tentam desenvolvê-las, são sindicados. Proibição, então, com a ameaça de expulsão dos congressos de fábrica, de participar das eleições de comissões internas etc. Essas ameaças têm sucesso entre alguns grupos de companheiros, determinando em alguns a tendência à passividade, em outros a convicção que a cisão é inevitável e, assim, tanto vale trabalhar já neste sentido. Resistimos a ambas as tendências. Tivemos de adotar, porém, alguns atos graves do ponto de vista da disciplina formal sindical. Apresentamos candidatos Comunistas à eleição para a comissão interna da Fiat de Turim, não obstante a proibição da Confederação. Fizemos bem: os operários nos deram a maioria. Isto possivelmente fará os confederados refletirem, demonstrando não ser a cisão completamente prejudicial a nós, dado ao fato de termos já uma grande base. Se tivéssemos cedido sem reagir, eu acho que os confederados, acreditando-nos enfraquecidos, teriam nos perseguido ainda mais, colocando-nos em uma situação muito pior.

O governo desenvolve uma atividade sistemática para descobrir a nossa organização. A nova lei contra as organizações será um terrível instrumento de perseguição a nós. Estamos estudando quais medidas são mais apropriadas para nos consentir manter um mínimo de legalidade e ao mesmo tempo uma organização de massa.

As oposições estão em movimento. Todo um complexo plano deve ser preparado por nós para acelerar o destaque das massas da influência delas. Na próxima carta farei um relatório mais detalhado da situação e da possibilidade que esta nos oferece.

Saudações Comunistas.  
Gramsci

*A Julia  
Roma, 18 de maio de 1925*

Caríssima!

Houve uma grande desordem na distribuição da correspondência nestas últimas semanas. Uma carta minha, para você, se perdeu. Outra, de Tatiana (junto a essa), não foi enviada. Escrevo no último momento, para não deixá-la tantas semanas sem uma mensagem minha, sem sentir o quanto eu esteja próximo a você e a Delio, e o quanto vocês me fazem falta. Tantas coisas mais eu gostaria de lhe escrever, se tivesse mais tempo.

Um abraço muito forte,  
Gr.

*Roma, 25 de maio de 1925*

Caríssima!

Reencontrei a carta que eu lhe havia escrito assim que retornei à Itália. Não amando mais pois, para mim, perdeu todo o significado. Era só um pequeno relato sem importância das leves travessias feitas. Porém, tomaram-me, na fronteira, a sua tradução do discurso de Stalin, com promessa de devolução depois de ser examinada: não acredito nisto.

O trabalho se desenvolve muito desordenado e desconexo: isto se reflete no meu estado de ânimo, já bastante abalado. As dificuldades se multiplicam, temos agora uma lei sobre as organizações (contra elas), que anuncia um sistemático trabalho policial para desagregar o nosso Partido. Sobre esta lei, fiz a minha estreia no Parlamento. Os Fascistas me fizeram um favor, portanto, do ponto de vista revolucionário, comecei com um insucesso. Como eu tenho a voz baixa, reuniram-se em torno demim para me ouvir e me deixaram falar o que eu queria, interrompendo-me, continuamente, só para me desviar do discurso, mas sem querer me sabotar. Eu me divertia em escutar o que eles diziam, mas não soube me abster de responder e caí no jogo deles, cansando-me, e não consegui mais seguir o raciocínio ao qual me tinha proposto ao intervir.

Nesta situação, sinto ainda mais a sua falta e a de Delio. Sinto-me um grão de areia levado pelas ondas. Vejo agora mais claramente, muitas dificuldades antes intuídas intelectualmente por mim e sinto a minha impotência de modo desesperador. As notícias suas e de Delio me consolam, mas me aumentam a perturbação geral. Não quero esconder-lhe nenhum dos meus sentimentos, mas ao mesmo tempo não consigo dizer-lhe tudo o que queria.

Tatiana está bem, melhor do que quando eu parti. Ela se propõe a trazer você, Delio e Gênica para a Itália. Eu não dou palpite nisso, pois, só de pensar e estudar as dificuldades fico muito cansado. Sinto querê-la muito bem, mais do que antes, certo, porque posso pensar em você como uma mamãezinha e vê-la concretamente com o nosso filho.

Mantenho você sempre junto a mim, querida.  
Gr.

Roma, 1 de junho de 1925

Caríssima!

Recebi a sua carta de 10-21 de maio e não sei se você recebeu duas cartas minhas já expedidas. Acho que aconteceu um pouco de desordem e confusão nesse período, tanto para mim quanto para você, na distribuição da correspondência.

A vida segue aparentemente tranquila: isto é, não ocorrem grandes problemas. Os fatos, porém, acontecem implacavelmente e é necessário prestar muita atenção para acompanhá-los, compreendê-los e procurar guiá-los. No país, as forças sociais eficientes se aproximam cada vez mais, ou dos Fascistas, ou de nós: os partidos médios morrem lentamente. A crise atropela todos. Já em alguns círculos de intelectuais, onde parecia impossível penetrarmos de modo algum, começam a se fazer ouvir algumas vozes que clamam a formar uma única frente de batalha com todos os operários revolucionários. Os nossos progressos na organização da classe operária são sempre crescentes. Encontramo-nos, assim, sempre mais próximos a uma série de pontos resolutivos:

1. a ameaça dos Reformistas, que não nos querem permitir demonstrações públicas de sermos nós, o partido operário relativamente mais forte, a chegar à cisão sindical;
2. a ameaça dos Fascistas de quebrar-nos as costas, pela mesma razão;
3. um trabalho interno da extrema esquerda dentro do Partido para fracioná-lo. Somos fortes demais para não ter algumas iniciativas que levam à descoberta das nossas forças e somos ainda muito frágeis para ter condições de enfrentar um choque frontal.

Por isso, a tranquilidade aparente está cheia de ansiedade e tensão contínuas. E eu estou só, querida... Sinto a minha solidão mais do que tudo, também por causa da organização ilegal do Partido a nos obrigar ao trabalho individual e independente. Procuo fugir desse deserto puramente político indo, frequentemente, encontrar Tatiana, que me faz lembrar você. Mas a sua ausência não pode ser compensada de modo algum. Todas as coisas que eu vejo em torno a mim lembram você e Delio e me fazem sentir mais fortemente a minha infelicidade. Além disso, não posso mergulhar no trabalho de Partido como gostaria e seria necessário. O calor que já começa aqui me enerva e me trouxe de volta a insônia crônica. Mas não importa... Tudo passará, pois tenho certeza que você virá para a Itália e será possível a todas as nossas forças se expandirem, e toda a nossa personalidade se afirmar, assistindo juntos ao desabrochar da vida de Delio.

Um forte abraço, querida, e também ao nosso filho.

Gr.

*9 de junho de 1925*

Caríssima!

Não sei ainda como e porque você ainda não recebeu as minhas cartas passadas. Eu estive muito ocupado e o estarei sempre mais nos próximos dias e semanas. Estou completamente absorvido: parece verdadeiramente apagar-se do meu cérebro tudo aquilo que não seja atividade prática imediatista. Devo refletir para quebrar esse círculo e recordar-me de que a

vida pode ser bela e interessante também porque existem você e Delio, mesmo longe e misteriosos. Mas você compreende esse meu estado de espírito e deve me querer bem do mesmo jeito, ainda mais, para impedir que eu envelheça, me mecanize, me torne apático, um brinquedo a repetir sempre as mesmas palavras e os mesmos gestos. É verdade? Por que você não me manda uma nova fotografia sua e de Delio?

Amo tanto você, querida, e mando um forte e apertado abraço a você e ao menino.

Gr.

*15 de junho de 1925*

Caríssima!

Há mais de duas semanas não recebo as suas cartas e não sei por quê. Isto me angustia um pouco, pois você havia me prometido escrever assiduamente. Sinto-me apartado do mundo quando não recebo notícias suas; parece-me verdadeiramente estar abstraído da terra e dos homens que nela vivem. Querida, espero... Amo-a muito e mando um abraço a você e a Delio.

Gr.

*22 de junho de 1925*

Caríssima!

Recebi as suas duas cartas e a fotografia: espero uma fotografia de Delio. Nem esta semana encontrei um momento propício a lhe escrever uma carta mais longa, resumindo os meus pensamentos de amor por você, reorganizando-o sem torno aos sentimentos que a sua lembrança faz brotar. A minha vida é uma longa espera por você, interrompida pela atividade prática que me absorve. Começa a luta interna no nosso partido contra Bordiga, luta esta nada fácil, mas que, dada a situação, requer muita responsabili-

de. Quanto estaria mais tranquilo e sereno se pudesse estar perto de você, se pudesse, na luta, repousar-me e revigorar-me em seu amor.

Cara, eu a amo muito, muito! Um abraço bem apertado a você e Delio.

Gr.

*Roma, 12 de julho de 1925*

Caríssima Julca!

Estive fora de Roma e perdi duas oportunidades de lhe escrever. Viajei: estive em Veneza e Trieste para discutir com os companheiros de lá a situação interna do Partido, muito boa, absolutamente melhor do que eu mesmo pudesse pensar. No Congresso teremos uma maioria esmagadora; o Partido é muito mais bolchevista do que eu pudesse supor e reagiu energicamente ao fracasso dos extremistas bordighiani. A nossa linha política já triunfou dentro do Partido, enquanto a tendência extremista se desagregou e a maioria dos seus elementos responsáveis passou à terna da Internacional e, entre as massas trabalhadoras, nosso Partido conquistou uma grande influência e dirige de fora, também as massas dos outros partidos.

Recebi as suas últimas cartas, as quais me angustiaram um pouco. Não sei como lhe responder: a única resposta possível seria estarmos juntos, sentirmos juntos os sentimentos que nos agitam, ver juntos como o nosso menino se desenvolve, como ele é inteiramente nosso até nos pequenos movimentos. Não acha? Sei, por Tatiana, que você não está muito bem e se sente muito cansada: sei também por ela dos progressos de Delio, em falar e andar. Você me escreve ter sempre pouquíssimo tempo; sinto que a amo e você também me ama e me contento, ou melhor, procuro me contentar. Mas isto não me basta: sinto-me envelhecer rapidamente, estar a cada dia mais cansado, senão fisicamente, como antes, mas em um modo diferente e mais deprimente. Falta-me a sua companhia; parece-me às vezes que, sem perceber, poderemos ficar longe um do outro e eu poderia estar longe também do meu filho. Vê, eu também caio às vezes no estado de espírito de Matilde Serao!

Escreva-me cartas mais longas, se lhe for possível, faça-me sentir mais próximos o seu amor e a vida de Delio.

Um abraço bem forte,

Gr.

*A Zinov'ev  
Roma, 28 de julho de 1925*

Caro companheiro Zinov'ev!

Recebi com algum atraso a sua carta e tive de atrasar ainda mais a resposta, pois fui obrigado a viajar nestes dias por questões urgentes do Partido.

A situação interna do Partido é bastante boa. A tentativa de fracionamento de Bordiga não conseguiu perturbar a massa deste. Pode-se dizer, hoje, que a batalha foi perdida por Bordiga e essa derrota exercerá certa influência em toda a discussão e na votação para o Congresso. Na realidade, a direção do Partido atravessou uma gravíssima crise, não a base, mas é claro que se a direção não tivesse se deslocado em sua maioria para o terreno do Comitê Central e da Internacional, o Comitê Central teria perdido o controle da base do Partido, isto é, teria perdido a batalha do Congresso. Bordiga errou ao querer precipitar a situação, vinculando com os elementos das frações, os elementos favoráveis a si no passado e que ele sentia, por mil sinais, estarem se deslocando. Depois de alguns dias de crise, esses elementos se destacaram dele de modo mais radical e muito mais forte do que teria acontecido através das discussões normais. Isto se vê nas cartas recebidas pelo Comitê Central e cada um de nós, dos companheiros das organizações locais. Certo, não é necessário se iludir e pensar estar já tudo resolvido: há que se trabalhar muito, mas é certo ter sido dado um enorme passo à frente. Eu, pessoalmente, assisti a três conferências informativas, em Roma, Veneza e Trieste, às quais assistiam os membros dos comitês provinciais, os secretários de setores e das células mais importantes e das frações sindicais: a enorme maioria se pronunciou pelo Comitê Central, contra a ideologia de Bordiga, fracamente defendida por alguns solitários, mais por razões sentimentais que políticas (porque Bordiga é um bravo com-

panheiro, valoroso, enérgico etc.). Eu acho que favorecerão muito à discussão os artigos dos companheiros russos e um manifesto da Internacional explicando importância da bolchevização e do leninismo na fase atual do desenvolvimento dos Partidos Comunistas. Se você achar que seja melhor a intervenção da Internacional às vésperas dos Congressos Provinciais a se iniciarem na segunda metade do mês de agosto, então poderia ser útil, imediatamente, uma carta do Comitê Central do Partido Comunista Russo.

A situação do nosso jornal não piorou nestes tempos: tinha piorado antes da assembleia ampliada etalvezas notícias recebidas por você se refiram àquele tempo. Todos os jornais antifascistas tiveram de diminuir a tiragem porque o Governo e os Fascistas impedem sistematicamente a sua difusão. O jornal é apreendido, pode-se dizer, todos os dias, em uma província ou noutra; frequentemente é apreendido em todo o país. Nas fábricas se faz revista nos bolsos dos operários e os nossos leitores são espancados. Pacotes do jornal são continuamente incendiados nos centros onde o Fascismo é mais forte. Aos revendedores fazem ameaças e incendeiam as bancas ou caçam suas licenças se vendem “L’Unità”. Pode-se reagir somente multiplicando a imprensa ilegal que, porém, custa muito caro e pode dar um ano de prisão a quem a lê; já houve muitas condenações. A diminuição da tiragem do jornal se deve a esta situação reacionária, não a uma redução na popularidade do Partido; de fato, a assinatura do jornal é altíssima (260.000 liras em 24 de julho), superiorà de “Avanti!” (240.000 liras): assina o jornal uma enorme quantidade de operários; em algumas províncias onde o jornal é boicotado pelos Fascistas e chegam ilegalmente poucas dezenas de cópias, centenas e centenas de operários e agricultores o assinam; isto significa que cada exemplar circula de mão em mão e chega assim a uma massa bastante grande.

O Partido Maximalista atravessa uma crise muito grave: o nosso Comitê Central fez a esse Partido juntamente ao Partido Republicano, uma proposta de frente de batalha única sob a tese: “abaixo a Monarquia Fascista! A terra aos agricultores, o controle da produção aos operários para quebrar as costas aos agrários e aos Capitalistas que sustentam o Fascismo!”. O Partido Reformista imediatamente respondeu negativamente, o Partido Maximalista nem mesmo informou a sua massa da nossa proposta, o Partido Republicano está dividido: uma parte quer aceitar nossa proposta, outra é contrá-

ria e, no entanto, a Central do Partido procura adiar a resposta oficial<sup>1</sup>. Nós reagimos com uma ação de baixo para cima e fazendo a juventude intervir. Conseguimos obter a adesão de uma série de organizações locais também reformistas, tanto que o partido Reformista pôs em discussão a questão – Monarquia ou República – em sua organização de Milão na qual houve um conflito entre Turati (que não quer que se fale em República) e Caldara, ex-prefeito de Milão e muito popular entre os operários milaneses, o qual, ao contrário, quer uma declaração republicana da parte dos Reformistas. A nossa campanha continuará também neste terreno, paralelamente à ação sindical que se desenvolve de modo satisfatório e tirará muitos elementos, especialmente dos Maximalistas.

Cordiais saudações,

Gramsci

*A Julca, 15 de agosto de 1925*

Caríssima!

Recebi a sua carta de 7 de agosto; há cerca de um mês e meio não tinha notícias suas; sei que algumas de suas cartas chegaram, mas foram parar nas mãos da polícia, após uma revista. Porisso, muitas das coisas ditas por você são novas para mim; não sabia que Delio tinha ficado doente, nem do quê e quão grave tenha sido.

Estive e estou ainda fora de Roma; devo viajar para ter algumas reuniões e procurar continuamente não deixar rastros para a polícia; por isso não pude lhe escrever nos últimos tempos, para não complicar o trabalho dos companheiros e pelo temor de que as minhas cartas a você caíssem nas mãos da polícia.

Em sua carta de 7 de agosto muitas coisas me tocaram. Você usa a palavra “quero” junto a estas outras: “ficar perto de você”. Fiquei muito impressionado com a sua vontade: rodei muito nestes últimos tempos, vi lugares belíssimos, algumas paisagens admiráveis, tanto que os estrangeiros vêm de longe para contemplá-las. Estive em Miramar, por exemplo, mas achei

ser uma fantasia errada de Carducci; as brancas torres me pareceram chaminés que acabaram de ser pintadas a cal: o mar estava amarelo-sujo porque os operários que construíam uma estrada tinham jogado toneladas de detritos nele; o sol parecia só um pequeno aquecedor fora de estação. Mas lembrei-me de que todas essas impressões deviam estar ligadas ao fato de eu ter me tornado “apático”, como observou sua mãe, de ter perdido o gosto pela natureza e pela vida em torno a mim, pois sempre penso em você distante; desde quando a amo, não posso sentir nenhuma alegria que não esteja ligada a você e não cesse imediatamente se penso que não está junto a mim, e não pode ver aquilo que eu vejo, nem senti-lo comigo. Por isso me tocou muito asua “vontade”. Acho que a você também deve acontecer algo assim, com a diferença de que Delio e sua existência estão com você, o desenvolvimento, o seu contato com a vida em geral devem ligá-la ao mundo e fazê-la ver cada dia com um novo olhar, com a sensibilidade renovada e purificada. Para mim, Delio foi realmente uma estrela cadente de São Lourenço<sup>16</sup> e o nosso amor não foi também um pouco assim? É verdade que ele conserva ainda infinitas possibilidades, até a de nos fazer chorar, não é mesmo? A de nos causar tantas surpresas quando estivermos próximos um do outro e pudermos sentir a mesma vida juntos.

E Delio, entretanto, completou um ano e começa a falar. Mas não lhe parece estranho ver o tempo realmente dividido em anos e achar que Delio recomeça a viver pela segunda vez? Essa visão do tempo como algo sólido, que tem um fim e recomeça, parece-me estar ligada intimamente ao sentido físico da maternidade, o qual foge a mim, pois não vi fisicamente o desenvolvimento da criação de uma nova vida ligada à minha. E Delio tem agora o carrinho de passeio... Recebi a notícia de forma confusa, mas o importante é ser um carrinho. Eu achei que as famosas rodas fossem feitas de um pedaço e só soube por Tatiana que eram ainda um mito: por isso escrevi a M.<sup>17</sup> para fornecê-lo. Assim, soube que Tatiana não enviou as roupas e o resto das coisas que já há algum tempo deveriam ter chegado: tinha dado a ela o encargo de enviá-las porque eu pensava fosse mais resoluta e precisa do que eu; foi... uma decepção! Tatiana também é da

---

<sup>16</sup> A noite de São Lourenço é a noite dos apaixonados, a noite dos desejos. A estrela cadente suscita emoção e, vista no céu, pode significar a realização de um desejo expresso.

<sup>17</sup> Quase seguramente se refere a Scoccimarro, que usava, naquele período, o pseudônimo de Marco ou Morelli.

família... Schucht e a sua vontade também sofre altos e baixos. Comprou, há algum tempo, um pouco de óleo Sasso e de um macarrãozinho com glúten para Delio, mas os deixou em um armário e, para as roupas, ficou esperando que vocês mandassem as medidas. Agora mandará tudo (assim me prometeu) com medidas aproximadas.

Esperarei novas cartas suas. Vai me explicar o exato significado da palavra “quero”. Tatiana está certa de que você virá em setembro e já reservou alguns cômodos onde iremos morar. Você escreverá mesmo assim?

Abraço-a fortemente, liubjmaia, junto a Delio.

Gr.

*A Amadeo Bordiga  
18 de agosto de 1925*

Caro companheiro!

O atraso desta se deve à prisão do companheiro Terracini. Procuramos em vão a sua carta, da qual você falou ao companheiro Morelli. É possível que estivesse em posse do companheiro Terracini no momento da sua prisão.

De qualquer modo, informamos que o Comitê Executivo ratificou a decisão de não dar à imprensa a sua declaração datada de 19 de julho. As razões? São intuitivas.

Não se trata de motivos pessoais: não nos sentimos tocados, absolutamente, pelas suas fantásticas acusações formuladas contra nós. É uma razão política, o interesse geral do Partido, a nos induzir a não voltar atrás nas decisões. O documento por você redigido parece feito, propositadamente, para semear no Partido o gérmen da desagregação. Você alega ter o direito de se defender de um nosso pretense ataque com o qual teríamos prosseguido com as declarações de dissolução do Comitê de Acordo. Pedimos que releia aquela declaração: nela encontrará razões mais que suficientes para compreender a nossa resposta.

Dirigimo-nos à Comissão de Controle também para pôr fim à inacreditável e incompreensível obra de difamação da qual nos tornamos objeto nos seus escritos: a publicação da sua declaração teria frustrado este nosso intento, não por razões pessoais, mas pela consideração dos reais interesses do Partido. Isto nos teria obrigado a uma resposta ainda mais detalhada: teríamos que colocar muitos pingos nos “is”. É fácil prever a quais conclusões chegaríamos e quais consequências derivariam disto. Se se tratasse de uma defesa ou de uma retificação contida nos termos e limites de uma discussão entre militantes do mesmo partido, nenhum obstáculo surgiria na sua publicação. Mas aquela declaração vai além, muito além...

Pode-se saber, por exemplo, qual elemento de fato o autoriza a falar “daqueles que vão a Moscou por razões familiares”? Você tem consciência do significado desta observação ou da repercussão que possa haver no partido ou na massa operária? Primeiramente você sabe não existir nela o menor sinal de verdade. E então, porque recorre a estes meios?

E com que direito pretende que estes tomem lugar nos órgãos do partido? Sobre a sua ausência a Moscou, esta não é uma resposta relevante a nós, mas significativa e necessária para atacar o estado de ânimo de ceticismo no qual você se encontra e o fez julgar tão insignificante, enquanto era importantíssima, a sua participação à recente Executiva Ampliada, para subordinar o cumprimento de um preciso dever a algumas razões familiares. Tudo isto está bem longe da acusação de corrupção implícita em sua resposta, ainda que esta não fosse a sua vontade. Não percebe como assuas acusações se ligam em uma corrente idiota à campanha de difamação contra o Movimento Comunista, rotulado como uma obra de aventureiros mercenários, com o objetivo de desacreditá-lo diante das massas? E você queria que nós mesmos nos tornássemos o meio de difusão de similares e falsas lendas, tão mais graves, pelo fato de partirem das nossas próprias alas e, pior ainda, de quem foi o chefe do Partido?

Ah, mas nós somos “pequenos burgueses caídos por desgraça nas alas comunistas”, de outro modo não falaríamos de questões morais, de corrupção etc. Estas expressões não recorrem em nossos textos – você afirma – e isto, em sua opinião, deveria ser suficiente para demonstrar a sua pretensa ortodoxia marxista. Mas nos seus textos se fala de falsidade, de deslealdade, de engano do partido, de especulação etc... Acha mesmo que mu-

dando as palavras, mude também a substância das coisas? E, além disso, seríamos nós a levar as divergências políticas para o terreno pessoal para envenená-las: é preciso audácia para afirmar isto.

A propósito de moralidade, devemos fazê-lo observar que, não nos importa a moral burguesa e todos os seus preconceitos, para nós existe uma Moral Comunista, uma ética de partido as quais um Comunista não pode e nem deve desprezar.

E, ademais, o que importa se em seus textos não se adotam as palavras “corrupção, imoralidade” etc., quando seus escritos significam exatamente isto e autorizam os leitores a interpretações ainda mais extensas? Nós poderíamos, também, não dar importância aos seus textos, se aquelas expressões e acusações não fossem encontradas na linguagem de seus seguidores. Você não pode se furtar a esta responsabilidade: um chefe é responsável também pela interpretação que os seus seguidores dão aos seus atos e palavras. No caso específico, esta seria facilmente previsível.

Sobre o resto da sua declaração, limitamo-nos a simples observações:

1. à lista das datas dos vários documentos enviados como prova da nossa lealdade, nós poderíamos demonstrar que a realidade é bem diferente e, a data do documento, nas condições em que somos obrigados a trabalhar, não demonstra, nem justifica nada, exatamente. Para fazer isto, deveríamos indicar elementos da nossa organização que devem permanecer absolutamente preservados;
2. a nossa resposta à declaração de dissolução do Comitê de Acordo demonstra que a iniciativa de envenenamento do dissídio partiu de nós. É necessária ousadia para escrever isto. O modo como foi acolhida a declaração de dissolução é determinado pelo modo como ela foi formulada. Poder-se-ia então atentar a documentos precedentes assinados por você os quais podem dar uma resposta a esta questão;
3. Nós teríamos apoiado a campanha com base em insinuações pessoais. Deveríamos responder, fazendo-o observar que renunciamos a discutir nomes e pessoas, dentre os quais alguns figuram também como membros do Comitê de Acordo e sobre quem temos muitas e muitas reservas. Reservas e exceções tão necessárias enquanto estes se encontravam no papel de chefes da oposição. Oportuna-

mente, teríamos discutido internamente de acordo com os interesses do Partido. Tudo isto não diz respeito a você pessoalmente. Nada de insinuações: não nos servimos nem de dados reais;

4. Nós teríamos “deslealmente organizado a enganação do Partido”. Poderíamos demonstrar exatamente o contrário, citando dados de fato, os quais é melhor permanecerem sepultados para sempre. Em sua opinião, o Comitê Central agiu deslealmente; como se chama a conduta daqueles que por cerca de dois meses trabalham secretamente no Partido, desfrutando os postos de confiança a eles dados, para organizar uma divisão? Levando ao engano os órgãos dirigentes sobre as suas atividades? Isto, para você, se chama lealdade?

E como devemos definir a conduta de, não poucos, dentre os seus seguidores que vão difundindo mentiras no Partido, sabendo de fazê-lo? De todos os outros, que falam à direita e à esquerda, dos altos salários, do engajamento de centenas de funcionários cujas opiniões políticas são compradas por quireras, da venalidade e da ganância dos funcionários, da ambição e do carreirismo dos dirigentes? Aconteceram no Partido alguns fatos gravíssimos. E você queria que continuássemos a publicar os seus escritos dos quais os companheiros tiram de boa fé as razões das suas acusações idiotas?

Devemos dizer, muito francamente, que esses seus documentos superaram o limite de tudo o que é possível tolerar. Quem leu os últimos documentos provenientes do Comitê de Acordo não pode tirar outra conclusão além desta: no comando do Partido Comunista há um grupo de aventureiros sem escrúpulos, corruptos e corruptores, charlatães de feira, palhaços capazes de todas as contorções, ambiciosos e carreiristas etc.

Você pode dizer que as mesmas conclusões podem ser tiradas dos documentos do Comitê Central por conta de vocês?

É necessário sair desse pântano no qual vocês mergulharam de cabeça e retornar à discussão política.

Dar publicidade ao seu documento verdadeiramente ignóbil, significa comprometer a mesma discussão em curso, sendo que ao invés disso, é necessário apressá-la para se chegar mais rápido ao Congresso.

Com a ratificação da sua própria decisão, o Comitê Executivo considera liquidada a questão.

Saudações comunistas

*A Julca  
Roma, 3 de setembro de 1925*

Caríssima Julca!

Recebi uma sua carta de 7 de agosto e depois mais nada: esperei intensamente que você me esclarecesse alguns sinais fugazes e me desse notícias sobre a doença de Delio. Fiquei muito tempo longe de Roma e partirei de novo esta noite, depois de poucos dias de estada. Os amigos de lá de cima, assim que fui encontrá-los, me perguntaram se você já tinha chegado em Roma: à minha admiração responderam que, segundo as notícias recebidas, há algum tempo você deveria vir a Roma para trabalhar. Não sei como julgar esta notícia, na falta de qualquer sinal seu com relação a isto, falei a T (Tatiana) pessoalmente e a pobrezinha não dormiu de tão comovida. Ela está certa que você virá de qualquer modo e a espera ansiosamente.

Eu continuo um pouco apático. Fiquei uma semana na montanha para dar um curso a um grupo de jovens Comunistas. Diverti-me um pouco: joguei pedras em todas as direções, batendo todos na competição de tiro à distância, com grande admiração dos jovens, os quais não podiam acreditar em uma simples habilidade de um... deputado, que acreditavam devesse ser sério. Salvei-me do descrédito “revelando” que eu tinha feito um curso especial de lançamento de pedras para a guerra civil, para ser capaz de lançar granadas. Descobri, ademais, que em nossas montanhas existem, em enorme quantidade, os mesmos pequenos cravos selvagens de Serebryany Bor e colhi alguns maços. Mas depois tomei um chuveiro, molhei-me até os ossos e tive uma infecção nos dentes, ficando com a face inchada por dez dias. Assim, descobri estar envelhecendo, sendo demolido pelos achaques, e você está longe, e talvez o continue enquanto eu me aproximo da decrepitude.

Queria mandar-lhe com esta carta a minha contribuição para as férias de Delio, segundo o acordo pacífico feito em Moscou. Não pude retirar o dinheiro e devo adiar forçosamente até a próxima vez. Espero uma carta sua, muito longa, com belíssimas notícias que me façam esquecer que envelheço. Quero muitas notícias de Delio, sobre os seus progressos, sobre a sua vida geral.

Abraço-a fortemente, querida, para sentir-me feliz contigo.

Gr.

*A Emilio Lusso  
Roma, 12 de Julho de 1926*

Caro Lusso!

Envio o questionário. Responda conforme te pareça mais oportuno e, se achar politicamente necessário, acrescente, modifique ou suprima qualquer uma das questões.

Saudações!

Antonio Gramsci

1. A política econômica fascista, representada por Paolo Pili, teve quais reais êxitos na Sardenha? O Fascismo e o governo conseguiram obter algum consenso pelo menos por uma parte dos camponeses e dos pastores sardos? E se não conquistou um consenso ativo, determinou uma forma qualquer de expectativa passiva que possa objetivamente ser uma justificativa favorável ao fascismo e ao governo?
2. Como os velhos grupos de especuladores e comerciantes clandestinos, sejam sardos ou continentais, reagem contra as atividades de Pili?
3. Qual é o movimento do partido sardo frente a este momento político, dado que Pili tende a realizar algumas reclamações do programa tradicional do sardismo?
4. A política de Pili provocou nas linhas sardas um *direcionamento* a esquerda, para procurar uma melhora na difusão do fascismo?

5. A política de compressão, exercida pelo regime fascista, que levou à supressão do regime representativo em 90 por cento dos municípios sardos, tornou objetivamente mais agudo o problema do regionalismo, e pôs a questão da autonomia sobre um campo mais radical de reivindicações a nível nacional?
6. Posto que a experiência do pós-guerra tenha demonstrado a impossibilidade do problema regional sardo ser resolvido somente pelas massas populares da Sardegna, se essas massas não se aliam a determinadas forças sociais e políticas do continente italiano, a quais forças sociais e políticas o partido sardo acredita ser necessário aliar-se?
7. Posto que a questão regional sarda está indissociavelmente ligada ao regime capitalista burguês que necessita, para se sustentar, não somente de se aproveitar da classe operária através do trabalho assalariado, mas também de fazer as massas do *Mezzogiorno* e das ilhas pagarem fatias alfandegárias e fiscais, e posto que a coalizão dos partidos democráticos de esquerda e social democratas não podem ter em seus programas a expropriação da burguesia industrial e dos grandes proprietários de terra, não parece claro ao partido sardo de ação que o único aliado continental de sua população trabalhadora pode ser o bloco revolucionário continental e camponês, sustentado pela Internacional dos camponeses?
8. Quais são as opiniões difundidas entre os sardos a respeito do programa da Internacional dos camponeses?
9. Por que o diretório do partido sardo de ação não respondeu, mesmo internamente, ao manifesto transmitido ao congresso de Macomer de 1925 pela Internacional dos camponeses?
10. Qual é a opinião média dos camponeses e pastores sardos sobre a revolução operária e camponesa que se firmou vitoriosamente na Rússia? Existe uma corrente popular que considera a Revolução Russa como vitória política dos camponeses de todo o mundo e, conseqüentemente, também dos agricultores sardos mais avançados?

Antonio Gramsci

*A Giulia Schucht  
Roma, 19 de agosto de 1926*

Caríssima!

Voltei para casa há quatro dias; somente ontem pude ver T[atiana], que me deu notícias sobre a tua viagem e a tua chegada.<sup>18</sup> Não recebi nada; se escreveu, as tuas cartas se perderam. Vou partir esta noite e desta vez espero poder ver o menino sem inconvenientes<sup>19</sup>; isso foi impossível na semana passada.

Querida, ainda não posso me convencer de que você não esteja mais perto de mim. A cada noite sinto-me um pouco perdido, não consigo me sentir sozinho novamente. E depois, penso em tantas coisas que não conseguiria me expressar, porque talvez tampouco seja possível expressar-me em palavras: seria necessário estar perto de ti e poder te fazer sentir imediatamente toda a minha ternura.

Escreva-me demoradamente. Um abraço apertado.

Gr.

*A Giulia Schucht  
Roma, 15 de setembro de 1926*

Querida!

Recebi tua carta de 29 de agosto. Não recebi mais notícias depois disso, nem mesmo indiretamente; espero com muita paciência, mas também com um pouco de angústia.

Fui a Trafoi no fim de agosto: fiquei lá por cinco ou seis dias, todo o tempo que tinha disponível. Tive a impressão de Delka estar muito melhor

---

<sup>18</sup> Referência ao segundo filho Giuliano, nascido em 30 de agosto de 1926. Em outubro de 1925, após um período na Itália, Giulia retornou a Moscou, junto com Delio e sua irmã Eugenia.

<sup>19</sup> Delio, Tatiana e Eugenia ficaram em Trafoi, próximo a Bolzano. Em julho, para um período de férias, foi transferido à Roma, junto com a mãe.

que em Roma: pareceu-me que se firmou e se fortaleceu. Também se desenvolveu intelectualmente: teve contato com o mundo exterior, conheceu uma infinidade de coisas novas. Acho que o período em Trafoi, com o magnífico cenário de montanhas e geleiras, deixará em sua memória traços muito profundos. Brincamos. Construí alguns jogos e brincadeiras: acendemos uma fogueira no campo; não tinham lagartos e por isso não pude ensinar-lhe a capturá-las. Acho que agora começa para ele uma fase muito importante, a que deixa as recordações mais tenazes, porque durante o seu desenvolvimento, se conquista o mundo grande e terrível. Por isso estou um pouco melancólico; você está distante e Delka está distante. Continuo um pouco desatento. Espero notícias que me liguem ainda mais a ti e a Delka. Gostaria de te sentir perto de mim, de te abraçar tanto. Você deve sentir-me perto e sentir a minha mão que te acaricia.

Um abraço, querida!

Antonio

T[atiana] comunicou-me o telegrama que anunciou a chegada de Delka e o nascimento do novo filho. Estou muito perturbado, querida, e não consigo exprimir-te todos os meus sentimentos. Com T fizemos muitos esforços para interpretar o telegrama, cujo significado poderia ser que nasceram duas crianças; esta possibilidade me perturbou de pronto, porque penso no teu sofrimento e no cansaço que isso poderia impor-te. Mas você seria forte, não é verdade? Sabe que não consigo recompensar-me de jeito nenhum? Te quero tanto: este é o único fio condutor que me sustenta e me orienta. Gostaria de te dizer tanta coisa, porém não estão ainda muito claras para mim. Escreverei mais na próxima vez, pois preciso pensar melhor.

Abraço-te forte forte.

Antonio

*A Alfonso Leonetti  
Roma, 18 de setembro de 1926*

O modo como foi publicado o artigo de fundo de sexta-feira é indecente, indigno. O artigo de fundo do nosso jornal deve ser uma coisa séria, muito séria, não apenas para os leitores, mas também para a redação. Por isso,

não é desperdício de tempo e esforços se um redator é encarregado pela permanente revisão, para que os editoriais, de maneira geral, apareçam corretos e precisos, gramaticalmente e literariamente. No caso em questão se trata de pouco escrúpulo profissional e de irresponsabilidade política, o que torna irrefutável o título do artigo do “Mondo” ser incompreensível e cretino. O artigo do “Mondo” que o texto citou, estava à disposição dos redatores e um controle podia ter sido feito.

É inconcebível que os redatores do “Unità” estejam propensos a tornar óbvio que os colaboradores do jornal sejam uns completos idiotas, capazes de preencher seus escritos com despropósitos e as mais gritantes banalidades. Entende-se que assim os colaboradores diminuam: nenhum homem sério se presta, por vontade própria, a se meter na berlinda de modo tão nojento. Para o artigo de sexta-feira seria melhor ter jogado o original no lixo, se nenhum redator tinha a capacidade de corrigir as bobagens. Assim, foi absurdo mudar o título simples, porém adequado ao texto, para um título bombástico, que foi idealizado e que não correspondia ao conteúdo. Isto não é jornalismo revolucionário: é irresponsabilidade, aventureirismo de ciganos da política. Quero que a errata seja publicada na primeira página.

Antonio

*A Giulia Schucht  
Roma, 30 de setembro de 1926*

Querida Julia!

Tive notícias tuas pela Tatiana. Poucas notícias, na verdade, que apenas medeixaram com mais necessidade de ler alguma coisa escrita por ti, as tuas impressões, os teus sentimentos. Devo continuar esperando; entendo que para você deve ser difícil transmitir as cartas e terei paciência.

Abraços fortes a você e às crianças.  
Gram.

P.S.: Envio também uma pequena quantia, que deve ser muito necessária. Gostaria de poder te enviar periodicamente e continuamente e acredito

que vou conseguir, pois me firmei a este propósito. Escreverei mais quando receber uma carta tua.

*A Giulia Schucht  
Roma 7 de outubro de 1926*

Minha querida Julca!

Recebi sua carta de 13 de setembro. Acho que você riu muito com a minha última carta. Estou muito feliz e te amo tanto. aguardo ansiosamente por notícias do encontro de Delio com o irmãozinho e das tuas impressões. Não me escreveu qual nome decidiu escolher para o pequenino: acho que tenha sido Giuliano, como você tinha pensado. Queria te escrever uma carta muito maior, muito mais séria, como um pai que sabe das suas responsabilidades: estive muito ocupado e escrevo de última hora; adio ainda mais uma semana. Quero apenas te repetir que és a minha querida, que te sinto sempre perto de mim e que gostaria de te abraçar com nossos meninos.

Antonio

*A Giulia Schucht  
Roma, 14 de outubro de 1926*

Minha querida Julca!

Não recebi mais notícias suas desde 14 de setembro, há exato um mês. Por esta razão estou um pouco preocupado e triste. Nesses últimos tempos consegui trabalhar muito mais do que conseguia no passado. Escrevo novamente com certa intensidade para o nosso jornal, superando uma certa forma de afasia mental que me dominou por um tempo: parecia que eu não era mais capaz de escrever alguma coisa interessante e literariamente aceitável, e esse sentimento estava mesmo ficando mórbido. Tentei superar de todo jeito, me convencendo de que preciso esperar um pouco mais antes

de ser novamente o padrão dos meus meios. O constante e torturante pensamento em você e em nossos dois meninos contribui muito para minha recuperação. Saiba que em alguns momentos sou realmente esmagado pela preocupação: se penso que até agora estive a teu encargo todo o peso de duas crianças, além das outras responsabilidades que você tem, sinto-me humilhado e melancólico. Parece-me que, apesar de tudo, não amo o suficiente nem você e nem os nossos filhos, uma vez que não consigo mudar essas condições das coisas de um modo estável e permanente. Vingo-me como posso dessas ideias negras, injuriando atrozmente os nossos inimigos, que nos jornais nos apresentam como uns milionários mergulhados no ouro. Mas não quero mais te falar dessas coisas, porque não deve imaginar que eu seja sempre um poço de mau agouro. Ao contrário, estou bastante bem. Quero te falar de uma coisa séria e alegre ao mesmo tempo: por exemplo, sobre o concurso do “Piccolo” sobre as mulheres felizes, que com certeza você se lembrará. A frase premiada foi mais ou menos assim: “É feliz a mulher que se casou com o homem com quem trairia de bom grado o marido”. O jornal considerou que uma resposta assim é a quintessência de profundidade na esfera da psicologia feminina. Eu também acho que a resposta tenha certo significado psicológico e histórico por caracterizar os costumes e os modos de pensar de uma certa classe em uma determinada época. Seria necessário encaminhar a algum especialista em questões eróticas (a Koll, por exemplo) para que nos escreva um volume de atualidade palpitante. Consegui te fazer sorrir? Então eu quero te abraçar bem apertado enquanto sorrimos, junto com os nossos dois filhos (agora podemos dizer com muita austeridade, os dois filhos!).

Ant.

P.S.: Peço que comunique a Ercoli o recado em anexo, que de outra forma demoraria uma semana.

Recebo neste momento as tuas cartas de 26 de setembro e de 3 de outubro. Te amo muito! Um abraço!

A.

*A Palmiro Togliatti  
Roma, 14 de outubro de 1926*

Caríssimo!

Envio o documento do qual falei em outra carta. Faça uma cópia e o traduza, adicionando, se desejar, os nossos nomes, que em todo caso, não deveriam ser publicados. Pode revisar o texto, para alterar algum detalhe ou fazer alguma correção, data a pressa com que foi feito. Os termos essenciais devem, porém, serem mantidos íntegros. Uma vez que nós queremos ajudar a maioria no comitê central, pode ficar de acordo com os maiores responsáveis por estas alterações. Envie logo a cópia do texto definitivo. A nossa impressão é um tanto quanto pessimista; por isso tínhamos acreditado que a carta fazia-se necessária.

Aguardo o texto corrigido e revisado das cartas de Antonio Labriola, com os prefácios de Rjazanov. Serve para o primeiro número do “Ordine Nuovo”. É necessário apressa-se. Espero enviar em breve os artigos para a Internacional

Comunista.  
Saudações a todos!  
Antonio

*A Comissão Central do Partido Comunista da URSS  
Roma, 14 de outubro de 1926*

Caros companheiros!

Os comunistas e todos os trabalhadores conscientes do nosso país sempre seguiram com a mesma atenção as vossas discussões. Às vésperas de cada congresso e conferência do partido comunista russo, nós estávamos certos que, não obstante a aspereza das polêmicas, a unidade do partido russo não era um perigo; estávamos certos também que, tendo reunido uma maior homogeneidade ideológica e organizativa através de tais discussões, o partido estaria mais bem preparado para atravessar as múltiplas dificuldades ligadas ao exercício do poder em um Estado operário. Hoje, às vésperas da XV-

conferência não temos mais a confiança que tínhamos no passado; sentimo-nos irresistivelmente angustiados; parece-nos que a atual postura do bloco de oposição e as polêmicas no partido comunista da URSS exigem a intervenção dos partidos irmãos. É a partir desta convicção que nós nos movemos a fazer esta carta. Pode ser que o isolamento no qual o nosso partido é forçado a viver nos induza a exagerar sobre os perigos que se referem à situação interna do partido comunista soviético; em todo caso, certamente não são exagerados os nossos julgamentos sobre as repercussões internacionais desta situação e nós queremos, como internacionalistas, cumprir o nosso dever.

A situação atual do irmão soviético do nosso partido nos parece diferente e muito mais grave que nas discussões anteriores, porque hoje verifica-se e aprofunda-se uma cisão no grupo central leninista, que sempre foi o núcleo dirigente do partido e da Internacional. Uma cisão desse tipo, independentemente dos resultados numéricos das votações do congresso, pode ter as mais graves repercussões, não apenas se a minoria opositora não aceita com a máxima lealdade os princípios fundamentais da disciplina revolucionária do partido, mas também se esta, ao conduzir a sua polêmica e a sua luta, ultrapassa certos limites que são superiores a todas as democracias formais.

Um dos mais preciosos ensinamentos de Lenin foi que devemos estudar muito os valores das nossas classes inimigas. Se bem que, caros companheiros, é certo que os jornais e os mais fortes homens de Estado da burguesia internacional apontem sobre o caráter orgânico do conflito existente no núcleo fundamental do partido comunista da URSS, e também sobre a cisão do nosso partido irmão e se convençam de que isso leve à desagregação e à lenta agonia da ditadura proletária; que isso determine a catástrofe da revolução que não conseguirão determinar as invasões e as insurreições das guardas brancas. A mesma fria circunspeção com a qual hoje a imprensa burguesa procura analisar os eventos russos, o fato que esta procura evitar, por enquanto lhe é consentido, ademagogia violenta que lhe era mais própria no passado, são sintomas que devem fazer os companheiros russos refletirem e se tornarem mais consciente das suas responsabilidades. Ainda por outra razão a burguesia internacional aponta sobre a possível cisão ou sobre o agravamento da crise interna do partido comunista da URSS. O Estado operário existe na Rússia há cerca de nove anos. É

certo que uma pequena minoria não apenas das classes trabalhadoras, mas dos mesmos partidos comunistas dos outros países é capaz de reconstruir no seu complexo todo o desenvolvimento da revolução e de encontrar também nos detalhes dos quais se compõem a vida cotidiana do Estado Soviético a continuidade do “filo” russo que leva até à perspectiva geral da construção do socialismo. E isso não apenas nos países onde a liberdade de reunião não existe mais e a liberdade de imprensa é completamente suprimida ou é submetida a limitações desconhecidas, como na Itália (onde os tribunais sequestraram e proibiram a publicação dos livros de Trocki, Lenin, Stalin, Zinov’ev e, mais recentemente, até do Manifesto Comunista), mas também nas regiões onde ainda os nossos partidos têm a possibilidade de fornecer aos seus membros e às massas em geral uma suficiente documentação. Nesses locais, as grandes massas não podem compreender as discussões que ocorrem no partido comunista soviético, especialmente se estas são assim violentas como as atuais e investem não um aspecto de detalhe, mas todo o complexo da linha política do partido. Não somente as massas trabalhadoras em geral, mas as mesmas massas dos nossos partidos veem e querem ver na república dos Sovietes e no partido que os governa, uma só unidade de luta que trabalha na perspectiva geral do socialismo. Somente quando as massas ocidentais europeias virem a Rússia e o partido russo deste ponto de vista, elas aceitarão de boa vontade e como um fato historicamente necessário que o partido comunista da URSS seja o partido dirigente da Internacional, somente porque hoje a república dos Sovietes e o partido comunista da URSS são um formidável elemento de organização e de propulsão revolucionária.

Os partidos burgueses e social-democráticos, por essa mesma razão, desfrutam das polêmicas internas e dos conflitos existentes no partido comunista da URSS. Eles desejam lutar contra a influência da Revolução Russa, contra a unidade revolucionária que em todo o mundo está se constituindo ao redor do partido comunista da União Soviética. Caros companheiros, é extremamente significativo que em um país como a Itália, onde a organização estatal fascista consegue sufocar cada notável manifestação de vida autônoma das grandes massas operárias e camponesas, os jornais fascistas, especialmente os das províncias, estejam cheios de artigos tecnicamente bem construídos para a campanha, com um mínimo de demagogia e de atitudes abusivas, nas quais se procura demonstrar, com um esforço evidente de objetividade, que agora, com as mesmas afirmações

dos líderes mais notáveis do bloco da oposição do partido comunista da URSS, o Estado Soviético vai, com certeza, se transformando num puro Estado capitalista, e que portanto no duelo mundial entre fascismo e bolchevismo, o fascismo prevalecerá. Esta campanha demonstra o quanto ainda é impossível mensurar a simpatia que a República dos Sovietes tem em meio à grande massa do povo italiano que, em algumas regiões, há seis anos não recebe nenhuma literatura ilegal do partido. Demonstra, ao contrário, como o fascismo, que conhece muito bem a real situação interna italiana e melhorou o tratamento com as massas, procura utilizar as atitudes políticas do bloco de oposição para romper definitivamente a aversão dos trabalhadores ao governo de Mussolini e para causar a impressão de que o fascismo seja uma inegável necessidade histórica, não obstante a crueldade e os males que o acompanham.

Nós acreditamos que no cenário da Internacional, o nosso partido seja o mais afetado pelas repercussões da grave situação existente no partido comunista da URSS. E não apenas pelas razões já expostas que, por assim dizer, são *externas*, tocam as condições gerais do desenvolvimento revolucionário do nosso país. Vocês sabem que todos os partidos da Internacional herdaram da velha social democracia e das diversas tradições nacionais existentes nos países (anarquismo, sindicalismo etc., etc.) uma massa de preconceitos e de motivações ideológicas que representam a fogueira de todos os desvios de direita e de esquerda. Nestes últimos anos, mas especialmente após o V congresso mundial, os nossos partidos foram atingindo, através de dolorosas experiências e de crises exaustivas, uma segura estabilização leninista, transformando-se em verdadeiros partidos bolchevistas. Novos cenários proletários vêm formando-se da base, das oficinas; os elementos intelectuais eram submetidos a uma rigorosa seleção com testes rígidos e implacáveis baseados no trabalho prático, no campo de ação. Esta reelaboração ocorreu sob a orientação do partido comunista da URSS, no seu complexo unitário e de todos os seus grandes chefes. Bem, afora da atual crise e a eminente cisão latente que ela traz, interrompe o processo de desenvolvimento e de elaboração dos nossos partidos, cristaliza os desvios de direita e esquerda, atrasa mais uma vez o sucesso da unidade orgânica do partido mundial dos trabalhadores. É sobre este elemento em especial que nós acreditamos ser o nosso dever chamar a atenção dos principais companheiros responsáveis do partido comunista da URSS.

Companheiros, vocês têm sido, nestes nove anos de história mundial, o elemento organizador e propulsor das forças revolucionárias de todos os países: a função que vocês desenvolveram não tem precedentes em toda a história da humanidade, que se iguala em amplitude e profundidade. Mas vocês estão hoje destruindo a própria obra, degradam e corrompem o risco de anular a função gestora que o partido comunista da URSS conquistou com o impulso de Lenin: parece que a paixão violenta das questões russas fizeram vocês perderem de vista os aspectos internacionais que elas têm; fizeram vocês esquecerem que os deveres de militantes russos podem e devem ser desempenhados somente no quadro dos interesses do proletariado internacional.

O comitê político do partido comunista da Itália estudou com a maior diligência e atenção que lhe foi consentido todos os problemas que hoje são discutidos no partido comunista da URSS. As questões que hoje cabem a vocês, amanhã podem caber ao nosso partido. No nosso país as massas rurais também são a maioria da população trabalhadora. Além disso, todos os problemas inerentes à hegemonia do proletariado se apresentam a nós, certamente, de uma forma mais complexa e aguda que na própria Rússia, porque a densidade da população rural na Itália é muito maior, porque os nossos camponeses têm uma riquíssima tradição organizativa e sempre conseguiram demonstrar de maneira muito clara o seu peso específico enquanto massa na vida política nacional. Pois na Itália o aparato organizativo eclesiástico tem tradição de dois mil anos, e se especializou na propaganda e na organização dos camponeses de um modo sem igual em nenhum outro país. Se é verdade que a nossa indústria é mais desenvolvida e o proletariado tem uma base concreta notável, é também verdade que esta indústria não possui matérias-primas no país e é, portanto, mais exposta às crises; sendo assim, o proletariado poderá desenvolver a sua função dirigente somente se for muito rico em espírito de sacrifício e se livrar-se completamente de cada resíduo do corporativismo reformista e sindicalista. Deste ponto de vista realista e (que nós acreditamos ser) leninista, o comitê do partido comunista da Itália estudou as vossas discussões. Nós, até o momento, expressamos opiniões partidárias somente sobre questões estritamente disciplinares das frações do partido, valendo-nos do pedido que nos foi feito por vós após o XIV Congresso, de não levar a discussão russa às seções da Internacional. Consideramos fundamentalmente justa

a linha política da maioria da comissão central do partido comunista da URSS e que nesse sentido certamente se pronunciará a maioria do partido italiano, se for necessário levantar esta questão. Não queremos e consideramos inútil tamanha agitação, da campanha tanto com vocês como com os companheiros do bloco de oposição. Não nos alongaremos em todas as questões particulares deixando nosso apreço de lado. Repetimos que nos impressiona a atitude do bloco de oposição, de atacar toda a linha política da comissão central, tocando o próprio coração da doutrina leninista e da ação política do nosso partido da União. São o princípio e a prática da hegemonia do proletariado que estão sendo postos em discussão, são os acordos fundamentais de alianças entre operários e camponeses que estão colocadas em perigo, isto é, os pilares do Estado operário e da revolução. Companheiros, jamais foi visto na história que uma classe dominante, em sua completude, estivesse em condições de vida inferiores a determinados elementos e camadas das classes dominadas. Esta contradição inédita a história reservou ao proletariado; esta contradição reside os maiores perigos para a ditadura do proletariado, especialmente nos países onde o capitalismo não tinha um grande desenvolvimento e não tinham conseguido unificar as forças produtivas. É dessa contradição que, aliás, já está presente em alguns aspectos nos países capitalistas onde o proletariado atingiu uma função social elevada, que nascem o reformismo e o sindicalismo, que nasce o espírito corporativo e as estratificações da aristocracia operária. No entanto, o operariado não pode se tornar classe dominante se não supera, com sacrifício dos interesses corporativos, esta contradição. Não podem manter sua hegemonia e sua ditadura se não sacrificam esses interesses imediatos pelos interesses gerais e permanentes da classe. Certamente é fácil fazer demagogia nesta área, é fácil insistir sobre os lados negativos da contradição: “Seja você o dominador, o operário mal vestido e mal nutrido, ou é dominador o *nepman* folheado e que tem à sua disposição todos os bens da terra?” Assim os reformistas depois de uma greve revolucionária que aumentou a coesão e a disciplina das massas, mas com sua longa duração empobreceu ainda mais os operários, dizem: “Para quê tenho lutado? Vocês me empobreceram e me arruinaram!” É fácil fazer demagogia nessa área e é difícil não fazer quando a questão é posta nos termos do espírito corporativo e não nos do leninismo, da doutrina da hegemonia do proletariado, que historicamente se encontra numa determinada posição e não em outra.

Para nós este é o elemento essencial das suas discussões. Neste elemento está a raiz dos erros do bloco oposicionista e a origem dos perigos latentes contidos em suas atividades. Na ideologia e na prática do bloco de oposição renasce toda a tradição da socialdemocracia e do sindicalismo, que têm impedido o proletariado acidental de se organizar em classe dirigente.

Somente uma unidade e uma disciplina muito coesa no partido que governa o Estado operário pode assegurar a hegemonia proletária em um regime de Nova política econômica, isto é, em pleno desenvolvimento da contradição que descrevemos. Mas a unidade e disciplina neste caso não podem ser automáticas e impulsivas; devem ser leais e de convicção, e não as de um departamento inimigo que pensam sempre na evasão e partida a qualquer momento.

Isto, caríssimos companheiros, quisemos vos dizer com espírito fraterno e amigo, ainda que de um irmão menor. Os companheiros Zinov'ev, Trockij, Kamenev contribuíram muito em nos educar para a revolução, às vezes nos corrigiram de modo enérgico e severo, estiveram entre os nossos mestres. Especialmente a eles nos referimos como os maiores responsáveis pela atual situação, pois queremos nos assegurar que a maioria da comissão central do partido comunista da URSS não pretenda ganhar esta luta e esteja disposta a evitar as medidas excessivas. A unidade do nosso partido irmão ao Russo é necessária ao desenvolvimento e ao triunfo das forças revolucionárias mundiais. A tal necessidade, cada comunista e internacionalista deve estar disposto a fazer os maiores sacrifícios. Os erros cometidos por um partido unido são facilmente superados; os danos de uma cisão ou de uma longa condição de cisão latente podem ser irreparáveis e mortais.

Saudações comunistas!  
Comitê político do PCI

*A Giuseppina Marcias  
Roma, 15 de outubro de 1926*

Querida mamãe!

Há alguns meses não recebo notícias suas. Carlo não me escreve desde que o adverti de que não podia lhe enviar os bilhetes, pois todos me foram tomados. Gostaria de ter notícias de todos. Tepeço que me escreva duas linhas.

Estou bem. Estou mandando algumas fotografias de Delio na praça San Marco, em Veneza, rodeado por pombas. Estava acompanhado por uma tia. Faz um mês que retornou à sua terra natal. Envio uma linda fotografia dele, tenho apenas uma cópia, que mostra que se trata realmente de um bellissimo menino.

Abraços a todos!

Nino

*A Giulia Schucht  
Roma, 20 de outubro de 1926*

Como eu escrevi às pressas na parte inferior da minha carta anterior, recebi da última vez dois de seus escritos, de 26 de setembro e de 03 de outubro; esta semana, no entanto, não recebi nada.

Estou convencido de que a minha carta de 15 de setembro tenha lhe causado uma impressão um pouco de esquisita. Para dizer a verdade, a culpa de tudo é T[atiana] (veja como sou sempre cavalheiro!), que interpretou o telegrama e, antes que eu próprio o lesse, me transmitiu a sua própria impressão. Sustentei a hipótese de que o telegrama era muito simples, enquanto psicologicamente, era natural que o avô visse os dois netos juntos, mesmo depois de falar antes de Délka: T[atiana] em vez disso, se referiu a impressões tuas de quando você ainda estava em Roma, dos seus sofrimentos particulares, que eu não tinha conhecimento. Isso me perturbou muito porque me deu uma impressão vívida de sua condição física. Agora estou tranquilo e sereno, tanto que parece muito provável o nosso próximo encontro.

Eu penso em tudo o que você tem feito para o pequeno. O nome eu já o conhecia e já tinha comunicado à T[atiana] pois já tínhamos falado a respeito (tinha esquecido?). Para todo o resto nós vamos agir conforme o melhor, tendo em conta que temos que deixar nosso trabalho ou deixar todar as possibilidades abertas para o nosso futuro. Não sei se recebeu o nosso jornal. Continuo trabalhando com muita espontaneidade: estou finalizando um trabalho que talvez se torne muito interessante e útil.

Te abraço apertado com os dois pequeninos.

Antonio<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Incluir à carta quarenta dólares. Só para você saber.

*A Palmiro Togliatti  
Roma, 26 de outubro de 1926*

Caríssimo Ercoli!

Recebi a sua carta do dia 18. Respondo em caráter pessoal, contudo estou convencido de que também exprimo a opinião dos outros companheiros.

A sua carta me pareceu muito abstrata e o seu modo de raciocinar, muito esquemático. Partimos do ponto de vista, que me parece exato, que em nosso país não existem apenas os partidos, como organizações técnicas, mas existem também as grandes massas trabalhadoras, politicamente e contraditoriamente estratificadas, mas em uma complexa tendência à unidade. Um dos elementos mais enérgicos desse processo unitário é a existência da URSS associada à atividade real do Partido Comunista e à crença generalizada de que a URSS caminha na via do socialismo. Enquanto os nossos partidos representam todo o complexo ativo da URSS, esta tem uma determinada influência sobre todas as camadas políticas da grande massa, representando a tendência unitária, movendo-se sobre uma base histórica fundamentalmente favorável, apesar de as estruturas serem contraditórias.

Mas não precisa acreditar que este elemento que faz do partido comunista da URSS o mais poderoso agente organizador de massas que já houve na história, seja aceito de forma estável e decisiva: longe disso. É instável. Assim, não é necessário esquecer que a Revolução Russa já tem nove anos de existência e que a sua atividade atual é um conjunto de ações parciais e de atos de governo que somente uma consciência teórica e política muito desenvolvida pode compreender a totalidade de seu movimento conjunto em direção ao socialismo. Não apenas pelas grandes massas trabalhadoras, mas também por uma notável parte dos escritos aos partidos ocidentais, que se diferenciam das massas só por este passo, radical e iniciante, em direção a uma consciência desenvolvida que é a entrada no partido, o movimento como um todo da revolução russa representou concretamente pelo fato que o partido russo se move unitariamente, que conjuntamente operam e se movem os homens que as nossas massas conhecem e estão habituadas a conhecer. A questão da unidade, não somente do partido russo mas também do núcleo leninista, é uma questão da máxima importân-

cia no campo internacional: é, *do ponto de vista das massas*, a questão mais importante deste período histórico de intenso processo contraditório em direção à unidade.

É possível e provável que tal unidade não possa ser mantida. Ao menos não da mesma forma que foi no passado. Todavia também é certo que o mundo não entrará em colapso e que temos que fazer de tudo para preparar os companheiros e as massas para a nova situação. Isso não nos exime do dever absoluto de chamar os companheiros russos à consciência política, e chamá-los energicamente; sobre os perigos e os pontos fracos que as suas atitudes estão para determinar. Seríamos revolucionários lamentáveis e irresponsáveis se deixarmos passivamente os fatos consumarem-se, justificando a necessidade.

Que o cumprimento de tal dever da nossa parte possa, em modo subordinado, renovar também a oposição, que deve se preocupar até certo ponto. De fato, é nosso papel contribuir para a manutenção e a criação de um plano unitário no qual as diversas tendências e personalidades ainda possam reaproximar-se e fundir-se ideologicamente. Mas eu não acredito que a nossa carta, a qual evidentemente deve ser lida em sua totalidade e não em trechos destacados e isolados, contenha qualquer perigo de enfraquecer a posição da maioria do comitê central. Em todo caso, tendo em vista que a carta possa dar essa impressão, em outra carta que te enviei com aquela te autorizei a fazer alterações: podia muito bem ter adiado as duas partes e ter colocado logo no início a nossa afirmação de “responsabilidade” da oposição. Por isso, esta tua maneira de pensar causou-me uma impressão muito dolorosa.

Equero dizer-te que entre nós não há nenhuma sombra de alarde, mas somente reflexões ponderadas e frias. Estamos certos que de nenhum modo o mundo entrará em colapso: mas seria tolice movimentar-se apenas se tal colapso estiver prestes a ocorrer, penso eu. Portanto, nenhuma frase feita nos moverá da tentativa de estar na linha correta, na linha leninista no modo de considerar as questões russas. A linha leninista consiste em lutar pela unidade do partido, e não somente pela unidade externa, mas por aquela um tanto mais íntima que consiste em não coexistirem no partido duas linhas políticas completamente divergente sem todas as questões. Não apenas em nosso País, no que diz respeito à direção ideológica e política da Internacional, mas também na Rússia, no que diz respeito à hege-

monia do proletariado e, portanto, ao conteúdo social do Estado, a unidade do partido é condição existencial.

Você confunde os aspectos internacionais da questão russa, questão um reflexo do fato histórico deligação das massas trabalhadoras como primeiro país socialista, e os problemas de organização internacional no campo sindical epolítico. As duas ordens dos fatos são estreitamente coordenadas, todavia são distintas. As dificuldades em que se encontram e em que se foram constituindo no campo organizativo mais restrito, dependem das flutuações verificadas nos mais amplos campos da ideologia generalizada de massa, ou seja, de diminuir a influência e o prestígio do partido russo em algumas áreas populares. Por método, nós quisemos falar apenas dos aspectos mais gerais: quisemos evitar cair na aprendizagem escolar que infelizmente aflora em alguns documentos dos outros partidos e leva a sério as suas intervenções.

Assim, não é verdade, como você diz que nós estamos muito otimistas sobre o bolchevismo real dos partidos ocidentais. Ao contrário. O processo de bolchevismo étão lento e difícil que cada pequeno impasse o aprisiona e o atrasa. A discussão russa e a ideologia das oposições desempenham nesta prisão e atraso um papel muito maior, porque na Rússia as oposições representam todos os velhos preconceitos em relação ao corporativismo de classe e ao sindicalismo que pesam sobre as tradições do proletariado ocidental e atrasam o desenvolvimento ideológico e político. A nossa observação era toda voltada contra as oposições. É claro que as crises dos partidose até do partido russo estão ligadas à situação objetiva, mas o que isso significa? Talvez por isso devamos parar de lutar, devamos parar de esforçarmos para modificar favoravelmente os elementos subjetivos? O bolchevismo ainda consiste precisamente em manter a cabeça no lugar e em permanecer firmes ideologicamente e politicamente até nas situações mais difíceis. A sua observação é, portanto, inerte e sem valor, como as mencionadas no ponto 5, pois nós já conversamos sobre as grandes massas e não da vanguarda proletária. Consequentemente, porém, a dificuldade encontra-se também aqui, a qual não é abstrata, mas unida à massa: e tanto existe como o reformismo como as suas tendências ao corporativismo de classe, ou seja, à não compreensão do papel dirigente da vanguarda, papel a ser conservado até a custo de sacrifício, é muito mais arraigado no ocidente do que na Rússia. Você se esquece facilmente as condições técnicas nas quais se desenvolve o trabalho em muitos parti-

dos, que não permitem a difusão de questões teóricas mais elevadas para além de um pequeno círculo de operários. Todo o seu raciocínio é falho por “burocratismo”: hoje, nove anos após o outubro de 1917, não é mais o *feito da tomada do poder* pela parte dos bolcheviques que pode revolucionar as massas ocidentais, porque isso já foi descontado e já produziu os seus efeitos; hoje está ativa, ideologicamente e politicamente, a ideia (se existe) que o proletariado, uma vez no poder, *pode construir o socialismo*. A autoridade do partido é ligada a esta ideia, que não pode ser inculcada nas grandes massas com métodos de pedagogia escolar, mas somente de pedagogia revolucionária, ou seja, somente pelo *feito político* que o partido russo, na sua completude, se afirma e luta unitariamente.

Sinceramente me desagrada que a nossa carta não tenha sido bem compreendida por você, em primeiro lugar, e que você não tenha de modo algum procurado entender melhor: a nossa carta *inteira* era acusatória contra as oposições, feita não nos termos demagógicos, mas por isso mesmo mais eficaz e mais séria. Peço que anexe aos atos, além do texto da carta em Italiano e o meu bilhete pessoal, também esta.

Saudações cordiais!

Antonio

A Giulia Schucht  
Roma, 27 de outubro de 1926

Querida Julca!

Esta semana também não recebi nenhuma notícia sua. Dia 30, ou seja, daqui três dias, sairei de Roma e tentarei sair do país e me afastar o quanto puder: não tenho certeza se conseguirei ir até o fim, mas existem algumas possibilidades favoráveis. Assim que estiverem território sovieta, emito um telegrama. Mas, também desta vez penso que você não poderá ir à estação em caso de tempo bom e se estiver completamente livre. Assim, entro num período, talvez longo, em que nem terei notícias suas, nem poderei escrever-te. Mas a esperança de nos vermos me consola um pouco.

Um abraço a você e às crianças.

Antonio

*A Giulia Schucht  
Roma, 4 de novembro de 1926*

Minha querida Julca!

Recebi a tua carta de 26 de outubro. Por um incidente precisei voltar a Roma e assim recebi tua carta e ainda posso te responder: todavia, em linhas gerais é uma confirmação da minha carta anterior.

Como queria te acariciar e tê-la bem perto de mim. E fique tranquila: não é verdade que tenho continuamente pensamentos obscuros. Acho que se trata do seguinte: os pensamentos que me vêm à mente, dada a extrema solidão afetiva em que vivo, assumem uma forma esquemática e fria quando tento expressá-los. Uma vez transmitidos a você, que ao contrário de mim vive em um mundo de impressões frescas e vívidas, de tal modo que meus lamentos devem fazer um efeito desastroso e... aterrorizante, como dizes. Mas você deve compreender que tal eleito não é racional, deve procurar reconstruir os meus estados de espírito de acordo com a realidade que você conhece e de acordo com o meu temperamento que se formou em cerca de vinte anos de solidão familiar e de exercício apenas das faculdades críticas. Não acha justo o que eu digo? Eu seria mesmo um desgraçado se não conseguisse fazer você me compreender e sentir, ainda que sob o frio casco das minhas impressões, toda a imensidão do meu amor e da minha serena confiança.

Talvez eu tenha sido mais uma vez desajeitado: não quero fazer você se tornar ainda mais forte do que já é, mas que mantenha a tua serenidade em meio aos acontecimentos e consiga se controlar. Espero ao menos que quando estiver lendo estas palavras, que Delca já tenha se recuperado, e que assim Genia e você possam ir à minha chegada sem grandes preocupações: gostaria de encontrar todos tranquilos, talvez por egoísmo meu. Talvez por um desejo irrefreável de poder desfrutar, de vez em quando, de momentos de alegria. Um abraço bem apertado, *liubjmaia*, e também nas crianças.

Ant.

## ÍNDICE DOS NOMES

### **BARTALINI, EZIO**

Monte San Savino (Arezzo), 1884 - Roma, 1962.

Inscrito no Partido Socialista Italiano desde 1901. Aderiu ao Partido Comunista da Itália desde a sua fundação. Em 1923 foi obrigado a exilar-se e retornou à Itália em 1944.

### **BIANCO, VINCENZO**

Turim 1898 - Fiuggi, 1980.

Operário próximo aos ambientes socialistas, entrou em 1921 no Partido Comunista da Itália. Em 1922 fugiu da Itália refugiando-se na Rússia. Retornando à Itália para coordenar a luta antifascista, em 1931 foi condenado a 11 anos de prisão. Solto por uma anistia em 1936, partiu voluntariamente para a Espanha. No pós-guerra colaborou com o jornal do Partido Comunista Italiano, "*L'Unità*".

### **BORDIGA, AMADEO**

Resina (Napoli), 1889 - Formia (latina), 1970.

Inscrito no Partido Socialista Italiano desde 1910, passou ao Partido Comunista da Itália, do qual foi eleito secretário. Impediu todas as propostas de aliança ou fusão do Partido Comunista da Itália com outros partidos. Condenado pelo fascismo italiano a três anos de confinamento foi sucessivamente expulso do Partido Comunista da Itália por não aceitar o seu bolchevismo.

### **CORSI, ANGELO**

Capestrano (l'Acquila), 1889 - Roma, 1966.

Socialista reformista, trabalhou muito para melhorar as condições dos mineradores da Sardenha. Como deputado no Partido Socialista Italiano, foi perseguido pelo Fascismo.

### **DAFFENU, ATTILIO**

Nuoro, 1890 - Croce di Fossalta (Veneza), 1918.

Estudioso Marxista, participou como advogado do movimento sindicalista revolucionário, empenhando-se também na temática meridionalista italiana. Morreu em combate na Primeira Brigada Sassari, próximo ao final da I Guerra Mundial.

### **FIENGA, DINO**

Scarfati (Salerno), 1893 - Nápoles, 1975.

Médico inscrito no Partido Socialista. Em 1921 aderiu ao Partido Comunista da Itália. Depois de três anos de prisão, expatriou-se na França e sucessivamente combateu na Espanha, nas brigadas internacionais ligadas ao Poup.

### **GALLETTO, LEO**

Turim, 1884 - Turim, 1958.

Pertencente ao Partido Socialista, aderiu ao Partido Comunista da Itália a partir de 1921. Deixou o partido depois de dois anos e trabalhou como jornalista correspondente em Londres.

### **GENNARI, EGIDIO**

Roma, 1876 - Gor'kij (hoje, Novgord - Rússia), 1942.

Professor de matemática, estava inscrito no Partido Socialista, mas aderiu ao Partido Comunista da Itália em 1921. Deputado no parlamento, foi ferido gravemente por um esquadrão fascista. Em 1926 expatriou-se em Moscou, onde foi professor na escola leninista.

### **GRAMSCI, FRANCESCO**

Gaeta (Latina), 1860 - Ghilarza (Oristano), 1937.

Dirigente de um cartório público na Sardenha, foi preso em 1898 (Antonio Gramsci tinha sete anos) por concussão e peculato e condenado a cinco anos de prisão. Morreu em 1937.

### **GRAMSCI, GRAZIETTA**

Ales (Oristano), 1887 - Ghirlaza (Oristano), 1962.

Irmã de Antonio Gramsci, foi fundamental para ajudar a família nos momentos de dificuldade econômica.

### **GRAMSCI, TERESINA**

Sorgono (Nuoro), 1895 - Ghirlaza (Oristano), 1976.

Viveu sempre em Ghirlaza (Oristano) e trabalhou no correio local, começando como telegrafista e chegando ao cargo de direção.

**HUMBERT DROZ, JULES**

La Chaux de Fonds, 1891 - La Chaux de Fonds, 1971

Depois de ter feito estudos teológicos tornou-se Pastor. Aderiu ao Partido Socialista Suíço e em 1921 esteve entre os fundadores do Partido Comunista Suíço. Secretário do partido em 1942 foi destituído do cargo por suas divergências com Stalin. Depois da II Guerra Mundial, reinscreveu-se no Partido Socialista.

**LOMBARDO RADICE, GIUSEPPE**

Catânia, 1879 - Cortina d'Ampezzo (Belluno), 1938.

Colaborador do jornal "L'Unità" de Salvemini. Interventor voluntário na I Guerra Mundial. De 1911 a 1922 foi professor de pedagogia na Universidade. Amigo do filósofo Giovanni Gentile, foi diretor geral das escolas elementares e colaborou com a reforma do ensino público. Demitiu-se de todos os encargos ministeriais por protesto contra o fascismo.

**LUSSU, EMILIO**

Armugia (Cagliari), 1890 - Roma, 1975.

Interventor na I Guerra Mundial, depois do conflito aproximou-se do Partido Socialista de Filippo Turati. Em 1921 fundou o Partido Sardo de Ação. De 1922 a 1926 foi muitas vezes agredido pelos fascistas e ao final de 1926 foi enviado ao confinamento. Depois de ter passado anos no exterior, do pós-guerra, foi ministro da República Italiana.

**MARCIAS, GIUSEPPINA.**

Ghirlaza (Oristano), 1861 - Ghirlaza (Oristano), 1932.

Mãe de Antonio Gramsci. Viúva de um casamento anterior, com duas filhas pequenas. Casou-se com Francesco Gramsci em 1883. Mesmo tendo estudado somente até a terceira elementar, esteve entre as fundadoras do círculo feminino de Ghirlaza.

**MINKIN, ALEKSANDRE**

1887 - 1955.

Aos 23 anos, em 1910, emigrou nos Estados Unidos. Depois de sete anos voltou à Rússia e entrou nos bolchévicos. Fez uma ótima carreira como funcionário de estado na União Soviética até tornar-se vice-presidente da Suprema Corte.

### **MORGARI, ODDINO**

Turim, 1875 - San Remo (Imperia), 1944.

Deputado socialista, foi administrador do jornal “*Avanti*”. Pacifista convicto, depois de ter recebido ameaças do fascismo, transferiu-se imediatamente na França.

### **PJATNICKIJ, OSSIP**

Vil'komir (Lituania), 1882 - Moscou, 1939.

Aderiu desde jovem ao componente bolchevique, sendo sucessivamente eleito na comissão do Profintern, no biênio 1936-1937 foi inicialmente excluído de todos os cargos, depois preso e condenado à morte.

### **RADEK, KARL**

Lemberg (Ucrânia), 1885 - Verchnevrál'sk (Rússia), 1939.

De família hebraica, estudou em universidade na Polônia, Suíça e Alemanha. Entrou no partido bolchevista colaborando com Lenin e Zinov'ev, foi sucessivamente considerado responsável por Zinov'ev, de oportunismo de direita e deportado na Sibéria por dois nos. Depois de ter rompido publicamente com Trockij foi readmitido no partido, mas, em 1936 foi novamente condenado, desta vez a dez (10) anos de prisão, onde morreu.

### **SCHUCHT, GIULIA**

Genebra, 1896 - Peredlkim (Moscou), 1980.

Diplomada em violino pela Academia de Santa Cecília de Roma. Entrou no partido bolchevista em 1912. Em 10 de agosto de 1924 teve um filho com Antonio Gramsci. Depois de ter colaborado com o NKVD (os serviços secretos soviéticos antes da KGB, hoje chamados FSB), viveu em Roma trabalhando na embaixada da URSS. Sucessivamente, retornou à União Soviética.

### **SCHUCHT, EUGENIA**

Tomsk (Russia), 1889 - Moscou, 1972.

Estudou com o pintor Giácomo Balla na academia de belas artes de Roma. Entrou no Partido bolchevista mas em 1922, tendo problemas de saúde foi mandada, graças também à Krupskaja (mulher de Lenin), para um sanatório onde conheceu Gramsci.

**SCOCCIMARRO, MAURO**

Údine, 1895 - Roma, 1972.

Inscrito no Partido Socialista, aderiu sucessivamente ao Partido Comunista da Itália. Colaborou com o jornal *“Ordine nuovo”*. De 1923 a 1926 operou em clandestinidade na Itália, viajando muito para Moscou. Preso em 1926 foi condenado a 20 anos de prisão. Com o retorno de Togliatti a Moscou, tornou-se vice-secretário do Partido e sucessivamente sempre foi senador da República Italiana.

**STALIN**

Gori (Georgia), 1879 - Moscou, 1953.

Stalin era um sobrenome que significava homem de aço. Jovem revolucionário socialista aliou-se a Lenin na facção bolchevique, roubando agências para financiar o partido.

Nomeado em 1922 secretário geral do Comitê Central, iniciou uma hostilidade ideológica com Trotskij que o acusava de autoritarismo. Modernizou a União Soviética graças à indústria pesada e à luta contra o analfabetismo. No biênio 1936 / 1937 aconteceu no PCUS um banho de sangue que varreu qualquer resíduo de oposição a Stalin, eliminando também dirigentes da geração revolucionária, além dos melhores generais do Exército Vermelho. Devemos pesar que dos 139 membros do comitê central do partido, 100 foram presos e fuzilados. Em 1939 criou o pacto Molotov-Ribbentrop, de não agressão com a Alemanha nazista e, em setembro do mesmo ano, invadiu a Polônia.

Depois da II Guerra Mundial, Stalin conseguiu dividir a Alemanha entre República Federal Alemã, aliada ao Ocidente e República Democrática Alemã, aliada da URSS. Iniciou, assim, a Guerra fria que viu na Guerra da Coreia (1950/1953) a apoteose do conflito ideológico.

**TOGLIATTI, PALMIRO**

Gênova 1893 - Jalta (Ucrânia) 1964.

Como jovem jornalista, colaborou desde 1918 com o jornal dirigido por Antonio Gramsci e sucessivamente esteve entre os fundadores da Ordem Nova. Entre os fundadores do Partido Comunista da Itália, foi preso poucos meses em 1923 e novamente em 1925. Fugiu da Itália e ficou um ano em Moscou, depois foi a Paris e Lugano, sempre com o cargo de diretor do centro exterior do Partido Comunista da Itália. Passou dois anos na Espanha, de 1937 a 1939 e depois de 1940 a 1944 ficou na União Soviética.

Retornando à Itália em 1944 foi secretário do Partido Comunista da Itália e sucessivamente deputado da República Italiana até 1964.

### **TROCKIJ, LEV D. (Trótsky)**

Ianovka (Ucrânia), 1879 - Coyoacan (México), 1940.

Intelectual marxista de origem judaica, filho de um humilde trabalhador. Após militar ativamente no Partido Social- Democrata Russo, junta-se ao partido bolchevique de Lênin e lidera o Comitê Militar Revolucionário que tomou o Palácio de Inverno no âmbito da Revolução de Outubro. Nomeado Comissário do Povo para assuntos militares, consegue vencera longa e violenta Guerra Civil Russa (1918 - 1920) contra o Exército Branco, garantindo a sobrevivência do regime soviético, graças ao Exército Vermelho, por ele criado e organizado.

Fez parte da oposição de esquerda com G. Zinoviev L.Kamenev (que, aliás, se casou com a irmã de Trótsky), e foi posteriormente deportado, fugindo para a Turquia, França, até chegar ao México, onde em 1940 foi morto por um assassino enviado pelo serviço secreto russo por ordem de Stalin.

### **TURATI, FILIPPO**

Canzo (Como), 1857 - Paris, 1932.

Fez parte do grupo que fundou, em 1892, o Partido dos Trabalhadores Italianos, transformado em 1895 no Partido Socialista Italiano. Contrário à revolução bolchevique fez afastar em 1919, do grupo parlamentar socialista, as propostas revolucionárias apresentadas pela ala minoritária do Partido. Após a tomada de poder pelos fascistas, foi condenado à prisão e fugiu para a França onde continuou a denunciar o caráter totalitário tanto do fascismo italiano como do socialismo soviético.

### **ZINOV'EV, GRIGORIJ (GREGORI ZINOVIEV)**

Estudou em universidades na Suíça, Alemanha e França e, voltando à Rússia, inscreveu-se no Partido social-democrático. Mesmo sendo colaborador de Lenin, era contrário à insurreição armada e por isto Lenin pediu a sua expulsão do Partido. Depois da morte de Lenin (1924), junto a Kamenev e Stalin, guiou o Partido e o Comintern contra a minoria de Trockij. Sucessivamente, diante da consolidação do poder pessoal de Stalin, criou um grupo de oposição com Trockij e Kamenev. Depois de tersido expulsoe readmitido no partido váriasvezes, foi condenado em 1934 a dez anos de cárcere e em 1936 foi condenado à morte.

## BIBLIOGRAFIA GRAMSCIANA

GRAMSCI, A., “ *l’Ordine nuovo* ” 1919 - 1920, a cura di A. Santucci, Einaudi, Torino, 1987.

GRAMSCI A., *Cronache torinesi 1913 - 1917*, a cura di S. Caprioglio, Einaudi, Torino, 1980

GRAMSCI A., *Il nostro Marx 1918 - 1919*, a cura di S. Caprioglio, Einaudi, Torino, 1984

GRAMSCI A., *La città futura 1917 - 1918*, cura di S. Caprioglio, Einaudi, Torino, 1982.

GRAMSCI A., *La costruzione del partito comunista 1923 - 1926*, Einaudi, Torino, 1978.

GRAMSCI, A., *Epistolario, gennaio 1916 - dicembre 1922*. Istituto dell’enciclopedia italiana, Roma , 2009.

GRAMSCI A., *Lettere 1908 - 1926*, a cura di A. Santucci, Einaudi, Torino, 1992.

GRAMSCI A. *Per la verità. Scritti 1913 - 1926*, a cura di R. Martinelli, Editori Riuniti, Roma, 1974.

## BIBLIOGRAFIAS

AGGIO, A.; HERRIQUES, L.S.; VACCA G. (org.). *Gramsci no seu tempo*. Fundação Astrogildo Pereira. Rio de Janeiro: Coedição Contraponto, 2010.

BARATTA, G. *As rosas e os quadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*. São Paulo: Alameda, 2008.

BOBBIO, N. *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CREHAN, K. *Gramsci, culture and anthropology*. University of California press, 2002.

DEBRUM. M. *Gramsci: Filosofia, política e bom senso*. Campinas: Editora da Unicamp, Centro de Lógica e Epistemologia, 2001.

GILL (org.). *Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LEPRE, A. *O prisioneiro: vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. São Paulo: Cortez, 2004.

ORSINI A. *Gramsci e Turati: le due sinistre*. Rubettino, 2012.

SCHLESENER, A.H. *Antonio Gramsci e la politica italiana*. Curitiba: UTP, 2005.

SECCO, L. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

VACCA, G. *Gramsci tra Mussolini e Stalin*. Roma: Fazi, 2007.

## ORGANIZADORES

### *Dimitrj Zen*

Nacionalidade italiana, participou de uma missão militar pela ONU na África Oriental, Moçambique e Zimbábue (1993). Pós-graduado em bioética, ecologia humana, ciência da comunicação e metodologia do ensino pela Universidade de Veneza. Mestrado em Filosofia pela Universidade de Roma. Iniciou os estudos de doutorado europeu em Filosofia pela Universidade de Lisboa, mas teve de se afastar antes de concluir a pesquisa. Participou do programa de estudos etnolinguísticos em Luanda, Angola (2006). Foi professor, nos cursos de Pós-graduação em Semiótica e Comunicação na Universidade Anhembi-Morumbi de São Paulo (Laureate International University) e de Filosofia e Estética na Faculdade Paulista de Artes (São Paulo). Lecionou Bioética, nos cursos de Pós-graduação da Aprofem (Sindicato dos Professores de SP). Lecionou Linguística e Second Language Acquisition para os Professores da Prefeitura de S.P. Foi Professor da Feci-bsp. Professor de língua italiana instrumental para fins acadêmicos nas Universidades Anhanguera, Faculdade Claretiano, Faculdade Unisantanna e Faculdade Santa Marcellina de São Paulo. Autor do Pequeno Manual das frases feitas da língua italiana (Hucitec); Análise do Discurso das Biotecnologias (Annablume); Ensaios de Comunicação Integrada (Hucitec) e organizador do livro inédito sobre Maria Montessori: compromisso com a educação moral e formação intelectual da criança.

E-mail: dimitrizen@libero.it

### *Ermanno Rodrigues do Nascimento*

Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – Recife/PE), Mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (Uporto – Portugal). Professor do Curso de Filosofia (Licenciatura e Bacharelado) e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Filosofia (PPGFIL) da UNICAP. Autor de livros, capítulos de

livros, artigos e organizador de vários livros. Editor Científico da revista *Ágora Filosófica* do PPGFIL/UNICAP e membro do Comitê de Ética (CEP) da UNICAP.

E-mail: [ermano.nascimento@unicap.br](mailto:ermano.nascimento@unicap.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2064-6813>

## **TRADUTORA**

### *Tatiana Lemes Flausino*

Possui graduação em Geografia (bacharelado e licenciatura plena) pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – FFLCH, da Universidade de São Paulo - USP, e Pós-graduação em educação. Trabalha na área da educação, tendo atuado na Educação Básica das redes estadual, municipal e particular na capital paulista. Desde 2010, leciona exclusivamente como professora do Ensino Fundamental e Médio na rede municipal de São Paulo. Possui Pós-graduação em Educação de Surdos. Coursou, de 2008 a 2012, Língua e Cultura Italiana na Fecibesp, participando como aluna do programa de aquisição de segunda língua para os professores da Prefeitura Municipal de São Paulo e realizou projetos de ensino de língua italiana em escolas da rede pública.